

SINDCALF

70
ANOS

Sindicato da Indústria de
Calçados de Fortaleza





SINDCALF

70
ANOS

Sindicato da Indústria de
Calçados de Fortaleza

UMA HISTÓRIA
SOB NOSSOS PÉS

Leal, Angela Barros

L433s Sindcalf 70 anos: uma história sob nossos pés ./Angela Barros

Leal.-- Fortaleza: Sindcalf, 2014.

144p.: il.

1. Sindicato da Indústria de Calçados de Fortaleza – História 2. Calçados - Indústria - Fortaleza(CE)

3. Sapateiro I. Sindcalf (CE) II. Título

CDD: 338.4

SUMÁRIO



APRESENTAÇÃO	8
1 - A ASSOCIAÇÃO	11
2 - DE ASSOCIAÇÃO A SINDICATO	15
3 - PRIMEIROS PASSOS	23
4 - O PASSO SEGUINTE	29
5 - O SINDICATO CAMINHA	35
6 - A DÉCADA TERMINA	41
7 - INCENTIVOS PARA CRESCER	49
8 - ESPAÇO PARA TODOS	57
9 - OS IRMÃOS CAPELO	67
10 - GRENDENE CHEGA AO CEARÁ	77
11 - TEMPOS DIFÍCEIS	85
12 - UM GAÚCHO NA PRESIDÊNCIA	93
13 - PROFISSIONALIZAÇÃO DO SINDICATO	101
14 - SINDCALF A PASSOS LARGOS	111
15 - UM NOVO MOMENTO	119
FONTES DE CONSULTA	133
DIRETORIA	137

APRESENTAÇÃO



UMA HISTÓRIA SOB NOSSOS PÉS

Quando idealizamos este livro, era nosso objetivo resgatar a história do Sindicato da Indústria de Calçados de Fortaleza ao longo de suas sete décadas de existência. Diante dessa proposta, como Presidente da entidade me senti na obrigação de oportunizar a todos os que participaram desse percurso um momento especial, de destaque próprio, em que fosse possível narrar como se deu a participação de cada um ao longo dessa caminhada.

Acredito que atingimos esses objetivos. Nas páginas que se seguem estão registradas, para nossos filhos, nossos netos e bisnetos, para os de hoje e para as futuras gerações, as múltiplas experiências dos que contribuíram para que o Sindcalf comemorasse 70 anos de muito trabalho, de muita disposição e de muita resistência, enfrentando os desafios trazidos principalmente pela revolução tecnológica do século XXI.

As pessoas são transitórias, novos nomes vêm, no ciclo natural ao qual todos nós obedecemos. Mas as instituições, essas se perpetuam. E permanecem muito mais sólidas se soubermos garantir sua sustentabilidade, se conseguirmos erguer seus padrões de qualidade e profissionalismo, para buscarmos os instrumentos que fortaleçam a confiança nelas depositada.

Meu sentimento, e acredito que seja o mesmo da Diretoria, é o de que fizemos o que foi preciso para nos qualificar e nos aproximar em termos de associação industrial, promovendo

viagens de negócios, buscando conhecimento no exterior, apoiando seminários e eventos, participando de maneira profissionalizada dos assuntos de Fortaleza, do Ceará e do Brasil.

Outros virão em nossos passos. Esses terão aqui um guia seguro do que alcançamos ao priorizar o respeito mútuo, a capacitação, a valorização profissional e o foco na união.

Meus agradecimentos a todos.



Jaime Bellicanta

Presidente do Sindcalf



1

A ASSOCIAÇÃO

1



A ASSOCIAÇÃO

No meio da tarde do dia 29 de novembro de 1942, em uma sala do prédio localizado à Rua Major Facundo, nº 1145, no centro de Fortaleza, reuniram-se vinte industriais de calçados, atuantes na Capital. Às 15 horas daquele domingo teve início a reunião. O tempo era de guerra, e os treinamentos noturnos de *blackout* encurtavam os dias de todos. **Leodolfo Dantas Bacellar** presidiu o encontro e anunciou o objetivo que levaria os 20 industriais até ali. Em poucas palavras, buscava-se “a instalação de uma sociedade que congregasse os elementos da respectiva classe”¹. O setor vivenciava dificuldades, e era urgente enfrentá-las.

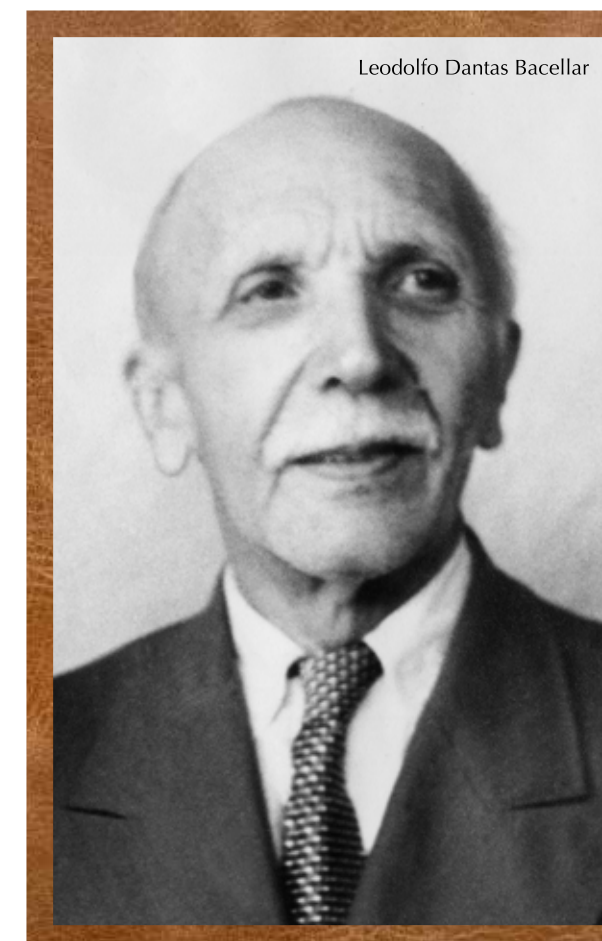
Além dos industriais estava presente à reunião o funcionário da 5ª Delegacia Regional do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, **Raimundo Cleto Soares Bulcão**, que explicou ao seletivo grupo as vantagens para a classe de organizar-se “nos termos da legislação sindical vigente”. Fundamentando seu discurso **Raimundo Cleto** apresentou “minuciosa exposição das conveniências da organização sindical”. Concluída a apresentação o Presidente da reunião propôs que fosse considerada instalada a Associação Profissional da Indústria de Calçados de Fortaleza.

Já atuavam na Capital, desde a década anterior, o Sindicato dos Operários de Curtume, no bairro Jacarecanga, e o Sindicato dos Empregados em Sapatarias, funcionando na Rua Major Facundo, nº 196², com reuniões igualmente nas

tardes dominicais³. Os industriais de calçados haviam atrasado o passo, mas a reunião com o funcionário da 5ª Delegacia Regional os colocaria no rumo desejado.

Após aprovada a proposta de instalação da Associação Profissional da Indústria de Calçados de Fortaleza passou-se à leitura de seus estatutos sociais, cujos artigos foram também aprovados por unanimidade. A eleição para Diretoria e Conselho Fiscal apresentou seus resultados, sem

perda de tempo. Assim, tomaram posse dos cargos **Leodolfo Dantas Bacellar**, Presidente da Associação, compondo a diretoria com **Agnelo Melo Falcão** e **Francisco Ferreira Gomes**. Tinham como suplentes **Edgar Carvalho**, **Francisco Ayres Falcão** e **Francisco Pinto Ferreira Gomes**. Passavam a ser membros do Conselho Fiscal **Antônio Felipe de Santiago**, o mais idoso do grupo, **Odorico Patrício de Lima** e **José Ribeiro Verde**, tendo como suplentes **Manoel Rodrigues Magalhães**, **Antônio de Souza Leite** e **João Cordeiro**.



Leodolfo Dantas Bacellar

Os eleitos foram empossados no ato. Ao final, os oito membros da mesa retiraram dos bolsos dos paletós as suas canetas-tinteiro para assinar com mão firme o primeiro livro de Ata da recém-nascida entidade⁴, cuja história se estenderia pelo século seguinte.

1 - SINDCALF. Ata, 29 nov.1942. (Documento manuscrito).

2 - No mesmo endereço da Rua Major Facundo reuniam-se os seguintes Sindicatos: dos Proprietários de Veículos de Carga; dos Carregadores de Fortaleza; dos Empregados em Cafés e

Hotéis de Fortaleza; dos Operários Municipais; e dos Engraxates de Fortaleza.

3 - GUIA DA CIDADE DE FORTALEZA 1939. Fortaleza, 1938. p.37.

4 - Cf. SINDCALF, 1942. Constam as assinaturas de: **Leodolfo Dantas Bacellar**, **Francisco Pinto Ferreira Gomes**, **Francisco Ferreira Gomes**, **Antônio Felipe de Santiago**, **Pedro Rodrigues de Souza**, **Antônio de Souza Leite**, **Odorico Patrício de Lima** e **Agnelo Melo Falcão**.



2

DE ASSOCIAÇÃO A SINDICATO

2



DE ASSOCIAÇÃO A SINDICATO

Era, portanto, 1942, o ano em que o sol foi vaiado na Praça do Ferreira pela tímida aparição após semanas de chuva. O ano em que o diretor norte-americano **Orson Welles** chegava ao Ceará para filmar *It's all true*, reconstituição da aventura de jangadeiros cearenses na luta pelo reconhecimento oficial da profissão, com final infeliz para o jangadeiro **Manuel Jacaré**, afogando-se nos mares da Guanabara. O ano em que navios civis estavam sendo torpedeados por submarinos alemães em águas brasileiras, e o povo de Fortaleza saiu às ruas centrais da cidade para um nunca visto *quebra-quebra* de revolta contra as nações do Eixo. O ano em que a moeda até então vigente, o mil réis, perdia três zeros e passava a ser cruzeiro¹. Um ano de novidades, conflitos e incertezas.

Em agosto de 1942, **Getúlio Vargas** assinou declaração de guerra com a Alemanha, impelindo o Brasil para o conflito em cujo final encontraria sua própria queda, saindo da vida para entrar na História. Embora estando o País distante do centro dos combates, muitas foram as medidas intervencionistas tomadas pelo Executivo para a necessária adequação ao período bélico.

Do Governo Federal partiria nota oficial de teor político, publicada nos jornais de maior circulação nos estados, aludindo ao estado de emergência em que o Brasil se encontrava: “Devem todos advertir-se da conveniência de evitar a prática de atos que forcem a autoridade a agir na conformidade dos poderes excepcionais de que acha investida”². Uma das medidas, essa de conteúdo econômico, incidiria diretamente sobre a indústria calçadista nacional.

1 - AZEVEDO, Miguel Ângelo de (Nirez). *Cronologia ilustrada de Fortaleza: roteiro para um turismo histórico e cultural de Fortaleza: Banco do Nordeste*, 2001. 06/10/1942.
2 - MOTA, Leonardo. Datas e fatos para a história do Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará* t. LXXVI. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1962. p.217.

A Coordenação da Mobilização Econômica foi criada no mês seguinte à declaração de guerra. O órgão tinha sede na capital da nação, Rio de Janeiro, com escritórios regionais em outros estados, como no Ceará, e objetivava “coordenar o funcionamento da economia brasileira no contexto de emergência, diretamente subordinado ao Presidente da República”³. A chamada Mobilização dividia-se em Departamentos focados no abastecimento, no licenciamento de produtos importados, na produção industrial e no controle dos preços de artigos essenciais, como alimento e vestuário. Os calçados incluíam-se no controle e deveriam manter seus preços “rebaixados”.

A reunião seguinte da Associação Profissional das Indústrias de Calçados de Fortaleza aconteceu em 20 de dezembro de 1942, outra vez às 15 horas de um domingo. Cinco dias antes dera-se em Fortaleza, “inesperadamente”⁴, o primeiro *blackout* absoluto, não deixando a população esquecer que a guerra rondava a costa cearense. O endereço do encontro entre os profissionais calçadistas era outro - Rua Meton de Alencar, nº 883 - e na pauta da Assembleia Geral Extraordinária daquele dia estava a deliberação “sobre o pedido de reconhecimento desta Associação como Sindicato representativo da respectiva categoria econômica - indústria de calçados”.

A Ata registra que foram nomeados como secretários da reunião os sócios **Francisco Pinto Ferreira Gomes** e **Francisco Ferreira Gomes**, e como escrutinadores **Manoel Rodrigues Magalhães** e **Agnelo Melo Falcão**.

3 - FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. CPDOC. *O Brasil na guerra: Coordenação da Mobilização Econômica*. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/produção/dossiers/AEraVargas1/anos37-45>. Acesso em: 8 fev.14.
4 - Cf. MOTA, 1962. p.233.

Apuração das eleições do Sindicato da Indústria de Calçados de Fortaleza.

... (p. 2) dias do mês de outubro, do ano de 1944, e a seguinte e qualis (1944), na sede social em epigrafe, sob a presidência de Sr. ...

Representantes: efetivos: Edgard Guimarães, suplentes: Epitácio ... não tendo havido protestos e sendo Presidente da mesa ...

Assinado por quem dá fé ...

O MINISTRO DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DO TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO

FAZ SABER a quantos esta CARTA virem que, atendendo ao que requereu a ASSOCIAÇÃO PROFISSIONAL DA INDÚSTRIA DE CALÇADOS, DE FORTALEZA com sede em Fortaleza no Estado do Ceará

resolve aprovar os respectivos estatutos e reconhecê-la, sob a denominação de SINDICATO DA INDÚSTRIA DE CALÇADOS, DE FORTALEZA

como sindicato representativo da categoria econômica da indústria de calçados na base territorial do Município de Fortaleza com sede em Fortaleza no Estado do Ceará de acôrdo com o regime instituído pelo decreto-lei n. 1.402, de 5 de julho de 1939.

E, para firmeza, mandou passar a presente CARTA, que vai por ele assinada.

Rio de Janeiro, 4 de julho de 1944.

O Presidente da assembleia, **Antônio Felipe Santiago**, submeteu à votação a deliberação de pedir o reconhecimento da Associação como Sindicato, o que foi aprovado por unanimidade de votos, mediante votação secreta. Os estatutos sociais, previamente prontos, foram lidos artigo por artigo, votados, e aprovados também por unanimidade. Agora, era aguardar a resposta da Capital federal.

A questão sindical se impunha como um dos pilares do Estado Novo de Getúlio. Em todas as capitais eram proferidas palestras nas emissoras de rádio propagando a relevância de uma organização sindical em massa para o futuro do País. Entre os primeiros a se manifestarem a favor, aos ouvidos atentos dos fortalezenses, listavam-se o Interventor do Estado, **Francisco**

Menezes Pimentel, e **Raul Uchoa**, Delegado Regional do Trabalho⁵.

Dezenove meses se passariam entre a reunião de dezembro de 1942 e a aprovação do reconhecimento sindical. Assuntos mais emergenciais deveriam se encontrar ocupando as agendas das autoridades, e somente no dia 14 de julho de 1944, uma sexta-feira, o Ministro de Estado dos Negócios do Trabalho, Indústria e Comércio, **Alexandre Marcondes Machado Filho** (1941-1945) - que em março do ano anterior prestigiara Fortaleza com uma visita⁶ - assinaria finalmente a **Carta Sindical** estabelecendo o Sindicato da Indústria de Calçados, de Fortaleza, oficializado como representativo da categoria econômica da indústria de calçados.

5 - Cf. MOTA, 1962. p.244.
6 - MOTA, op. cit. p.238.

O jornal cearense *Gazeta de Notícias* publicou artigo assinado por **José Diogo da Silveira**⁸, permitindo visualizar as condições da época no que se refere à produção de calçados. “A Mobilização Econômica lançou um apelo, no sentido de a indústria nacional de calçados vender esse produto à razão de 50 cruzeiros o par”, escreveu **José Diogo**, que em 1948 se elegeu vereador de Fortaleza⁹.

“Atendendo à solicitação, aquela empresa industrial prontificou-se a fabricar um tipo popular de calçados para os que dispõem de poucos recursos. Os preços atuais torturam os chefes de família, por causa da elevação do

8 - SILVEIRA, José Diogo da. In: Jornal *Gazeta de Notícias*. Fortaleza, 21 jul.1944.

9 - Cf. AZEVEDO, 2001, 01/01/1948.

custo desse indispensável produto, que dia a dia aumenta. Criando-se o modelo standard evitaremos que o consumidor pobre ande descalço, à falta de meios pecuniários. A Mobilização certamente, obrigará aquela companhia a cumprir a promessa feita, de produzir calçados ao alcance de todos. Essa medida é oportuna e ao mesmo tempo patriótica, visando melhorar as condições dos desafortunados.”

Como valor comparativo, uma cerveja gelada, vendida no Bar Caio Prado, servida à sombra do arvoredo do Passeio Público, custava Cr\$ 6,00¹⁰ - ou seja, um par de sapatos ao custo de pouco mais de oito cervejas.

10 - SILVEIRA, op. cit. 1944.

Nesse mesmo mês de julho de 1944 a Associação Comercial do Ceará recebeu comunicado do Coordenador da Mobilização Econômica alertando para a necessidade de “prévia licença” na exportação de couros, solas e calçados⁷. O controle sobre a produção não havia arrefecido e adaptava-se ao novo momento da guerra, que a essa altura já contava com a participação efetiva de tropas brasileiras, diretamente envolvidas nos combates na Europa.

Com a **Carta Sindical** em mãos os calçadistas fortalezenses voltam a se reunir no mesmo horário de antes, às 15 horas do domingo, 19 de novembro de 1944, dessa vez no edifício da Sociedade 24 de Junho. A Assembleia Geral Extraordinária do Sindicato da Indústria de Calçados de Fortaleza havia sido convocada para eleger a Diretoria que iria conduzir o primeiro período administrativo após seu reconhecimento como órgão representativo da categoria.

7 - JORNAL O NORDESTE. Fortaleza, 10 jul.1944.

Seguindo a determinação dos Estatutos, **Leodolfo Bacellar** passou a presidência da Assembleia ao membro mais idoso do Conselho Fiscal, **Antônio Felipe Santiago**, sendo nomeados secretários e escrutinadores os associados **Francisco Ferreira Gomes**, **Pedro Rodrigues de Souza**, **Francisco Pinto Ferreira Gomes** e **Odorico Patrício de Lima**.

Ao final, os 22 sócios presentes e no gozo de seus direitos sociais sindicais elegeram, por unanimidade, os componentes da chapa única registrada: **Francisco Pinto Ferreira Gomes**, Presidente; **Odorico Patrício Lima**, Secretário; e **Agnelo Melo Falcão**, Tesoureiro; tendo **Francisco Ferreira Gomes**, **José Martins dos Santos** e **Pedro Rodrigues de Souza** como respectivos suplentes. Para o Conselho Fiscal, **Pedro Alves Moreno**, **Raimundo Braz da Silva** e **Alfredo Rodrigues Cavalcante**, e seus suplentes **Oswaldo Barbosa de Moura Nunes**, **José Amâncio Leite** e **Antonio Felipe de Santiago**.

Em 26 de julho de 1944, um fabricante de calçados ganhou espaço indesejado nos jornais locais. A *Gazeta de Notícias* trouxe a seguinte reportagem: “PRINCÍPIO DE INCÊNDIO - O Sr. **Benedito Ricarte da Silva** é sapateiro e tem a sua oficina estabelecida à Rua Castro e Silva, nº 280, onde reside também com a sua família. Ontem a tarde o sapateiro mandou o menor **Abner Lucena**

buscar uma certa quantidade de cola necessária ao trabalho da ocasião, no último quarto da casa. Abner, com a imprevidência da infância, riscou um fósforo junto à cola, incendiando-a, provocando o calor a explosão de uma lata de gasolina que se encontrava por perto e lavrando então um incêndio. Felizmente, os bombeiros chegaram a tempo de salvar o lar do modesto sapateiro”.

3

PRIMEIROS PASSOS



3



PRIMEIROS PASSOS

Até o final da guerra o Sindicato se reuniria apenas mais uma vez, em 22 de abril de 1945, novamente no número 833 da Rua Meton de Alencar - endereço já configurado como Sede Social - contando com a presença de oito associados, convocados para tratar de fato inusitado: sem maiores explicações, estava em pauta a renúncia coletiva de todos os membros da Diretoria e do Conselho Fiscal.

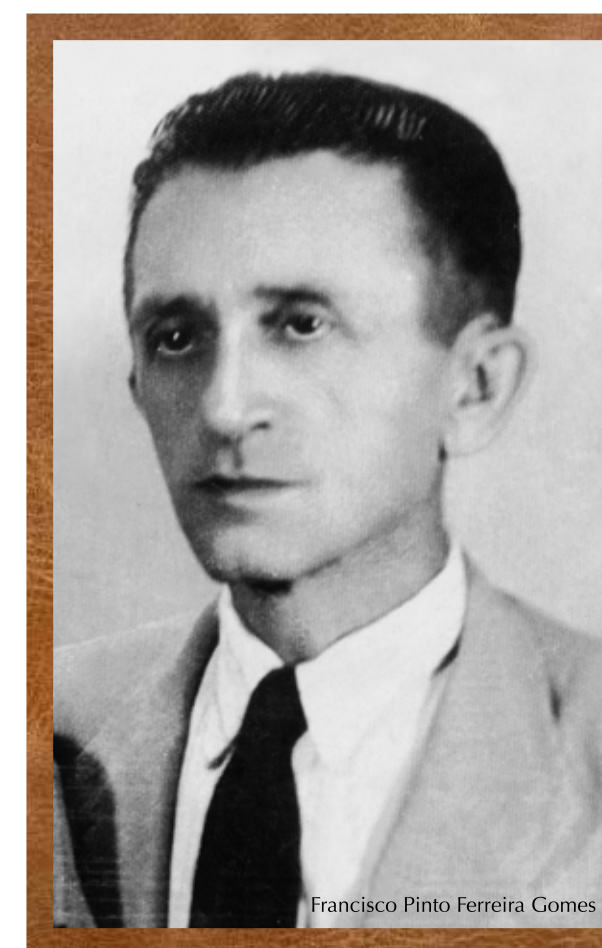
Leodolfo Dantas Baccellar, que ainda surge referenciado na Ata como Presidente do Sindicato, declarou abertos os trabalhos daquela Assembleia Geral Extraordinária. Cumprindo com o procedimento das reuniões anteriores, passou a presidência dos trabalhos a **Antônio Felipe de Santiago**, que leu o documento da renúncia, aceita por todos. Foi escolhida por aclamação uma Junta Governativa Provisória para dirigir o Sindicato “até a posse dos novos poderes dos mesmos”.

Os escolhidos procederam a uma eleição entre si, ficando os cargos distribuídos da seguinte forma: Presidente **Francisco Pinto Ferreira Gomes**, Secretário **Raimundo Braz Silva**, e Tesoureiro **Francisco Ferreira Gomes**, todos imediatamente empossados. Formava-se assim a

Diretoria que iria conduzir o Sindicato no período de 1945 a 1950.

Carlos Ferreira Gomes, nascido em 1932, é filho de **Francisco Pinto Ferreira Gomes**. Guarda na memória de seus tempos de adolescente as lembranças do pai atuante na profissão, conduzindo uma fábrica pequena - “

uma fabriqueta”, como diz - de calçado escolar “para meninos e meninas”. Localizada inicialmente na Rua Pero Coelho, via que cruza a Av. Dom Manuel entre a Av. Heráclito Graça e a Rua Pinto Madeira, àquela época área da cidade ainda pouco habitada, **Francisco** mudou-se de lá com a família para a Rua Jaime Benévolo, mantendo a fábrica em funcionamento na Rua Pedro Pereira, Centro da cidade.



Francisco Pinto Ferreira Gomes

Família e trabalho voltaram a se reunir com a mudança seguinte, dessa vez para a larga Av. Tristão Gonçalves. A casa, muito grande, dispunha de espaço nos fundos para o funcionamento da fábrica. Esse não seria o último endereço dos Ferreira Gomes, para quem mais uma mudança estava no roteiro. **Francisco Pinto Ferreira Gomes** instalou-se com a família em um sobrado na

Av. Alberto Nepomuceno, na altura de onde hoje passa o viaduto, flanco Sul do Forte de Nossa Senhora da Assunção, próximo do atual Mercado Central. No terreno de baixada, com um agradável jardim na vizinhança, não perdeu a continuidade de suas atividades fabris.

Talvez devido a tantas mudanças o jovem **Carlos** não tivesse manifestado maiores interesses em seguir a profissão paterna. Cumprindo o destino dos cearenses da época foi embora para São Paulo, onde garantiu o sustento trabalhando com eletricidade. Formou-se em eletrônica, montou e consertou aparelhos de rádio, e

Enquanto não dispunha de uma sede permanente o Sindicato calçadista de Fortaleza se deslocava pela Cidade.

passou a ser funcionário da Aeronáutica “consertando rádio de avião”, como afirma. Os calçados iriam entrar na vida dele, mas somente a partir de meados da década de 1960.

De volta a Fortaleza trabalhou na área calçadista com um cunhado, aprendeu o serviço, tomou gosto e montou a própria fábrica, seguindo por fim os passos do pai. Na Fábrica Curumim, **Carlos Ferreira Gomes** passou a produzir, como fizera **Francisco**, sapatos escolares infantis, “tipo Vulcabras”, como esclarece. Começou com dois funcionários, na Rua Padre Valdevino, e no

auge das atividades chegou a ter 40, produzindo até 500 pares por dia.

Pelo que recorda **Carlos**, a essa época o pai **Francisco Pinto Ferreira Gomes**¹ não mais mantinha vínculo com o Sindicato da indústria calçadista. O próprio **Carlos** confessa nunca ter sido frequentador assíduo da entidade, embora lembre bem que, sob a presidência de **Edgard Alves Damasceno** (1962-1981), tenha chegado a participar de algumas reuniões, na sede social localizada no Edifício Jangada.

Enquanto não dispunha de uma sede permanente o Sindicato calçadista de Fortaleza se deslocava pela cidade. Coincidentemente ou não, a reunião seguinte, acontecida em 3 de outubro de 1948, registrava como endereço para aquela Assembleia Geral Ordinária uma sede provisória: o número 173 da Av. Alberto Nepomuceno - a mesma avenida na qual residia a família de **Francisco Pinto Ferreira Gomes**. Se essa solitária reunião acontecera no próprio endereço do Presidente, isso os 82 anos de idade de **Carlos Ferreira Gomes** não possibilitam garantir. “Não posso dizer exatamente...”, ele hesita, “mas a casa era grande”.

O fim do conflito mundial, em 1945, alterando fontes de fornecimento de matéria-prima, mudando as regras de importação e exportação, bem como o falecimento do secretário **Raimundo Braz da Silva**, devem ter influenciado na dinâmica do Sindicato calçadista fortalezense, que nos dois anos seguintes continuaria sofrendo graves abalos externos e internos, pondo em risco sua própria continuidade.

1 - Francisco Pinto Ferreira Gomes, faleceu em setembro de 1989.

Naquela reunião de outubro de 1948, além dos associados estava presente **Rubens Brandão da Rocha**, representante do Delegado do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. Estava ali com a importante missão de injetar ânimo na categoria, que se encontrava em meio a uma séria crise. **Rubens** “fez ver aos presentes a necessidade de soerguer o Sindicato. Concitou-os a trabalhar na reestruturação social e econômica do mesmo, sendo este o único meio pelo qual poderiam reivindicar os seus direitos dentro da ordem”. Estando bem organizado, disse ele, o Sindicato seria “o legítimo defensor de seus associados”.

Eram 285 os estabelecimentos industriais que confeccionavam calçados em todo o Estado, a maior parte deles atuando na Capital². O papel do Sindicato se mostrava dos mais relevantes, não podendo recuar. O Delegado finalizou sua mensagem com eloquência e dramaticidade, pedindo aos associados “que não se deixassem minar pelo desânimo, que tivessem esperança, e continuassem a trabalhar em prol da classe até à vitória definitiva”.

Antes do final da reunião foi escolhido quem substituiria na Secretaria o falecido **Raimundo Braz da Silva**, “de saudosa memória”, tendo sido indicado o nome de **Francisco Pinto de Almeida**, “escolha aceita para contentamento de todos”. Ocuparia o cargo interina-

2 - ANUÁRIO DO CEARÁ 1952. Fortaleza, 1951. p.91.

Eram 285 os estabelecimentos comerciais que confeccionavam calçados em todo o Estado.

mente até efetivar-se a devida nomeação pelo Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio.

Foi ainda apresentado à mesa um dos agudos problemas do momento, o caso do Imposto Sindical que, “em virtude do grande número de fabricantes da nossa indústria, e da falta de organização de nossa classe, está sendo em grande parte arrecadado por outras fontes, verificando-se dessa forma grande perda para o Sindicato”.

Animados pelas palavras de **Rubens Brandão** os associados chegaram a um consenso. A Secretaria providenciaria uma “lista nominativa de todos os componentes da indústria calçadista”, lista essa a ser enviada à Delegacia

Regional para as devidas providências. A reunião seguinte do Sindicato voltaria a acontecer somente em 1950. De uma forma ou de outra, as ações empreendidas trouxeram resultados e o Sindicato seguiu em frente.



Carlos Ferreira Gomes, filho do segundo Presidente do SINDCALF, Francisco Pinto Ferreira Gomes.

A stack of papers is shown on the left side of the image, with a white diagonal overlay on the right side. The papers are stacked and slightly curved, showing their edges. The overlay is a white triangle that points towards the top right corner. The text '4' and 'O PASSO SEGUINTE' is positioned within the white overlay area.

4

O PASSO SEGUINTE

4



O PASSO SEGUINTE

O Sindicato da Indústria de Calçados de Fortaleza daria importante contribuição ao setor industrial como um todo. Em 1950, era um dos cinco Sindicatos legalmente exigidos para totalizar o número mínimo que permitiria a existência de uma Federação de Indústrias no Ceará. Tinha sido o quarto a ser criado no Estado, antecedido pelo Sindicato da Indústria de Fiação e Tecelagem em Geral do Estado do Ceará (28/11/1941), pelo Sindicato de Alfaiataria e Confeções de Roupas para Homens de Fortaleza (11/12/1941), e pelo Sindicato da Construção Civil de Fortaleza (21/10/1942), sendo seguido pelo Sindicato da Indústria de Tipografia de Fortaleza (28/09/1945)¹.

A Ata da Assembleia Geral do Sindicato da Indústria de Calçados de Fortaleza, com data de 15 de março de 1950, documenta o encontro decisivo para o surgimento da Federação local das indústrias. O presidente **Francisco Pinto Ferreira Gomes** convocou os associados para reunirem-se na sede da Rua Meton de Alencar, nº 833, às 9 horas da manhã daquela quarta-feira, com o propósito único de solicitar à entidade que se manifestasse quanto à fundação da Federação, que congregaria os Sindicatos patronais da indústria cearense. O Presidente não tinha dúvidas que tal fato representava *“grande importância para as classes econômicas de todo Estado”*.

Para a composição da mesa decisora foram chamados os membros da Diretoria **João Pinto da Fonseca** e **Francisco Ferreira Gomes**. O Presidente solicitou aos presentes que se pronunciassem sobre a proposta da entidade, a ser denominada Federação das Indústrias do Estado do Ceará. Vários foram os associados a se manifestarem de viva voz, corroborando o ponto de vista do Presidente e considerando a fundação do órgão federativo como *“um grande passo para um maior desenvolvimento industrial do Ceará”*.

¹ - NOBRE, Geraldo da Silva. *O Processo histórico de industrialização do Ceará*. Fortaleza: SENAI, 1989.

Dois dos presentes foram escolhidos por voto secreto para integrar o Conselho de Representantes da Federação, devendo tomar parte na próxima reunião da futura organização classista. **Francisco Pinto Ferreira Gomes** e **Francisco Ferreira Gomes** foram os indicados para demonstrar *“integral apoio da entidade [Sindicato da Indústria de Calçados de Fortaleza] àquela organização de classe [FIEC]”*.

E assim foi. Os representantes dos Sindicatos patronais se reuniram, em 12 de maio daquele ano de 1950, quando se deu a expedição da carta de reconhecimento da FIEC, que teve como primeiro Presidente o industrial **Waldir Diogo de Siqueira** e como primeira sede o elegante Edifício Jangada, situado na Rua Major Facundo, Centro da cidade.

Semanas mais tarde reuniram-se também sete sindicatos operários para fundar seu órgão representativo: a Federação dos Trabalhadores nas Indústrias do Ceará, reconhecida pelo Ministério do Trabalho no último dia de novembro de 1950. Instalou-se na sede do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Calçados de Fortaleza, Rua Domingos Olímpio, nº 1683, mudando-se logo depois para o número 1419 da mesma rua².

Os integrantes do Sindicato patronal da indústria calçadista de Fortaleza só voltaram a se encontrar formalmente quase três anos mais tarde, em 17 de março de 1953, às 20 horas, convocados por **Edmilson Quinderé**. Era ele o Presidente, desde 1950, e permaneceria no cargo por quatro anos.

Edmilson Valente Quinderé era filho de **João** e **Marieta Quinderé**, pais também de **Caio**, **Alde-nor** - que se tornaria General - **Perboyre**, e **Nilce**, nascidos em Fortaleza. Aos 44 anos, **Edmilson** era casado com **Maria Ester Correia**, com quem tinha uma única filha, **Zuila Maria**, que daria seis netos ao casal. Nenhum deles prosseguiria nas atividades calçadistas. “Em sua maio-

² - Cf. AZEVEDO, 2001.

ria, são comerciantes e grandes vendedores”, informa **Lília Quinderé**, uma das netas.

Lília conviveu pouco com o avô, que faleceu no Rio de Janeiro, em 3 de fevereiro de 1969, aos 60 anos. Apesar disso, nas visitas periódicas ao apartamento onde ele morava, no Leme, colheu saborosas recordações.

“Meu avô era um homem de tempera”, afirma **Lília**, “e muito espirituoso. Lembro de uma boa história dele. Um dia chamou um dos irmãos, **Perboyre**, para acompanhá-lo ao Cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro, interessado em comprar um jazigo. Dizem que depois de olhar atentamente os nomes dos futuros vizinhos, exigiu que fossem plantadas algumas

árvores em volta, pois o calor do Rio de Janeiro era infernal”. Ela ri: “Esse era meu avô!”



Edmilson Quinderé

O bem humorado **Edmilson** possuía uma fábrica e uma loja de calçados na Rua Barão do Rio Branco, entre as Ruas Guilherme Rocha e Liberato Barroso, com o nome de Granfina, além de deter a representação da pasta dentifícia Colgate. Era um homem sociável, de muitos amigos, entre os quais o industrial **Audízio Pinheiro**. “Tinha cadeira cativa no Country Club, onde costumava tomar seu uisquinho antes de ir para casa”, assinala a neta. E ao chegar à pre-

sidência **Edmilson** inaugurou novo momento para o Sindicato.

sidência **Edmilson** inaugurou novo momento para o Sindicato.



Leila, Lília e Maria Ester Quinderé, netas do ex-Presidente Edmilson Quinderé

O período itinerante acabara. Os industriais de calçados já dispunham de sede social oficializada, situada no elegante Edifício Jangada, Rua Major Facundo, nº 253, terceiro andar, salas 9, 10 e 11. Tratava-se do endereço da Federação das Indústrias do Estado do Ceará, repartido pelos cinco sindicatos fundadores e, até 1984 - ano em que a entidade maior transferiu-se definitivamente para a Av. Barão de Studart, nº 1980 - por uma dezena dos sindicatos que foram sendo criados.

Os 18 associados que compareceram à reunião de março de 1953, debateram questões referentes à Comissão do Salário Mínimo. Deveriam ser elaboradas e apresentadas listas tríplices com os nomes dos vogais e suplentes sugeridos para compor a referida Comissão, atendendo ao biênio a ter início no mês de maio daquele ano.

Além do Presidente, assinaram a Ata: **Carlos Meireles Passos, José Raimundo Passos, Raimundo Lopes de Souza**

e **Exedito Pereira de Oliveira**, servindo, respectivamente, como secretários e escrutinadores da sessão.

O resultado da eleição para a Comissão do Salário Mínimo colocou como vogais os calçadistas **Oscar de Castro, Exedito Pereira de Oliveira e Edmilson Quinderé**, apontando como suplentes **Francisco Amaral, Francisco Ferreira Gomes e Carlos Meireles Passos**.

Nesse início dos anos 1950 o setor voltava a se movimentar. Duas reuniões quase consecutivas aconteceram no mesmo mês e ano - 20 e 24 de junho de 1953. A primeira delas visava compor a lista tríplice a ser apresentada ao Tribunal Regional do Trabalho da 7ª Região, em atendimento ao disposto no art. 662 da Consolidação das Leis do Trabalho.

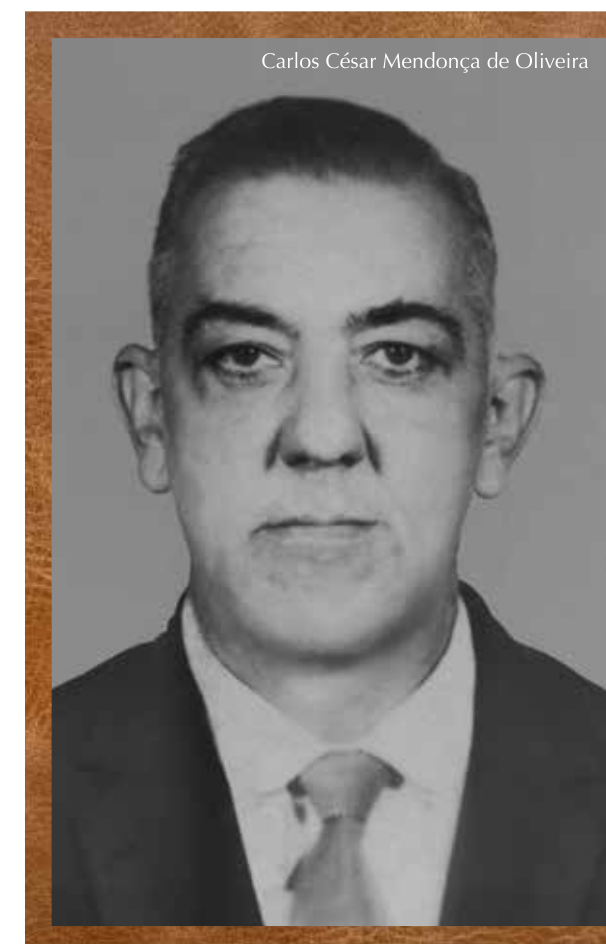
José de Freitas Cavalcante presidiu a sessão, como membro mais idoso do Conselho Fiscal

presente ao evento. Foram escolhidos para integrar a lista os associados **Exedito Pereira de Oliveira, Firmino Alves de Araújo e Carlos César Mendonça de Oliveira**. Novo nome surge na assinatura da Ata: o do calçadista **Francisco Pessoa de Castro**.

A segunda reunião de junho, acontecida no dia 24, fora convocada para indicar os componentes de mais uma lista tríplice, dessa vez a ser apresentada à já atuante Federação das Indústrias cearenses, para definição dos representantes dos em-

pregadores. Foram indicados **Edmilson Quinderé, João Pinto da Fonseca e Francisco Pessoa de Castro**, e seus suplentes **Carlos Meireles Passos, Raimundo Lopes de Sousa e Francisco Amaral**. Estes integrariam o Conselho Regional do Serviço Social da Indústria - SESI, estabelecido no Ceará desde 1948³, dando a partida em longa e proveitosa parceria.

3 - Cf. AZEVEDO, 2001. 07/06/1948.



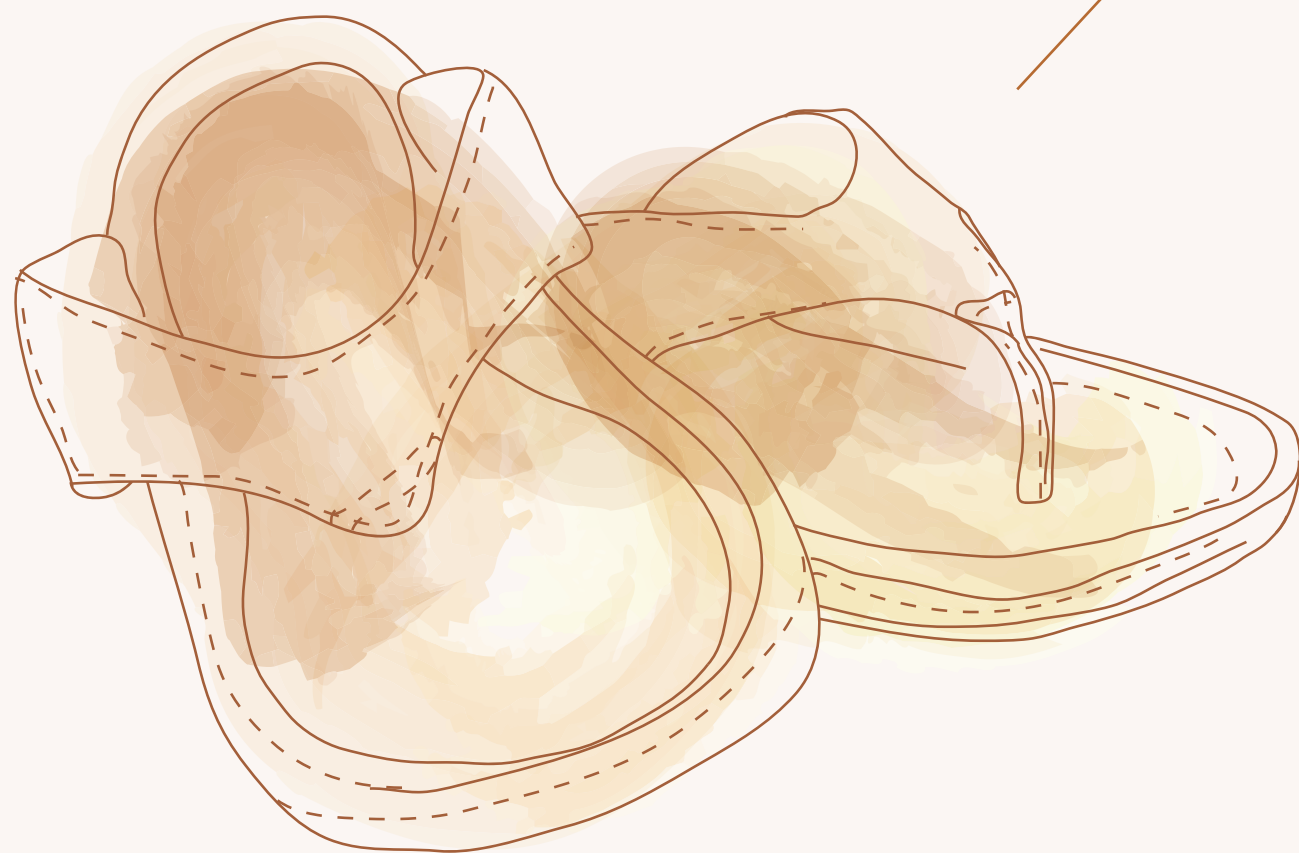
Carlos César Mendonça de Oliveira



5

O SINDICATO CAMINHA

5



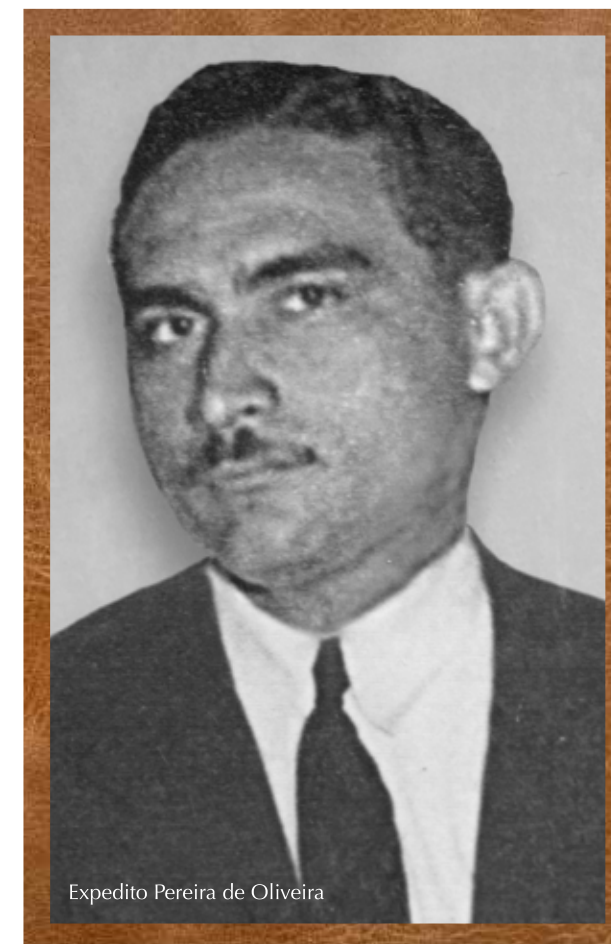
O SINDICATO CAMINHA

Carlos César Mendonça de Oliveira era o Presidente do Sindicato da Indústria de Calçados na Assembleia Geral de 29 de março de 1954, que discutiu e votou o relatório, o balanço e as contas do exercício anterior, cumprindo com as exigências do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. Entre os 21 associados que assinaram a Ata referente àquele dia constam também os nomes de **Alcides Rodrigues de Oliveira, Antonio Dantas Filho, Benedito Oliveira Santos, Francisco Chagas da Costa, Francisco Lopes Coelho, Geraldo Saraiva Nobre, Luiz Gonzaga dos Santos, Oziel da Costa Albuquerque, Raimundo Ferreira Barros e Vicente Barbosa de Medeiros.**

Antônio Felipe Santiago continuava, como membro mais idoso do Conselho Fiscal, a presidir os trabalhos que incluíam cumprir o prazo para envio, ao Ministério, dos documentos aprovados. Assuntos de rotina, valorizados pela presença de mais de duas dezenas de sócios.

Quatro semanas mais tarde o presidente **Carlos César Mendonça de Oliveira** voltou a reunir os associados visando discutir e votar a proposta orçamentária para o exercício do ano vindouro. Dezenove foram os que assinaram a Ata do dia. Sem dúvida, havia uma constância no comparecimento elevado de componentes - ou pelo menos na oposição das assinaturas deles - o que pode ser interpretado como um indicativo da vitalidade do Sindicato.

Das mais concorridas foi a reunião de 25 de agosto de 1954, um dia após a morte do presidente **Getúlio Vargas**. Embora não haja na Ata nenhum registro ao fato, é bem possível que este tenha sido a principal temática da conversa na noite daquela quarta-feira, com os detalhes dramáticos chegando aos poucos à população atordoada, por meio do telégrafo que alimentava de informações os jornais matutinos e vespertinos da cidade.



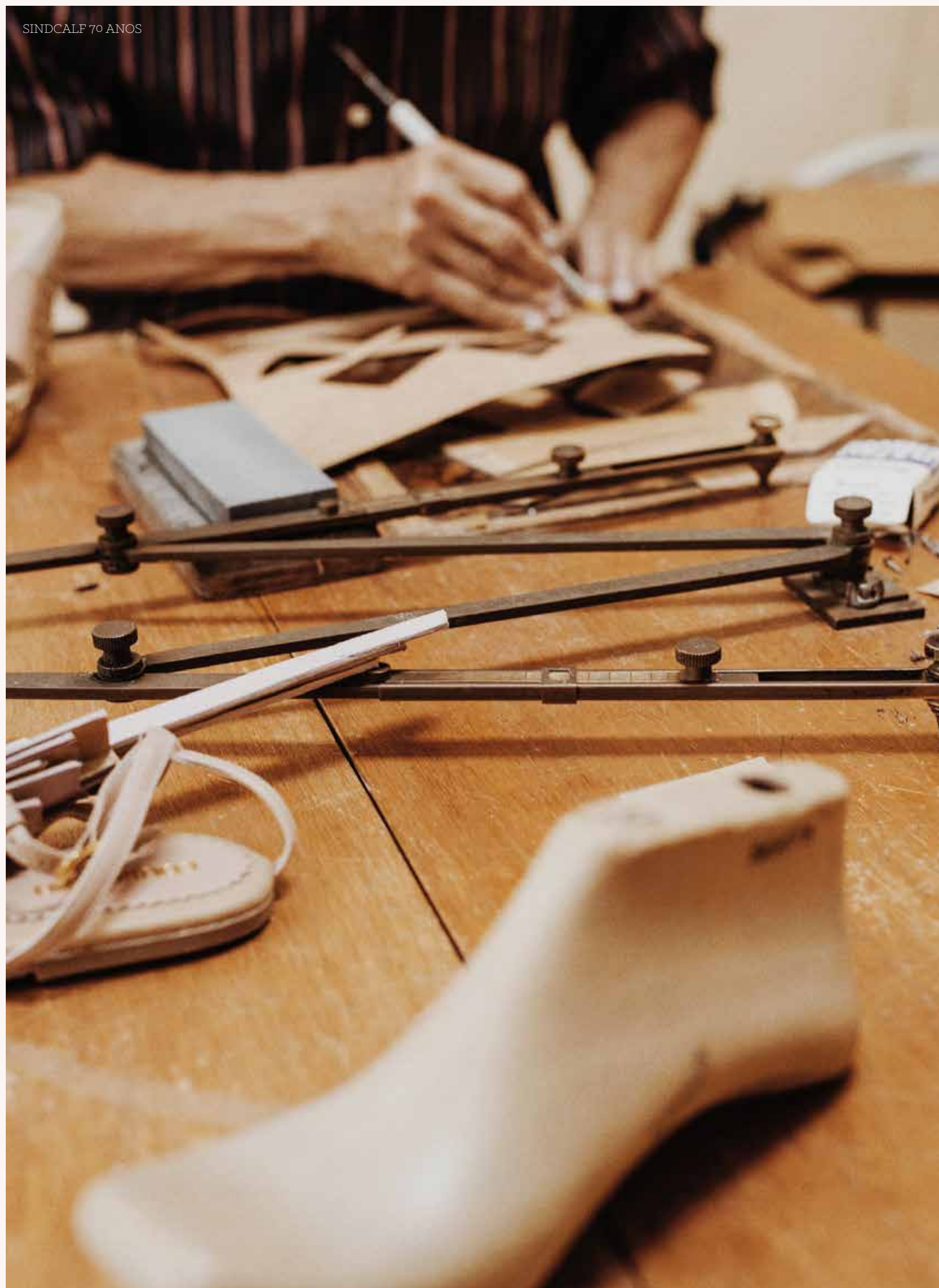
Expedito Pereira de Oliveira

Os fatos eram trágicos, porém a reunião tinha uma pauta a obedecer. Às 20 horas tomavam posse os titulares e suplentes do Sindicato da Indústria de Calçados de Fortaleza, eleitos para o biênio 1954-1956, com **Expedito Pereira de Oliveira** assumindo o cargo maior da entidade. O Presidente que saía, **Carlos César Mendonça de Oliveira**, teceu considerações sobre o movimento associativo antes de passar o cargo a seu sucessor. O Presidente que entrava discursou

em seguida, agradecendo à confiança nele depositada pelos consócios.

Tinham diante deles o advogado **Iúna Soares Bulcão**, presidindo a Assembleia na condição de representante do Delegado Regional do Trabalho no Ceará, além de 24 companheiros industriais.

Ano após ano, foram sendo acrescentados às Atas sindicais os nomes de calçadistas como



Arnóbio de Andrade Lima, Edson Lins, José Bevenuto da Silva, Luis Evaldo Guimarães, Mamede Araújo Chaves e Mário Gomes da Silva, todos eles “*exercentes [sic] da atividade econômica da indústria de calçados e residentes nesta capital há mais de dois anos*”¹.

Expedito Pereira de Oliveira ainda presidiu as Assembleias de 30 de março e 21 de junho de 1955, reuniões rotineiras dando conhecimento, discutindo e decidindo sobre relatório, balanço e contas do exercício anterior, e apresentando proposta orçamentária para o ano seguinte, em fiel cumprimento às disposições estatutárias. Ainda surge como Presidente nas duas reuniões realizadas, coincidentemente, exatos 12 meses depois: em 30 de março e 21 de junho de 1956.

Em 1956, o futuro fabricante **Edilson Alves de Lima** começou a trabalhar com calçados, no bairro Montese, tendo como padrão ninguém menos que **Expedito Pereira de Oliveira**, então presidindo o Sindcalf. **Edilson** aprendera o ofício seguindo os passos do cunhado **José Bevenuto da Silva**, como aprendiz de sapateiro, por volta dos 16 anos de idade, consertando sapatos, cortando vaqueta, pelica, camurça, camurção, e acompanhando o mestre em todas as etapas do processo. O trabalho era artesanal e possibilitou a ele uma visão geral do processo produtivo.

Os tempos eram outros. “Na minha época era tudo feito a mão”, lembra **Edilson**. Furava um

¹ - Cf. SINDCALF, 11 fev. 1958.

por um. Ponteava um por um. Era um sacrifício. Era difícil um trabalhador fazer dois pares de sapato em um dia. Muito difícil”.

Havia operários especializados em determinados produtos. Das mãos deles saíam calçados esportivos para adulto, por exemplo. Os sapatos balé, femininos, de salto baixo. Os sapatos infantis. Havia os chamados “luizquinzeiros”, especialistas em fabricar os elegantes sapatos de salto alto e fino, com alma de ferro sustentando a fragilidade aparente.

Ao entrar na fabricação de calçados **Edilson** passou a produzir para uma loja de Fortaleza, muita vezes sob medida, e adotou a marca Simpático, nome surgido em sua mente “com um estalo que deu, e pegou”. Pena que havia a marca Simpatia, do Rio Grande do Sul, que entrou com uma ação contra ele e o levou a mudar a denominação. Passaria a utilizar o nome Beluzzi. Em seu auge, a fábrica chegou a enfileirar 200 pares por dia, ocupando quase 40 funcionários, quando qua-

se todas operavam com menos de 30. Apesar disso, **Edilson** nunca se considerou industrial. “Eu era fabricante”, admite com simplicidade.

A Beluzzi seria transferida muito mais adiante para os filhos **Edielson** e **Edailson Nobre de Lima**, que não fugiram à vocação familiar. Para não perder a prática **Edilson** ainda fabrica, aqui e ali, um chinelão caseiro, para uso pessoal, ou um par de sapatos para a neta de 9 anos de idade. Sempre de couro. “Sou fiel ao couro”, assume.



Edilson Alves de Lima



6

A DÉCADA TERMINA

6



A DÉCADA TERMINA

A eleição para renovação dos membros e suplentes da Diretoria para o biênio 1956-1958 aconteceu no dia 27 de junho de 1956, alcançando à presidência o sócio **Carlos Meireles Passos**, que sempre participara das atividades sindicais. A Ata Geral de Apuração assinala a ilustre presença de **Tiago Otacílio de Alfeu**, designado pelo Procurador da Justiça do Trabalho para acompanhar o processo de votação, instalado às 14h30 daquela quarta-feira.

Dos 18 sócios em condições de votar na chapa única, 13 depositaram seus votos na urna lacrada. A Ata de apuração é sucinta e omite os nomes dos componentes da Diretoria, do Conselho Fiscal, dos representantes junto ao Conselho da Federação, bem como de seus suplentes.

Carlos Meireles Passos foi empossado em 25 de agosto de 1956, em Assembleia Geral presidida por **Iúna Soares Bulcão**, representante do Delegado Regional do Trabalho no Ceará, que após se dizer “*honrado com a designação*” recebeu dos calçadistas uma “*demorada salva de palmas*”.

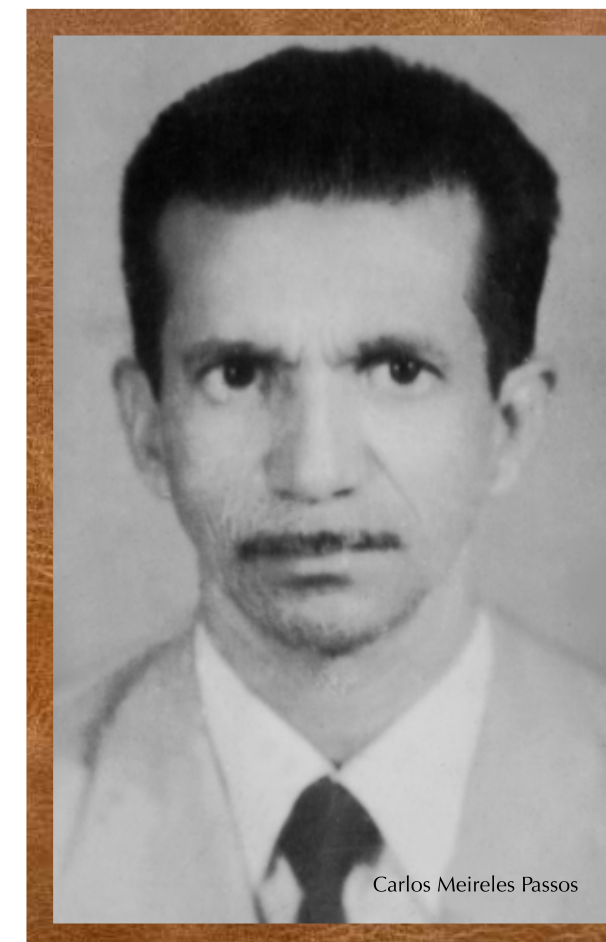
O Presidente que assumia completara, no dia 3 de junho, 44 anos de idade. A fábrica dele, Calçados Kako, localizava-se no Centro da cidade, entre as Ruas Senador Pompeu e Barão do Rio Branco, a 50 metros da Igreja do Carmo. O endereço era conveniente para o católico fervoroso que era **Carlos**, fiel

leitor da Bíblia e pertencente à organização TFP - Tradição, Família e Propriedade, fundada em 1960.

No Centro também ficava a loja que ele abriu em 1961, situada na Rua Liberato Barroso. Coincidentemente, um dos sete filhos de **Carlos Passos**, **José Nunes Passos**, em 2010 conheceria a fundo a área central de Fortaleza, na qualidade de Secretário interino da Secretaria Extraordinária do Centro, durante a administração de Luizianne Lins. “O prédio

onde funcionava a fábrica não existe mais”, informa **José**. “Foi demolido, e hoje tem função totalmente diferente”.

Quando o pai assumiu a presidência do Sindicato, **José Passos** era criança de 4 anos, daí a escassez de recordações sobre o período. “Sei que ele às vezes nos levava a reuniões no prédio da Rua Major Facundo” - se esforça para



Carlos Meireles Passos

trazer de volta a memória do Edifício Jangada, onde funcionavam o Sindicato e a FIEC. “Já adolescente, eu estudava pela manhã, e à tarde ia da loja do meu pai, na Rua Liberato Barroso, até o Edifício Jangada, a pedido dele, para levar e trazer documentos”.

O trabalho de **Carlos Passos** envolvia exclusivamente o couro e os recursos sempre foram próprios, sem auxílios estaduais ou federais. Os negócios eram bons o suficiente para dar aos sete filhos a educação e o cuidado necessários. Entre os amigos mais próximos do pai, **José Passos** lista **Mamede Araújo Chaves** e **Carlos ‘Curumim’ Ferreira Gomes**.

A fábrica do Presidente sindical se voltava a calçados femininos, estilo Luiz XV, e conquistou extensa clientela no Norte e Nordeste, fornecendo também para importantes sapatarias locais, entre elas Belém, Casa Pio, Esquisita, Primavera e Veneza. Como os calçados que fazia eram procurados pela sociedade cearense, **Carlos** foi convidado por uma das sapatarias para fechar contrato de fornecimento exclusivo, fabricando réplicas de calçados que apareciam nas fotografias de revistas europeias, as fontes de informação à época.

O que parecia ser positivo, por conferir destino certo à produção, em médio prazo se mostrou danoso, com todos os negócios depositados

nas mãos de um único cliente. Quando decidiu abrir a própria loja, o acordo com a sapataria foi desfeito, e os negócios sofreram prejuízos incalculáveis: “Foi quase como se ele e minha mãe precisassem começar tudo outra vez”, afirma o filho.

O falecimento, em 1963, de **Maria Edite Nunes Passos**, esposa de **Carlos**, que contribuía fortemente na administração dos negócios, o levou a vender a loja e manter apenas a fábrica. Por um período curto o experiente calçadista **Carlos Passos** chegou a atuar fora de sua área, no setor elétrico. Já se encontrava “um tanto cansado”, como diz o filho, e optou pela aposentadoria. Faleceu no dia 8 de setembro de 1980. Nenhum de seus descendentes ingressou na área calçadista.

A reunião inaugural de **Carlos Passos** na presidência fugiu ao horário noturno e à sala tradicional, rea-

lizando-se às 16 horas do dia 11 de fevereiro de 1956, no quarto andar do Edifício Jangada, salas 4 a 8. Constatado quórum, o Presidente procedeu à eleição de três vogais e três suplentes para recomposição da Comissão do Salário Mínimo da 5ª Região, sendo eleitos **Firmino Alves de Araújo**, **Mamede Araújo Chaves** e **Exedito Pereira de Oliveira**, tendo na suplência **José Raimundo Passos**, **Edson Lins** e **Francisco Ferreira Gomes**.



José Nunes Passos, filho do ex-Presidente Carlos Meireles Passos.

Duas vezes por ano¹ eram convocadas Assembleias Ordinárias atendendo às exigências estatutárias e da Consolidação das Leis do Trabalho. Para a cerimônia de posse dos Diretores e Conselheiros eleitos em 7 de agosto de 1958² o Sindicato recebeu **Francisco Silva Soares** como representante do Delegado Regional do Trabalho. **Carlos Meireles Passos** prosseguia na presidência para mais um biênio, com final de mandato em 1960. Faleceu em 1978.

No último ano em que **Carlos Passos** liderou o Sindicato da Indústria de Calçado de Fortaleza estreava no ramo a fábrica Dólmén Calçados, montada pelo casal **João Batista Lima** e **Valquíria Araújo Lima**, procedentes do município de Tanguá, onde tinham também uma fábrica. A vinda para a capital se devia ao motivo de sempre: o crescimento dos filhos, a ambição de dar a eles um nível melhor de formação.

João Batista fazia o sapato completo: “Tirava o modelo, era modelista, solador, preparador, era o que o pessoal chama de sapateiro completo”, detalha **Célio Lima**, um dos filhos do casal e mais um dos que dariam prosseguimento à atividade familiar. “Ele trabalhava por encomenda. Ficou muito conhecido. Tra-

1 - Cf. SINDCALF, 27 mar. 1957; 27 jun. 1957; 11 fev. 1958; 25 mar. 1958; 16 jun. 1958; 25 ago. 1958; 24 mar. 1959; 23 jun. 1959; 22 mar. 1960; 28 jun. 1960.
2 - SINDCALF, op. cit. 25 ago. 1958.

balhava para políticos famosos, para as famílias importantes da cidade”.

O início das atividades da Dólmén Calçados se deu na Vila Cortez, onde ocuparia três casas alugadas, na Rua Rodrigues Júnior, nº 1269, mudando-se em seguida para a Av. Conselheiro Tristão, nº 554. A empresa se mantém no mercado até os dias atuais, conduzida pelas irmãs de **Célio**, que optou por abrir sua própria empresa.



Homero Guedes da Silveira

O Sindicato calçadista costumava divulgar suas convocações para Assembleias no jornal *O Estado*, “órgão de grande circulação local”, e assim prosseguiu sob a presidência do industrial **Esaú de Sousa Teixeira**, sucessor de **Carlos Meireles Passos**. Em 22 de março de 1961, **Esaú** presidiu sua primeira sessão, devidamente registrada no livro de Ata³. Resalva acrescentada ao final das anotações sobre esse dia traz uma novidade: o antigo

Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio passara a se denominar Ministério do Trabalho e Previdência Social. **Esaú** ocuparia a presidência até 1962 e não repetiria o mandato.

O Sindicato registrava duas décadas em atuação. Eram muitos os calçadistas preocupados em dele se aproximar, entre os quais **Geraldo Ricardo da Silveira**, proprietário da Sapataria

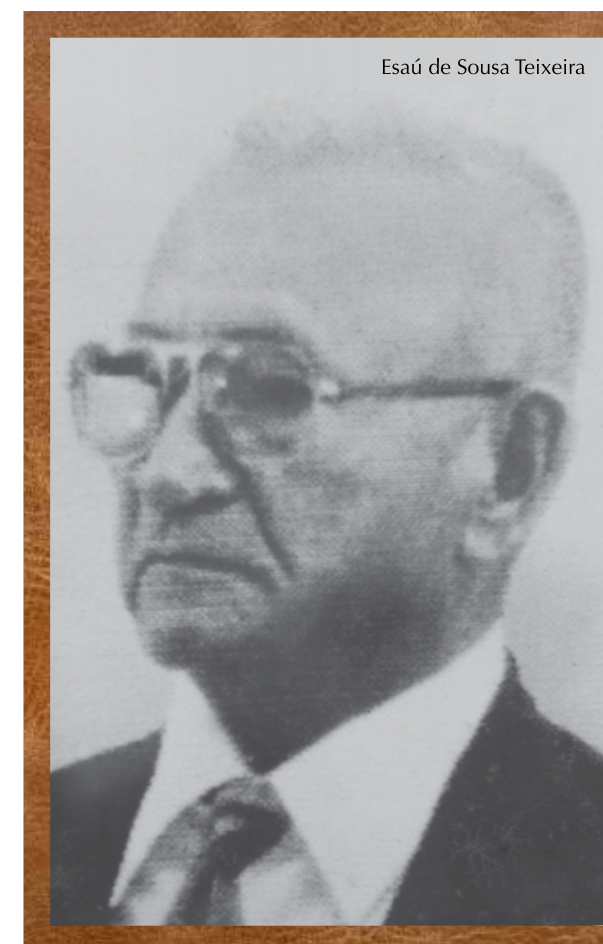
3 - O último registro desse livro de Ata é datado de 26 de junho de 1961.



Popular, em Quixadá, que vinha com frequência a Fortaleza para adquirir matéria-prima. Em uma dessas vindas, **Geraldo** deparou-se com um antigo funcionário, **Arlindo de Sousa Oliveira**, que montara um pequeno negócio e enfrentava dificuldades.

Para auxiliar o amigo, adquiriu uma casa onde até então funcionara um cinema para a comunidade, na região do Pirambu, e ali abriu, em 1961, uma espécie de filial de sua loja quixadaense, que entregou aos cuidados de **Arlindo**. Como a produção se voltava aos calçados infantis, a loja recebeu o nome de Kind - criança, em alemão.

A Kind Calçados continua até hoje no mesmo local, com o mesmo CNPJ, conduzida pelo mais novo dos oito filhos de **Geraldo**, o engenheiro **Françisco Homero Guedes da Silveira**, o único a dar continuidade à atividade calçadista paterna. **Geraldo** era associado sindical com frequência constante, e incentivou o filho a fazer o mesmo. Compôs várias Diretorias, dos anos 1960 a 1980. **Homero** seguiria os passos do pai, integrando as Diretorias que viriam a partir dos anos 1980.



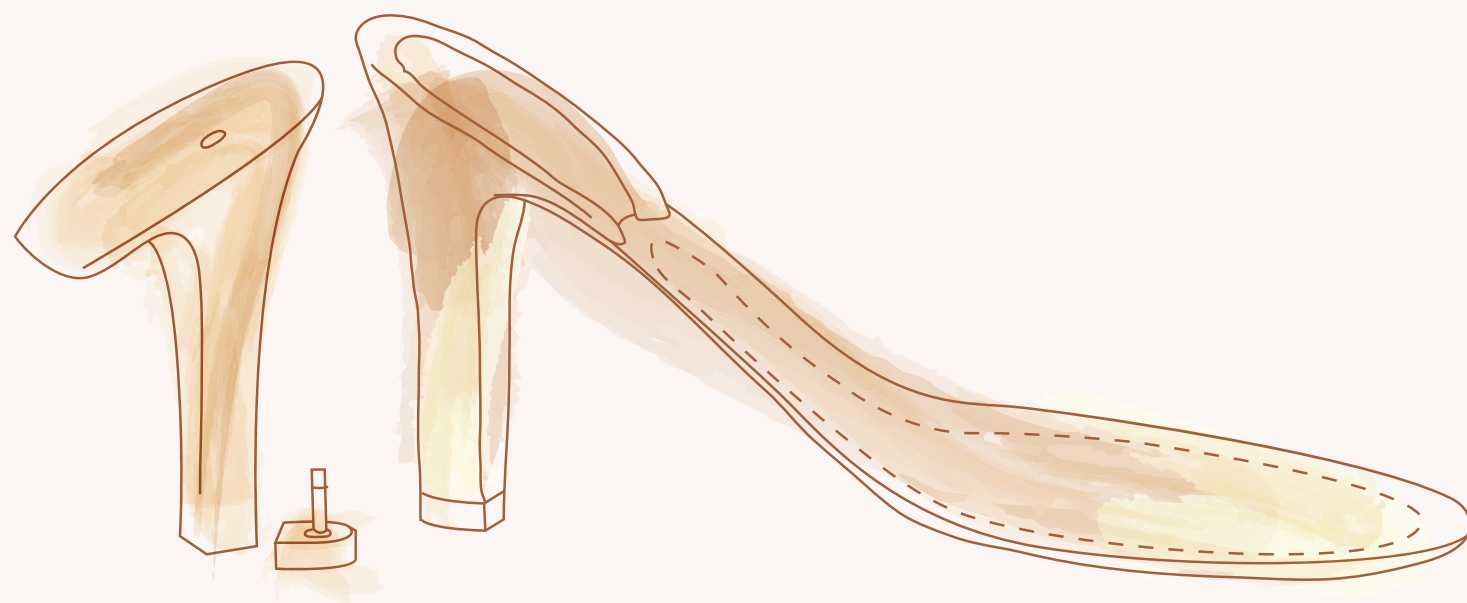
Esaú de Sousa Teixeira



7

INCENTIVOS
PARA CRESCER

7



INCENTIVOS PARA CRESCER

A eleição de 1962 para a Diretoria do Sindicato calçadista de Fortaleza colocou na presidência **Edgard Alves Damasceno**, que ocupou o cargo por quase duas décadas. Apesar de ter apenas 33 anos de idade ao assumir, **Edgard** incluía no currículo ter sido um dos fundadores da ADLEZA - Associação dos Lojistas de Fortaleza, que há pouco havia sido transformada em Clube dos Diretores Lojistas de Fortaleza, além de ser proprietário da Cooperativa Banco da Produção S.A. e um dos quatro componentes do poderoso grupo Irmãos Damasceno S.A. Comércio e Indústria.

“No princípio, em 1946, atuamos firmes com representações comerciais e, posteriormente, no comércio varejista”, afirmava o portfólio bilingue do Grupo, impresso e distribuído em 1973. “Tínhamos muitos planos e vontades de crescer. E aconteceu”.

Na área industrial calçadista, com recursos próprios, **Edgard** criou, em 1960, a INAC S.A., Indústria de Artefatos do Couro, fábrica de calçados femininos, sem se afastar do comércio de eletrodomésticos e confecções masculinas na praça local, com as afamadas Lojas Damasceno, Detalhes e Néelson’s Magazine, em sociedade com os irmãos. Bem estabelecido, mantendo contatos em diversas áreas políticas e econômicas, **Edgard** iria possibilitar ao Sindicato da Indústria de Cal-

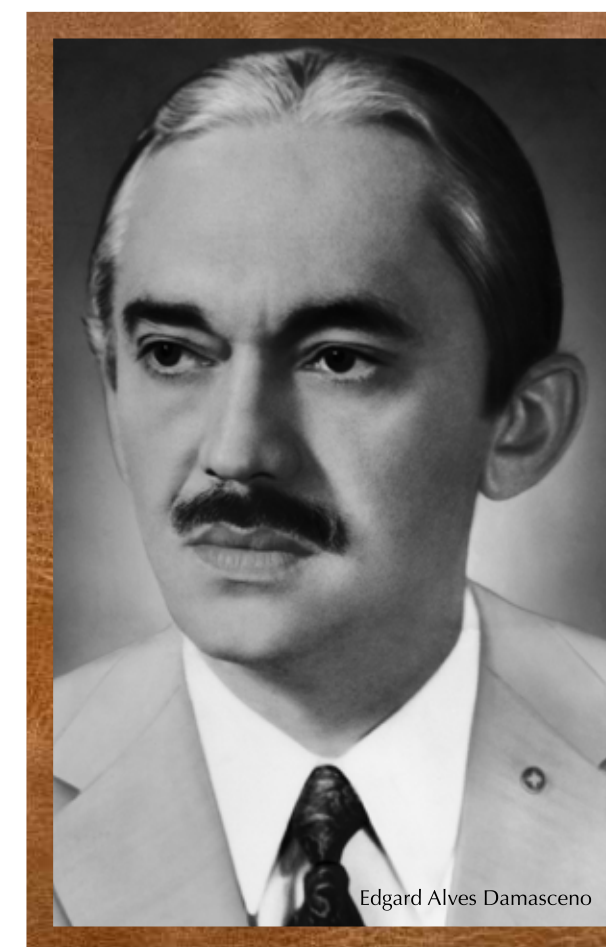
çados o ganho de uma visibilidade consideravelmente maior do que até então tivera.

Em paralelo com as atividades do Sindicato, **Edgard Damasceno** prosseguiu expandindo seus negócios. Seu projeto para o estabelecimento da CONAC S.A. - Indústria de Artefatos de Couro, na Av. Francisco Sá, nº 6081¹, foi aprovado pela Sudene, em 11 de fevereiro de 1965, voltado à produção de calçados masculinos es-

portivos e sociais², botas sociais e militares, botas de segurança do trabalho e sapatos com solado vulcanizado.

A Kemp - Indústria de Calçados Vulcanizados do Nordeste S.A. surgiu em 30 de novembro de 1969³, com endereço na Av. Robert Kennedy, nº 865, no prédio onde décadas depois se instalaria a indústria Grendene. A Kemp nascia de olhos abertos para o mercado internacional, com clientela certa nos Estados Unidos e países

da Europa e América Latina. Havia sido considerada “um projeto de relevante importância para a região”, e levava em conta “a capacidade econômico-financeira do grupo líder, com grandes perspectivas de mercado”⁴.



Edgard Alves Damasceno

1 - Cf. ANUÁRIO DO CEARÁ 1972.

2 - FROTA, Luciana Silveira de Aragão e. Políticos e empresários na industrialização do Nordeste. Fortaleza: SECULT, 1989. Anexo 3.

3 - Ibidem. Projeto aprovado em 17 de novembro de 1967.

4 - Cf. ANUÁRIO DO CEARÁ 1979/80.

Eram diretores da nova indústria **Jehovah Alves Damasceno, Luis Pires Braga, Nelson Alves Damasceno Filho e Isaura Moreira de Carvalho**. De passo em passo se colocaria entre as quatro primeiras empresas brasileiras exportadoras de calçados, e a maior do gênero na América Latina, instalando subsidiária na 34th Street de Nova York e em New Jersey, mantendo escritórios no Sul e Sudeste do Brasil.

“Ele era um homem de espírito coletivo, um incentivador”, afirma o irmão **Jehovah Damasceno**, dotado ainda, mesmo após os 80 anos, da inegável energia característica dos irmãos. “Apesar de sempre ter muita coisa para fazer, **Edgard** conseguia tempo para continuar atendendo ao pessoal do Sindicato calçadista, que insistia para ele não deixar a presidência”.

No dia 10 de setembro de 1964, **Edgard Damasceno** tomou posse pela segunda vez na presidência do Sindcalf. O evento realizou-se à tarde, no Salão Nobre da sede própria do Clube dos Diretores Lojistas - do qual ele era 1º Vice-Presidente - localizado no terceiro andar do Edifício Santa Lúcia, Rua Pedro Pereira, nº460⁵. Sob a direção de **Edgard** o Sindicato manteve o número mínimo de duas reuniões por ano, a primeira delas no mês de março, apresentando Relatório de Atividades e Prestação de Contas do ano anterior, a segunda no mês de junho, para discutir a Proposta Orçamentária do ano seguinte, ou para alguma eventual suplementação orçamentária.

Em 1968 o Brasil incendiava-se politicamente, e atravessava na Economia momentos de ascensão. O Sindicato se reunia para discutir seus assuntos internos. Em junho de 1968, **Edgard Damasceno** era nomeado Presidente do Banco do

Estado do Ceará ⁶. E na reeleição do Sindcalf, acontecida em 19 de agosto do mesmo ano, **Edgard** contou com **Epitácio Cordeiro Lins** e **Luis Evaldo Guimarães** na composição da Diretoria, e **Expedito Pereira de Oliveira, Carlos Alberto Ferreira Gomes** e **Cleodon de Brito Saraiva** na suplência. Constituíam o Conselho Fiscal **Benedito Duarte Siqueira Filho, Mamede Araújo Chaves** e **Edson Cordeiro Lins**, com os suplentes **Eliezer Siqueira Meireles, José Bevenuto da Silva** e **Carlos Meireles Passos**. Eram Delegados Representantes e Suplentes junto à FIEC **Edgard Alves Damasceno, Epitácio Cordeiro Lins, Expedito Pereira de Oliveira, Luis Evaldo Guimarães, Benedito Duarte Siqueira Filho** e **Carlos Alberto Ferreira Gomes**.

A entrada em cena da Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste - Sudene representou papel fundamental no avanço da indústria cearense como um todo, influenciando também o setor de calçados em período nacionalmente caracterizado como de “*euforia industrial*”⁷. O Sindicato da Indústria Calçadista de Fortaleza vivenciou os vários desdobramentos desse processo sob a presidência de **Edgard Damasceno**.

A Sudene materializava o Plano Desenvolvimentista do governo **Juscelino Kubitschek** (1956-1961) para essa sensível área geográfica do país, apresentando-se como “*elemento fundamental na abertura do caminho rumo ao desenvolvimento*” de uma região sob o risco de “*colapso total*”.

Ao longo da década de 1960 os investimentos em infraestrutura – instalação de energia elé-

trica, abertura de estradas asfaltadas, implantação de saneamento básico – foram possibilitando ao Ceará perceber a viabilidade de alcançar uma evolução econômica menos dependente dos caprichos da Natureza. A Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste oferecia justamente os mecanismos essenciais ao desenvolvimento industrial de que precisava, como apoio logístico, incentivos financeiros e incentivos fiscais.

Aproximando-se o final da década a atuação da Sudene pautou-se pelo Decreto nº 64.214, de 18 de março de 1969, no qual o Presidente da República, Marechal **Artur da Costa e Silva**, autorizava em seus dois primeiros artigos que “*peças jurídicas ou firmas individuais que mantenham empreendimentos industriais ou agrícolas em operação na área da Sudene⁸, em relação aos referidos empreendimentos pagaram, com a redução de 50%, o imposto de renda e os adicionais não restituíveis, até 1978*”. E mais: “*As pessoas jurídicas ou firmas individuais que instalem novos empreendimentos industriais ou agrícolas na área de atuação da Sudene até 31 de dezembro de 1971 ficarão isentas do imposto de renda e adicionais não restituíveis, em relação aos referidos empreendimentos*”.

A fabricação de calçados se colocava entre as 20 atividades enumeradas pelo artigo 5º do Decreto, juntamente com as indústrias têxtil, de madeira, de papel, de fumo, de móveis, de couro e fabricação de artefatos de couro, vistas como prioritárias para a desejada industrialização da região.

8 - À época, a área incluía Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, zona de Minas Gerais situada no Polígono das Secas, e o então território de Fernando de Noronha.

Eram “*favores*”, como explicitava o Decreto do regime militar, preparados para impulsionar o tão sonhado Milagre Brasileiro a partir do fortalecimento de seu elo mais frágil, para o qual os incentivos concedidos pelo chamado Sistema 34/18 continuavam bem-vindos.

A Sudene oferecia apoio logístico, incentivos financeiros e fiscais.

Informalmente conhecido como “34/18”, a denominação se referia ao artigo 34 do Decreto nº 3.995, de 14 de dezembro de 1961, combinado com as alterações propostas no artigo 18 do Decreto nº 4.239, de 27 de junho de 1963. Ambos os Decretos haviam sido assinados pelo presidente **João Goulart** (1961-1964) e se voltavam ao desenvolvimento do Nordeste.

A Sudene era um dos três elementos de uma composição que incluía ainda a empresa optante ou depositante (pessoa jurídica, atuante no país, “*que poderia deduzir do seu imposto de renda uma determinada parcela, a ser investida no Nordeste*”), e a empresa beneficiária, ou seja, o investidor, “*responsável pela elaboração, implantação e desenvolvimento dos projetos a serem implantados no Nordeste*”. Cabia à Sudene aprovar e fiscalizar a aplicação dos recursos, “*de acordo com os planos traçados para o desenvolvimento regional*”⁹.

9 - FEITOSA, Cid Olival. *Os impactos do sistema de incentivos fiscais (34/18-FINOR) para a economia sergipana*. Disponível em: <http://www.eumed.net/.../impactos-sistem-incentivos-fiscais-economia-sergipana.html>. Acesso em 13 fev. 14.

5 - Ata CDL, 05/08/1964

6 - Ata CDL, 18.6.68
7 - Cf. FROTA, 1989.

Projetos industriais nordestinos passaram a ser estimulados fiscal e financeiramente, dando à pessoa jurídica a possibilidade de deduzir até 50% do que era devido de imposto de renda, desde que a Sudene considerasse os projetos prioritários, que fosse cumprida a obrigatoriedade da contrapartida com recursos próprios e que os prazos estabelecidos fossem obedecidos.

O Decreto de 1969 detalhou uma gradação para efeito de participação dos recursos dos artigos 34/18, classificando os projetos beneficiários em cinco faixas de prioridade, indicadas por letras. Assim, a taxa de participação podia ser de 75% (letra A), 60% (B), 50% (C), 40% (D) e 30% (E). O parágrafo único desse artigo (art. 31) estabelecia: “A taxa de participação indicada para cada faixa será calculada sobre o montante das inversões totais, inclusive capital

de trabalho, deduzidos os financiamentos concedidos ao projeto por outras fontes de crédito.”

O projeto fez diferença perceptível na história econômica do Ceará, trazendo um *boom* industrial dos mais significativos. Em 1974, a Sudene saiu da órbita da Presidência da República, colocando-se sob o acompanhamento do Ministério do Interior.

Em 1962, eleito pela primeira vez para o cargo que ocuparia até 1966, o engenheiro militar **Virgílio Távora** arregaçou as mangas para finalmente adequar o passo do Ceará à realidade da Revolução Industrial. Tinha 43 anos e voltaria ao governo uma segunda vez, de 1979 a 1982. Defendia a industrialização do Estado, com atenção especial para os setores metal-mecânico, madeireiro e coureiro.



Fábrica da Eclisa, que funcionava na Barra do Ceará.

Em 1965, **Virgílio** inaugurou a linha de energia elétrica de Paulo Afonso ao Ceará, passo indispensável para a formação da infraestrutura necessária a estimular a indústria e a instalar

os distritos industriais, terreno de onde brotaria o desenvolvimento. O ex-Governador foi também Senador pelo partido Aliança Renovadora Nacional - Arena, entre 1971 e 1979.

Indústrias de transformação do setor, listadas no Cadastro Industrial Ceará, publicado em outubro de 1967 pela Assessoria Econômica da FIEC.

Fabricação de Calçados de Couro

Fábrica de Calçados Capricho - de Araújo e Araújo. Calçados para senhoras. 12 operários. Rua Meton de Alencar, 546.

Calçados Rio - de F. Amaral. Calçados em geral. 5 operários. Rua Clarindo de Queiroz, 1210.

Fábrica de Calçados São Benedito - de Benedito Duarte Figueira Filho. Calçados para senhoras, crianças etc. 8 operários. Rua José Barcelos, 610. (sic)

Fábrica de Calçados Kennedy - de José dos Santos Cacau. Calçados em geral. 7 empregados. Rua Delmiro de Farias, 781.

Calçados Elsim S.A. - 26 operários. Rua Senador Pompeu, 973,

Luiz Evaldo Guimarães - Sapatos femininos e infantis. 15 operários. Rua Rocha Lima, 949.

Calçados Gungry Ltda. - Sandálias e alpargatas. 12 operários. Av. Visconde do Rio Branco, 2898.

Fábrica de Calçados Volga - de M. A. Chaves. 10 operários. Rua J. da Penha, 854.

CONAC - Cia Nordestina de Artefatos de Couro Ltda. - Calçados masculinos. 250 empregados. Av. Francisco Sá, 6081.¹⁰

Fábrica de Calçados Lana - de R. Nonato Costa. 25 operários. Rua Padre Anchieta, 860.

Silveira e Sousa Ltda. - Calçados infantis. 16 operários. Rua Santa Terezinha, 2110.

¹⁰ - As 12 empresas fabricantes de calçados listadas somavam 408 empregados. Sozinha, a fábrica de **Edgard Damasceno** representava mais da metade. Entendia-se sua força e permanência à frente do Sindicato.

Taurus Com. Ind. e Repres. Ltda. - 12 operários. Rua General Sampaio, 616, sala 2.



8

ESPAÇO PARA TODOS

8



ESPAÇO PARA TODOS

Se muitos foram os industriais cearenses que buscaram o apoio federal, entre os quais alguns componentes da diretoria do Sindicato calçadista de Fortaleza, poucas foram as mudanças trazidas pela eleição de 1971¹ em relação à diretoria anterior: **Edgard Alves Damasceno**, **Epitácio Cordeiro Lins** e **Luiz Evaldo Guimarães** mantiveram-se como Presidente, Secretário e Tesoureiro. Eram suplentes: **Cleodon de Brito Saraiva**, **Carlos Alberto Ferreira Gomes** e **Luiz Pires Braga**.

No Conselho Fiscal, como membros efetivos, **Benedito Duarte Siqueira Filho**, **Mamede Araújo Chaves** e **Edson Cordeiro Lins**. Suplentes: **Eliézer Siqueira Meireles**, **José Bevenuto da Silva** e **Carlos Meireles Passos**. Delegados representantes junto à FIEC: **Edgard Alves Damasceno** e **Luiz Evaldo Guimarães**. Suplentes: **Luiz Pires Braga** e **Cleodon de Brito Saraiva**.

Devido a uma alteração estatutária anterior, os dois anos que correspondiam a um mandato passavam a ser ampliados para três, levando a permanência dessa equipe a se estender até 13 de setembro de 1974.

Em 1973 **Edgard** dava entrevista ao jornal *Exclusivo*, do Rio Grande do Sul, periódico especializado na atividade calçadista, fundado em novembro de 1969. Falava como Diretor Financeiro do Grupo Damasceno, que tinha na CONAC e KEMP suas grandes indústrias no setor coureiro calçadista, “com dimensão internacional como a mais moderna e completa fábrica de calçados da América do Sul”.

Confirmava **Edgard**: “Em 27 anos de atividade este Grupo provou que o trabalho gera crescimento”, orgulhava-se, e as palavras refletiam a determinação que impulsionava o Sindicato a crescer.

¹ - Essa eleição deu-se em 19 de agosto, com posse no dia 13 de setembro de 1971.

Crescimento era a palavra de ordem, em todos os setores do “Brasil Grande”. O processo de ampliação física que a cidade atravessava para interligação dos bairros, interferências de porte realizadas nesse início dos anos 1970, foram marcos de uma nova fase do setor calçadista fortalezense. No mapa de uma cidade que havia se expandido sem um planejamento urbano, a incipiente aproximação entre bairros necessitava urgente reforço. E as três instâncias dos poderes administrativos decidiram voltar os olhos para a zona Oeste de Fortaleza, onde se concentrava o maior número de indústrias da Capital.

O Centro de Fortaleza, onde funcionava o Sindcalf, manteve-se intocado pelas reformas. As modificações significativas se davam em volta dele. A prioridade era solucionar as dificuldades viárias, a partir de quatro grandes projetos, todos eles em execução simultânea². Tratores e caminhões removiam areia, demoliam casas, derrubavam árvores, indenizavam moradores, retiravam do caminho o que pudesse ser obstáculo à abertura da Avenida Borges de Melo; da Avenida Aguanambi, ligando a praia à BR-116; da Avenida José Bastos, via de acesso e distribuição para a zona Sudoeste, conduzindo o trânsito à BR-020; e da Avenida Leste-Oeste,

² - CEARÁ: os caminhos do desenvolvimento. *Revista Manchete*. Rio de Janeiro, n.1057, 1972. Suplemento.

Os dois anos
que correspon-
diam a um man-
dato passavam
a ser ampliados
para três.

beirando o mar, com promessas de vantagens estratégicas, turísticas e comerciais, previstas para curto e médio prazo.

O projeto da Av. Leste Oeste, como é informalmente conhecida a atual Av. Presidente Castelo Branco, cobria 8,6km de extensão. Ligava a região portuária do Mucuripe, extremo Leste da Capital, à Barra do Ceará, no outro extremo, cumprindo a dupla função de facilitar o transporte de cargas desembarcadas no Porto do Mucuripe e buscar equilibrar o desenvolvimento das duas áreas. Até aquele começo dos anos 1970, o trecho viário nada mais era que um extenso areal, uma sucessão de dunas de pouca altura, ocupadas por moradias simples que, com o processo de abertura da via, aumentaram ainda mais em número.

Quem vinha do interior do Estado quase sempre se dirigia àquela área ao Oeste, onde era mais barato adquirir ou erguer uma casinha, e de onde era mais fácil conseguir um emprego, dado o significativo número de indústrias de várias atividades funcionando nas imediações. Formavam-se ou se fortaleciam os núcleos habitacionais do Pirambu, Jacarecanga, Floresta, Vila Velha, Goiabeiras, Barra do Ceará, uma vasta área que hoje reúne cerca de 300 mil moradores, quantidade superior a qualquer outra cidade cearense³, excetuando-se a capital.

Uma pessoa chamava outra. Uma família trazia outra, tangida pelas secas, pela escassez de produtos ou matéria-prima no comércio interiorano, pelo desejo de proporcionar outro nível de educação aos filhos. Pessoas e famílias eram seguidas pelos parentes, agregados, amigos, conhecidos. O interior escorria no rumo do mar e

chegavam à capital os profissionais artífices, os artesãos, os técnicos manufactureiros, os pequenos fabricantes deslocados voluntariamente ou não de suas terras, na busca por um trabalho ou atendendo à ambição de crescer.

Assim chegaram os sapateiros. Como um efeito secundário não planejado pelos governos, ao interligar o trecho Mucuripe/Barra do Ceará as obras viárias possibilitaram também, no Pirambu e na nova paisagem que se formava na Av. Monsenhor Tabosa, a implantação de múltiplos estabelecimentos comerciais calçadistas, muitos deles caracterizados como pequenas lojas de fábrica, quase sempre familiares, produzindo no espaço ao fundo dos terrenos os sapatos e sandálias que seriam comercializados nas lojas com frente para a calçada.

Em pouco tempo, o polo calçadista da Monsenhor Tabosa, como se fez conhecido, passaria a ter expressiva vida própria. **Homero Silveira** vivenciou parte do processo, do qual o pai dele, **Geraldo Ricardo da Silveira**, foi um dos protagonistas. No escritório onde dirige sua loja ele conta a história: “O polo da Monsenhor Tabosa originou-se aqui, nesse corredor na Av. Leste Oeste. No quarteirão onde estamos havia em torno de oito ou dez lojas com fábricas de calçados. Nas proximidades nós contávamos em torno de umas 50 fábricas, pequenas. Por onde se andasse era o polo calçadista. Na Monsenhor Tabosa começou com um produtor que trabalhava de forma artesanal, e abriu a Tamancolândia. Ele saiu da Leste Oeste e colocou uma lojinha lá, dando início ao polo lojista calçadista, oriundo da Leste Oeste. Tanto que até as empresas que vieram do Sul se instalaram por aqui e na Av. Francisco Sá”.

O Sindicato da Indústria de Calçados de Fortaleza realizou nova eleição em 16 de outubro de 1974, contando com a participação de 11 dos 13 associados em condições de votar⁴, que mantiveram na chapa única os mesmos Diretores efetivos - **Edgard Alves Damasceno**, **Epitácio Cordeiro Lins** e **Luiz Evaldo Guimarães** - alterando porém os nomes dos Suplentes: **Luis Pires Braga**, **Cleodon de Brito Saraiva** e **Kerginaldo Mendes de Mesquita**.

Compondo o Conselho Fiscal, como membros efetivos, estavam **João Oswaldo Cavalcante Stuard**, **José Bevenuto da Silva** e **Isaura Moreira Carvalho**. Como Suplentes, **Edson Cordeiro Lins**, **Benedito Duarte Siqueira Filho** e **Eliezer Siqueira Meireles**. Delegados representantes, efetivos, eram **Edgard Alves Damasceno** e **Luiz Evaldo Guimarães**, tendo **Epitácio Cordeiro Lins** e **Luis Pires Braga** como Suplentes. O mandato do bem sucedido proprietário das indústrias CONAC e KEMP foi renovado mais uma vez.

“A KEMP era imensa”, recorda **Tatiana Lins**, viúva de **Epitácio Cordeiro Lins**, membro de todas as Diretorias lideradas por **Edgard Damasceno** e empresário renomado na indústria calçadista local entre as décadas de 1960 e 1970. “A primeira indústria de maior porte do **Edgard** foi a INAC. Ele era muito amigo do meu marido. Ele dizia: ‘**Epitácio**, bota uma indústria, eu te ajudo a fazer o projeto’. E foi ele mesmo quem nos ajudou, e elaborou o projeto”.

4 - A chapa eleita em 16 de outubro de 1974, tomou posse em 12 de novembro do mesmo ano.

Havia mais aberturas para **Edgard Damasceno**. Devido ao vínculo de amizade que o unia ao ex-Prefeito e Governador do Estado **Plácido Aderaldo Castelo** (1966-1971), e em consequência ainda de sua experiência como financista à frente da Cooperativa Banco da Produção S.A., presidiu o Banco do Estado do Ceará, depois de ter recusado convite do Governador para ser seu Secretário da Fazenda. O espírito agregador de **Edgard** contribuiu para o crescimento também do amigo **Epitácio**, que já há algum tempo atuava no ramo calçadista.



Tatiana Lins

A família de **Epitácio** possuía a Fábrica de Calçados Lins, funcionando em 1967 na Rua Assis Bezerra, nº 194, com cinco empregados. Em seu próprio nome, possuía uma pequena oficina, na Rua Brejo Santo, nº 26, com oito trabalhadores. Embora pequenas, ambas eram dignas de figurar no *Cadastro Industrial do Estado do Ceará*, produzindo para o mercado cearense “calçados em geral”.

O processo de solicitação de incentivos para a fábrica de **Epitácio** deu entrada em

1969, lembra **Tatiana**, com funcionamento a partir de 1973, na Av. Francisco Sá, nº7700. O projeto estava aprovado desde 18 de novembro de 1966, para produção de sapatos e embalagens⁵.

“**Epitácio** trabalhava na Esquisita. Tinha um percentual. Quando casamos ele saiu da empresa, e fundou um negócio próprio.” A fábrica foi construída sob o comando do casal a partir

5 - Cf. FROTA, 1989.

3 - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Indicadores sociais municipais: uma análise dos resultados do universo do censo demográfico 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

dos alicerces. No entorno existiam coqueiros e um riacho, sem nenhum sinal ainda de outros prédios. O projeto de 4.500m² de área coberta incluía espaço para venda direta, no andar térreo, e estrutura residencial no último andar, para a dupla empreendedora que não queria se distanciar da fonte dos negócios.

A marca era Eclisa, criação derivada das primeiras letras do nome e sobrenomes de **Epitácio Cordeiro Lins**, e se manteria ativa até 1982. No ápice de suas atividades estava inserida como projeto A da SUDENE, o que dava a ela “categoria de um empreendimento de alta prioridade”, ainda de acordo com o folder publicitário impresso em São Paulo buscando acionistas que assumissem o desafio de “conquistar o mercado internacional” - considerando o nacional devidamente conquistado.

Outro calçadista do mesmo período, igualmente afiliado ao Sindcalf, é **José dos Santos Cacau**, que, em sociedade com **Zenaide Sampaio dos Santos**, possuía a Indústria de Calçados Kennedy Ltda, atuando na Rua Delmiro de Farias, nº 781, no bairro Jardim América. Os negócios dele seguiam a pleno vapor. Seu capital inicial, que em 24 de maio de 1973 – quando entrara em funcionamento na Rua Padre Valdevino, nº 517 – era de 100 mil cruzeiros, multiplicara-se muitas e muitas vezes, atingindo, no final da década, a marca de dois milhões e meio de cruzeiros, como revelava o *Anuário do Ceará*⁶.

6 - Cf. ANUÁRIO DO CEARÁ 1979/80.

Fabricando calçados, cintos e bolsas para senhoras, utilizando matéria-prima “de superior qualidade”, na ênfase do jornalista responsável pela matéria, **Cacau** demonstrava plenamente que a industrialização do Nordeste era “imperativo inadiável”, e que a reação de alguns empresários da terra começava a determinar “significativa mudança no curso da História”.

Mais empreendedores presentiram a oportunidade de se tornarem autossuficientes, como aconteceu com **Raimundo Recamonde**. Era o sétimo dos 14 filhos do espanhol **José Recamonde Alonso**. Desde criança se dedicara à atividade



Raimundo Recamonde

coureira, no Curtume Santo Antônio. Aos 21 anos, em 1974, abriu a empresa Recamonde Artefatos de Couro Ltda, localizada na Av. Francisco Sá, nº 5426, bairro Álvaro Weyne.

Seguindo conselho do pai, começou produzindo luvas industriais de couro, aproveitando o subproduto do curtume da família. Das luvas passou para a montagem de uma fábrica de sandálias,

chinelões masculinos. Diz **Raimundo**: “Meu pai novamente me empurrou para aproveitar os equipamentos da indústria de chinelão e produzir calçados de segurança”, o que faz hoje, em um parque industrial de 2 mil m² no qual mantém a produção de calçados profissionais, de segurança, associada mais recentemente a uma linha *workwear*, uniformes profissionais.

A Calçados Elba, de **Hugo Castelo Benevides**, com endereço da Rua João Cordeiro, nº

2686, destacou-se também entre os fabricantes do período. A empresa produzia calçados e sandálias femininas, “aproveitando uma inclinação, uma tendência atávica do operário cearense para os apetrechos de couro”⁷, como anotou o jornalista **Dorian Sampaio**. Comercializava para todo o Nordeste e para alguns estados do Norte e Centro-Oeste.

A Taurus Comércio Indústria e Representações Ltda. é mais uma das empresas calçadistas fortalezenses listadas no Cadastro Industrial de 1967. No começo dos anos 1970 foi adquirida pelos industriais **Risalvo** e **Manoel Pinheiro**, donos da Cinpelco - Companhia Industrial de Peles e Couros⁸, a essa altura considerada “maior nome e maior curtume brasileiro especializado na fabricação de semicurtidos de peles de cabras e carneiros destinados ao mercado externo”⁹. O braço calçadista do grupo fabricava calçados masculinos e femininos, estes últimos com as marcas Dini e Taís. Durante algum tempo, foi administrada pelo filho de **Risalvo**, **Roberto Pinheiro** e, em seguida, por um cunhado de **Risalvo**.

Vislumbrando oportunidades de rentabilidade **Roberto** foi ao Banco do Brasil e conseguiu uma linha de financiamento para ampliar a Taurus. Com projeto do engenheiro **Hybernon Lopes**, a estrutura metálica do novo prédio foi construída, próximo ao Hospital Luiz de França, onde funcionou até se mudar para a Rua Dom Joaquim, em sua fase final.

Querendo ou não, dispondo ou não de tempo, envolvido em mil atividades diferenciadas, do

7 - Ibidem, 1979/80.
8 - Ibidem, 1979/80. A Cinpelco funcionava na Rua Domingos da Veiga, nº 1000, Barra do Ceará, ocupando área de 130 mil m².
9 - JORNAL EXCLUSIVO. Novo Hamburgo, 1973.

comércio à hotelaria, dos eletrodomésticos à industrialização de calçados, aceitando sempre a insistente pressão de seus pares para que continuasse na presidência, **Edgard Damasceno** influenciou indiscutivelmente para o fortalecimento do Sindcalf, ao qual trouxe muito de seu prestígio junto às classes produtoras.

Chegou a empregar 460 funcionários na Kemp, “explorando industrialmente a extraordinária vocação artesanal do trabalhador cearense”, como enfatizava o *Anuário* de **Dorian Sampaio**. Eram os trabalhadores “gente da comunidade, vivendo e trabalhando dentro do contexto da Grande Fortaleza”.

Na presidência, **Edgard** acompanhou no final da década de 1970 a realização de importante pesquisa sobre calçados em geral e artefatos de couros, inserida no Programa de Promoção de Oportunidades de Investimentos no Nordeste, do Banco do Nordeste¹⁰. Acompanhou, igualmente, a maxidesvalorização do cruzeiro, a combalida moeda corrente, frente ao mercado internacional, levando em 18 meses ao fechamento de 17 curtumes nordestinos, alguns deles no Ceará¹¹.

Em Fortaleza, os mais importantes eram Curtmasa, Grandes Curtumes Cearenses, Curtume Santo Antônio da Floresta, e Cinpelco, empregando 684 pessoas em 1979, e 537 em 1980¹². Perda sensível para o complexo coureiro-calçadista, de tantos sonhos e tantas promessas.

Edgard foi reeleito para seu último mandato no dia 29 de setembro de 1977, com voto de 11 da dúzia de associados em condições de votar.

10 - JORNAL O POVO. Fortaleza, 29 mar.1978.
11 - JORNAL TRIBUNA DO CEARÁ. Fortaleza, 12 jun.1981.
12 - Cf. JORNAL O POVO, 29 ago. 1981. Em 1978 o Ceará contava com 8 dos 42 curtumes em funcionamento no Nordeste, atendendo aos fabricantes calçadistas de todo o Estado.



A família de Raimundo Fernandes da Silva é associada ao Sindcalf

A cerimônia de posse aconteceu no dia 12 do mês seguinte, compondo-se o seguinte quadro: **Edgard Alves Damasceno**, Presidente; **Epitácio Cordeiro Lins**, Secretário; **Inácio Collares Capelo**, Tesoureiro. Seus suplentes eram, respectivamente, **João Osvaldo Cavalcante Studart**, **Cleodon de Brito Saraiva** e **Luiz Pires Braga**. Para o Conselho Fiscal: **Nélson José Andreazza**, **José dos Santos Cacau** e **Hugo Castelo Benevides**, tendo **Isaura Moreira de Carvalho**, **Geraldo Ricardo da Silveira** e **Francisco Eduardo Cavalcante Studart** na suplência. Os representantes efetivos junto à FIEC eram o presidente **Edgard** e **Epitácio Cordeiro Lins**, tendo **Inácio Collares Capelo** e **João Osvaldo Studart** como Suplentes.

Raimundo Fernandes da Silva começou a produzir bolsas em 1979. Nascido no município de São Luiz do Curu, a menos de 100km de Fortaleza, antes de se estabelecer na Capital cearense passou uma temporada residindo em

Manaus, onde teve a atenção despertada para a confecção de bolsas como fonte de renda.

Retornou para Fortaleza em 1978 e iniciou suas atividades no ano seguinte, aproveitando um reservado que havia ao lado da casa da mãe para sediar a fábrica, com a marca **Sammya Indústria e Comércio de Bolsas Ltda.**

Não esconde que “aprendeu fazendo”, sem nenhuma capacitação prévia. Ainda assim, os lojistas da Av. Monsenhor Tabosa não demoraram a descobrir as qualidades das peças, e **Raimundo** viu seu negócio apresentar resultados, passando a trabalhar como facção. Mais adiante, desligou-se completamente do segmento de bolsas e passou a fabricar sapatos, no endereço da Via Férrea Sobral, nº 591, bairro Presidente Kennedy, Barra do Ceará, de onde atende clientes do Norte e Nordeste.

Revendo sua história, **Raimundo** assegura que chegou a produzir até 4 mil pares por mês, no auge das atividades, nunca tendo reduzido a produção para

menos de 2 mil. Atualmente, oscila entre 2.500 e 3 mil mensais, com a colaboração de 18 funcionários e a valiosa participação da filha única, a quem deu o nome também de **Sammya**, que entraria no ramo no ainda distante ano de 2006.

A última Ata de Assembleia Geral Ordinária à qual **Edgard** presidiu tratou do exame, da discussão e da aprovação do Relatório e da Prestação de Contas do exercício do ano de 1979¹³. Foi lido o Relatório das atividades da Diretoria e foram prestados os esclarecimentos tidos como necessários a respeito das ocorrências daquele ano, findos os quais o Presidente pediu a palavra, cumprim-

13 - Cf. SINDCALF, 27 jun. 1980.



Inácio Collares Capelo

Inácio Collares Capelo

era o Tesoureiro, e respondeu também a todas as indagações dos associados quanto ao Balanço Financeiro de 1979. A aprovação em escrutínio secreto foi unânime. A Assembleia Geral Ordinária seguinte, com data de 28 de novembro de 1980, já teria **Inácio** como Presidente.

Edgard Alves Damasceno manteve ligação próxima com o Sindicato até falecer, no dia 2 de agosto de 1992, aos 63 anos.

A moda, nos anos 1970, incluía túnica indianas e calças de bocas largas ou saias *máxi*, em contraponto às minissaias, complementadas por tamancos, sandálias abertas ou sapatos de plataforma. Os saltos, em especial, eram um problema para o fabricante: “Em 1972 a moda mudou quatro vezes no que diz respeito aos saltos. Este é um problema terrível para

o lojista do Norte e Nordeste”, queixava-se um produtor calçadista ao jornal gaúcho *Exclusivo*, em edição especial direcionada aos nordestinos. Afirmava outro, na mesma publicação: “O consumidor de calçados do Norte prefere a beleza ao conforto. O nortista deixa de comer para andar bem vestido”, exagerava o entrevistado.



9

OS IRMÃOS CAPELO

9



OS IRMÃOS CAPELO

Dois irmãos industriais se sucederam à frente do Sindcalf – **Inácio** e **Cipriano Collares Capelo** – ao longo de toda a década de 1980. **Inácio Capelo** foi eleito Presidente em 24 de julho de 1980 e tomou posse dia 12 de novembro do mesmo ano. As convocações oficiais para as Assembleias Ordinárias e Extraordinárias não mais se faziam através do jornal *A Fortaleza*, mas sim nas páginas da *Tribuna do Ceará*, porta-voz da classe produtiva, do recém fundado *Diário do Nordeste*, veículo de comunicação pertencente ao Sistema Verdes Mares, ou do jornal tradicional *O Estado*.

Dos 14 sócios em condições de votar, 12 o fizeram. A chapa presidida por **Inácio** trazia **Nélson José Andreazza** (Vice-Presidente), **Epitácio Cordeiro Lins** (Tesoureiro), **Geraldo Ricardo da Silveira**, **Emanuel Góis Santiago** e **Edilson Alves de Lima** (Suplentes); **Edgard Damasceno**, **Milton Studart Filho** e **José dos Santos Cacau** (Conselho Fiscal, efetivos), **Francisco Eliézer Cavalcante Lima**, **Raimundo Ferreira das Chagas** e **João Osvaldo Cavalcante Studart** (Suplentes). **Edgard Damasceno** e **Inácio Capelo** eram os representantes efetivos junto à Federação, e **Nélson José Andreazza** e **Geraldo Ricardo da Silveira** seus Suplentes.

A exemplo de seus antecessores, **Inácio** obedeceu a exigência de reuniões semestrais, nas quais os associados apreciavam e discutiam a prestação de contas do período anterior e a previsão orçamentária para o ano vindouro.

A década de 1980 mostrou-se crítica no mundo inteiro. A economia estava recessiva. No Ceará, o comércio de calçados andava retraído, mantendo estoques elevados e vendas reduzidas, preocupando fabricantes e comerciantes do produto em Fortaleza. Atuando na indústria

A década de 1980 mostrou-se crítica no mundo inteiro. A economia estava recessiva.

e no comércio **Inácio Capelo** conheceu bem o quadro. Entre 1980 e 1982, por exemplo, acumulava a presidência do Sindcalf e a 1ª Vice-Presidência do CDL - Clube dos Diretores Lojistas de Fortaleza, entidade de cuja diretoria fazia parte desde 1969.

Entrevistado pelo jornal no primeiro semestre de 1981, **Inácio** discorreu quanto à posição do calçado como “um produto de primeira necessidade e preço relativamente baixo”, e mostrou que os níveis de venda não acompanhavam o crescimento projetado para o setor, o que causaria maior desemprego, menor poder aquisitivo, menor venda, maior desemprego - pondo para girar o triste “círculo da pobreza”¹.

O mandato dele iria até 12 de novembro de 1983. No dia 10 de junho, **Inácio Collares Capelo** presidiu sua última reunião, no quinto andar do Edifício Jangada. Findavam-se seus três anos de exercício na Presidência do Sindicato, e deixava também a Indústria de Calçados Capelo², na qual mantivera sociedade com o irmão **Cipriano**, para se dedicar ao comércio, atendendo assim à outra forte vocação familiar.

1 - Cf. JORNAL O POVO, 04 abr.1981.

2 - Cf. FROTA, 1989. Projeto aprovado em 28 de novembro de 1968.

Com a saída de **Inácio**, o irmão **Cipriano Collares Capelo** iria presidir o Sindicato da Indústria de Calçados de Fortaleza por dois mandatos consecutivos, o primeiro deles iniciado em 25 de novembro de 1983³. Eram 13 os associados em condições de votar. Dez deles compareceram e depositaram seu voto na chapa que tinha **Cipriano** presidente, **Nélson Andreazza** como seu Vice, e **Epitácio Cordeiro Lins** mantendo-se Tesoureiro. Eram Suplentes da Diretoria: **Geraldo Ricardo da Silveira**, **Edilson Alves de Lima** e **Arlindo de Souza Oliveira**, respectivamente.

No Conselho Fiscal dessa primeira administração estavam ainda **Edgard Damasceno**, **José dos Santos Cacau**, e **Emanuel Góis Santiago** - que viria a ser também Presidente, com os Suplentes **Francisco Eliézer Cavalcante Lima**, **Jerônimo Inocêncio Rodrigues**, e **José Nilo de Andrade Albuquerque** - que mais adiante sucederia **Cipriano Capelo** na Presidência do Sindcalf. Eram Delegados representantes efetivos os diretores **Cipriano** e **Epitácio**, e suplentes **Nélson Andreazza** e **Edilson Alves de Lima**, pai de **Edailson Nobre de Lima** e outro que viria igualmente a presidir o Sindicato calçadista de Fortaleza.

Os irmãos **Capelo** descendiam de uma família que desde os primeiros tempos do século XX lidava com couro. O avô deles, o espanhol **Ignácio Capelo Alvití**, chegara ao Brasil pelo Norte. Procedia de Corunha, na Galícia, Noroeste da Espanha, onde exercia o ofício

3 - Ibidem. A eleição aconteceu um mês antes, vinte e cinco de outubro de 1983.

de lavrador. Em Belém, seu porto de entrada, trabalhou em um hotel do qual chegou a ser um dos sócios proprietários. Após passagem pelo Maranhão estabeleceu-se no Ceará, onde residia um irmão, **José Capelo**, cujo filho **José** casaria, em primeiras núpcias, com a também espanhola **Odúlia Recamonde**, irmã de **José Recamonde Alonso**, espanhol de ourense, província da Galícia, fazendo

surgirem assim os laços entre duas famílias de grande tradição no ramo coureiro calçadista local.

Os Capelo foram proprietários do Curtume Quixadá, no município do mesmo nome, Curtume Santa Luzia, no bairro Floresta, e Curtume Capelo, no bairro Aerolândia, os dois últimos em Fortaleza. Quem recorda os detalhes é **Mário Capelo**, tio de **Inácio** e **Cipriano**, e o único nascido

no Brasil dos três filhos homens do espanhol **Ignácio**. Foi associado ao Sindicato e, aos 84 anos, é dono de invejável memória.

Mário reside em uma vila residencial, a meio caminho entre a Aldeota e o Centro, onde costuma reunir nos fins de tarde, em torno da mesa imensa, como se na Espanha estivesse, a coleção de filhos, netos, sobrinhos e uma ciumenta gata de estimação. Sem maiores dificuldades, imperando na cabeceira da mesa com a autoridade dos anos vividos e da experiência acumulada, reconstitui algumas das importantes etapas na vida empreendedora do pai.



Mário Capelo

Já com o pé na área calçadista **Ignácio** montou uma fábrica do tradicional “chinelos de rabicho” cearense. Funcionava na Rua Dr. João Moreira, bem perto da Santa Casa de Misericórdia e da então Cadeia Pública de Fortaleza, hoje sede da Emcetur – Empresa Cearense de Turismo. De lá se transferiu para a Rua Floriano Peixoto, nº 119, e inaugurou, em maio de 1939, a Sapataria Belém, na mesma rua, nº 230. Tinha como sócios **José Capelo Rodrigues**, **André Rodrigues** e **Cipriano Capelo Rodrigues**⁴. Exportava artefatos de couro e produzia calçados⁵, sendo um bom demonstrativo da evolução da economia cearense no período.

Durante a Guerra teve a ideia de aproveitar a ideia de aproveitar couro e sobras de couro para terceirizar a produção de *combat boots*, botas de cano curto, sob medida para os soldados norte-americanos aquartelados em Fortaleza. As encomendas eram entregues uma ou duas vezes por semana na Base do Corrote, levadas no Ford 1929 dirigido por **José**. O lucro “foi enorme”, assegura **Mário Capelo**.

Em 1953, os Capelo construíram sede própria para seus negócios, um prédio de seis andares, logo em frente aos Correios e Telégrafos: era o Edifício Belém, que ainda guarda a nobreza dos velhos tempos, preservando no nome uma homenagem à cidade na qual **Ignácio** desembar-

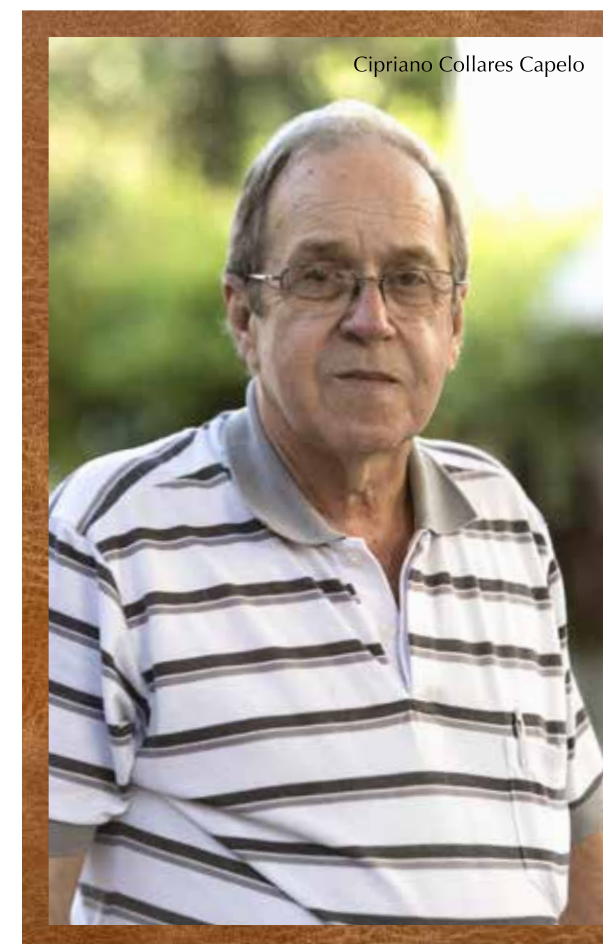
4 - Cf. AZEVEDO, 2001.
5 - Cf. ANUÁRIO DO CEARÁ 1948.

cara. Continuavam firmes na Rua Floriano Peixoto, agora os nºs 282/292⁶, andar térreo.

O Sindicato contava com novos associados: **Francisco José Melo Tavares**, **Antônio Lacerda Sobrinho**, **João Carlos da Silva**, **Márcia Cristina Siqueira de Oliveira**, **Carlos Lima Pereira**, **José Nilo Albuquerque**, **Homero Silveira**, **Edilson Alves de Lima**, **Emanuel Góis Santiago** e **Célio Lima**.

Findo o primeiro mandato **Cipriano** foi solicitado a assumir o segundo. Elegeu-se Presidente no dia 16 de setembro de 1986 com o voto de todos os 16 associados em condições de votar. A posse, no dia 12 de novembro daquele ano, colocou ou manteve em evidência os seguintes nomes: **José Nilo de Andrade Albuquerque** (Vice-Presidente), **Francisco José Melo Tavares** (Secretário), **Edilson Alves de Lima** (Tesoureiro), **Francisco Flávio Mendes Lacerda**, **Edilson Nobre de Lima** (filho de **Edilson** e irmão de **Edailson**), **Rivadavia Tavares Martins**, **José Carlos Pagan** e **José dos Santos Cacau** (Suplentes); **Nélson José Andreazza**, **Antônio Lacerda Sobrinho** e **Emanuel Góis Santiago** (Conselho Fiscal, efetivos), **Edgard Damasceno**, **Geraldo Ricardo da Silveira** e **Jerônimo Inocêncio Rodrigues** (Suplentes); **Cipriano Capelo** e **José Nilo** (Representantes efetivos junto à FIEC) e **Francisco José Tavares** e **Nélson Andreazza** (Suplentes).

6 - Cf. CAPELO (Informação verbal).



Cipriano Collares Capelo

O espanhol **Ignácio Capelo Alviti** foi registrado comerciante junto à Chefatura de Polícia do Pará, em 1918, na maturidade dos 30 anos. A bem-sucedida experiência de enviar couros para venda no Ceará, a pedido do irmão **José Capelo Alviti**, residente em Fortaleza, contribuiu com a decisão de mudar para o Nordeste.

Ignácio passou a industrializar, abrindo o Curtume Belém, no município de Quixadá, e o Curtume Santa Luzia, na zona Oeste de Fortaleza. Os negócios da família Capelo ga-

nharam impulso na compra de couro e sua revenda aos fabricantes locais de calçados.

Como dispunham de um bom estoque de couro, durante a Guerra os sócios montaram um curtume - Curtume Capelo, nas proximidades do viaduto da Aerolândia, passando a ser fornecedores de Guerra para a base norte-americana sediada em Fortaleza. "Até os bancos dos ônibus eram de couro", registra **Cipriano**, ex-Presidente do Sindcalf e um dos netos de **Ignácio**.

Chefatura de Polícia do Pará (Brazil)
GABINETE DE IDENTIFICAÇÃO
CARTEIRA DE IDENTIDADE

Belém - Pará (Brazil) 9 de Janeiro de 1918
Registro N.º 2539

Nome **Ignacio Capello**

Idade 30 anos. Nascido a 30 de Janeiro de 1887. Estado civil Casado

Filiação **José Capello**

Nacionalidade **Hespanha**

Natural de **Corunha**

Instrução **Regular**

Profissão **Commerciante**

Residência **Campos Salles nº 24**

Notas chromaticas, etc.

Côr **Branca** Barba **Raspada**

Cabellos **Castanhos** Bigodes **Raspados**

Olhos **Castanhos**

Marcas e cicatrizes particulares na vida ordinaria:

Só é válido o retrato com a rubrica do Director do Gabinete

Assinatura do Chefe de Polícia:
Santa Luzia

Assinatura do Director do Gabinete de Identificação:
Ignacio Capello

Assinatura do Portador:
Ignacio Capello

Formula dactyloscópica individual (Systema Vucelich)
SERIE V, 3333
SECÇÃO V, 2222

FUNDAMENTAL

Photografada em 9 de Janeiro de 1918

Carteira de Identidade de Ignácio Capello

Enquanto **Cipriano** iniciava seu segundo mandato, o calçadista **Célio Lima**, filho de **João Batista** e **Valquíria** da Dólmen Calçados, dava início também a seu negócio independente, após dedicar-se muitos anos à empresa dos pais. Sua fábrica mudaria de nome e endereço algumas vezes, no decorrer do tempo, transferindo-se da Av. José Bastos para a Rua Princesa Isabel, daí para a Av. Leste-Oeste, nº 2178, até chegar, a partir de 2005, à Rua Dom Quintino, nº 141, via paralela à já referida Leste-Oeste, com a denominação de JRL Indústria de Calçados S.A., – as letras iniciais dos nomes dele e do filho.

Durante seu período na presidência **Cipriano** reformulou o Estatuto Social, aprovado em Assembleia Geral Extraordinária⁷ pelas oito empresas associadas em condições de votar: Indústria de Calçados Capelo S.A.; Calçados Dicouro Ltda.; Lins Calçados e Confecções Ltda.; Conac S.A. – Indústria de Artefatos de

7 - Cf. SINDCALF, 04 mai.1984.

Couro; Indústria de Calçados Kennedy Ltda.; Emanuel Indústria de Bolsas Ltda.; Calçados Simpáticos Ltda; e Indústria de Calçados Tropicália Ltda. O estatuto foi adequado às alterações impostas pela legislação específica e incluiu, em seu art. 21, os procedimentos a serem tomados no caso de eventual vacância na Diretoria - e que, na década seguinte, pautariam inesperados momentos de transição.

Mobilizou ainda as empresas de Fortaleza para participação em feiras como a Francal, feira internacional de moda em calçados e acessórios, que desde 1969 acontece anualmente em São Paulo. Com o apoio da Secretaria da Indústria e Comércio e do Sebrae/CE, reuniu 46 empresas de Fortaleza no Ibirapuera. "Quando eu administrava o Sindicato, eu vi que o setor só se desenvolveria se tivesse acesso a matéria-prima e ao mercado. Então, eu comecei a buscar acesso ao mercado levando os associados para expor na Francal", esclarece.

Nascido em 1918 na Espanha, **José Recamonde Alonso** veio para o Brasil trazido pela irmã, **Matilde**, para morar com um tio no município de Cajazeiras, Paraíba. Com o tio trabalhou em um hotel e em um posto de gasolina, até mudar-se para Fortaleza, onde morou com outra irmã, **Odúlia**, casada com **José Capelo**. Trabalhou no Excelsior Hotel, de onde saiu para ocupar-se no Curtume Santa Luzia, da família do cunhado. Com a

ajuda do tio residente em Cajazeiras associou-se ao empreendimento.

Ao sair da sociedade montou um curtume na Av. Francisco Sá, nº 7437, que foi destruído em um temporal. Ergueu, em seguida, sempre com recursos próprios, o Curtume Santo Antônio, homenageando seu padroeiro. Era casado com **Joana Paiva Recamonde**, nascida no Rio Grande do Norte.

CAPELO, IRMÃO & CIA.

SAPATARIA BELEM

CALÇADOS E ARTIGOS PARA SAPATEIROS

End. telegrafico CAPELO — Fone 367

Rua Floriano Peixoto, 230 ————— Ceará.—Fortaleza—Brazil

FORTALEZA, PARA O PREPARO DE VERNIZ PARA COUROS

PARA PINCELAGEM. 150 (150Ks de Olio de linhaça cru genuino BLUNDELL ou XITEKE TIGRE com 15 Ks de litargirio e 10% ao fogo mexendo-se continuamente para evitar que se queime ou se pegue no fundo do taxo edicionase depois 3% de secante branco em pó deluido a parte, em um pouco do proprio oleo ja cocinhado com o litargirio. junta-se depois 250 O de goma copal e 250 de Goma de senegal desolvidas em agua. Esta ultima operaçãodever a ser feita antes da misturada secante. para usalo misturase 2% de pó leve (noir de de funes.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

COCINHAMENTO DO VERNIZ PARA A ULTIMA MÃO Este cozimento que demora ao fogo de 8 a 12 dias, depois de terminado vai a estufa para a purificação por cerca de 2 a tres dias e quando dever a ser empregado a pinsel elle assim se compoe.

200 Ks de oleo de linhaça cru genuino especial 12% de litargirio o fogo act. mexendo-se continuamente para evitar que pegue no fundo do taxo e queime. e quando a espuma que cobre o olio. a ta entao e amarela se tornar branca e o olio tornarse limpido. retirandose um pouco e derramando-se o fogo e se deixar pousar bem. para entao retirar os recidios que ficam no fundo do taxo Deixe esfriare no dia seguinte retira-se o olio para un bazilhane adredo preparado com muito cuidado e a borra se deixa em uma lata para pousar convenientement e se aproveitar alguma quantidade a inda aproveitavel (Olio)

O Olio cocinhado volve ao taxo com a plicação de 7% de AZUL PRUSSIA artigo especial brozendo se possível fora marca cavalo branco de G. Siegle Stuttgart) começando com fogo lento e mexendo-se continuamente. quando comesar a subir diminui-se o fogo e logo que venha a baixar ativa-seo fogo nova mente isto durante 6 dias finda esta operaçã(e azul deve ficar completamente desolvido) deixa-se esfriar por uma noite e na manha seguinte aplica-se a seguinte dossagon,

500 Gramas de goma de senegal ou 250 Gr. de goma de senegal e 250 gramas de Goma Copal diluida bem em agua e junta-se 2% ou sejan 4 Ks de secante branco em pó diluido a parte em olio (O mesmo que se aproveitay da borra retirada na primeira operaçao, acima mencionada bem misturado e nao posto t isto no olio ja no taxo comeca-se com fogo lento, uma vez avapoyada toda a e extinta a subida falsa da espuma. ativa-se mais o fogo de formas que forv continuamente mais que nao suba, isto por dois dias, Entaoem frio aplica se a seguinte dossagon, 1.600 Gramas de acetate de chumbo (sal de saturno) com fogo regular, fervendo lentamente por DOIS DIAS, dahí por diante ativa-se mais o fogo de formas que suba até as bordas do taxo(muito cuidado para evitar o derrame e consequente incendio) quando comosa a subir muito diminui-se o fogo ou mesmo apaga-se nao deixando de mexer sempre. quando comosa a baixar volte a tivar novamente e assim perdiante durante DOIS DIAS ou TRES até que-se verifique o ponto necessario o que-se verifica quente com os dedos para

Uma das iniciativas da Diretoria foi a instituição do troféu Mestre Santiago⁸. O prêmio era uma escultura no formato do pé-de-ferro - ou pé-de-moleque, como é conhecido no Sul - instrumento de pequeno porte com três ponteiros de encaixe, de uso ainda frequente entre os sapateiros, sendo concedido aos profissionais mais experientes, aposentados ou em vias de se aposentar, representando um incentivo ao trabalho refinado e um reconhecimento à qualidade da produção. O evento comemorativo de entrega era um bom motivo para reunir os associados.

Ao final do mandato **Cipriano Capelo** foi convocado a prosseguir com um terceiro - o que prontamente recusou. "Não aceitei", resume ele prontamente, o sangue espanhol erguendo constantes rebeliões contra costumes estabelecidos. Hoje ele atua na área de representações comerciais, mas seu principal negócio é a fábrica de calçados Sanna, que produz sapatos ortopédicos, com sede no último andar do Edifício Belém, de onde tem ampla visão de boa parte da cidade.

Em 1987, eram 13 as empresas associadas ao Sindicato, entre as quais a Courocel, indústria de componentes de couro, tendo como proprietário **José Alberto de Castro**. A Courocel

⁸ - Sapateiro que ganhou fama na Paraíba, e que no Ceará formou muitos mestres de ofício, entre eles **Haroldo José Coelho**, dos Calçados Haroldo, na Rua João Cordeiro. Mestre **Santiago** ganhou prêmio como Melhor Luizquinzeiro do Brasil. Mudou-se para o Rio de Janeiro, onde faleceu.

funcionava na Av. Imperador, nº 272, desde 1982. A experiência de **Alberto** no setor vinha dos dez anos em que trabalhou com o pai, **José Alfeu de Castro**, paraibano chegado ao Ceará em 1955, para lidar com os componentes de calçados. De empregado **José Alfeu** passou a patrão. Abriu o Mercado dos Couros, na Rua Senador Alencar, e em 1972 convidou o filho para compor a sociedade. **José Alfeu** não chegou a se associar ao Sindicato, coisa que

Alberto e o filho deste, **José Alfeu Neto**, acharam por bem remediar. Por saber a importância da aproximação interpessoal, durante a presidência de **Cipriano Capelo**, **Alberto** assinou ficha de filiação sindical.

Era inadiável a mudança de endereço do Sindicato. Em 1988 trocava por fim o ambiente da Rua Major Facundo, com os encantos e as dificuldades do Centro, pelo funcionamento em uma das salas no terceiro andar do imponente edifício da Federação das Indústrias do Estado do Ceará. A Assembleia Geral Ordinária de 30 de junho de 1988, conduzida por **Cipriano Collares Capelo**, foi a primeira do Sindcalf na Casa da Indústria, agora em plena Aldeota.



José Alberto de Castro

10

GRENDENE CHEGA
AO CEARÁ



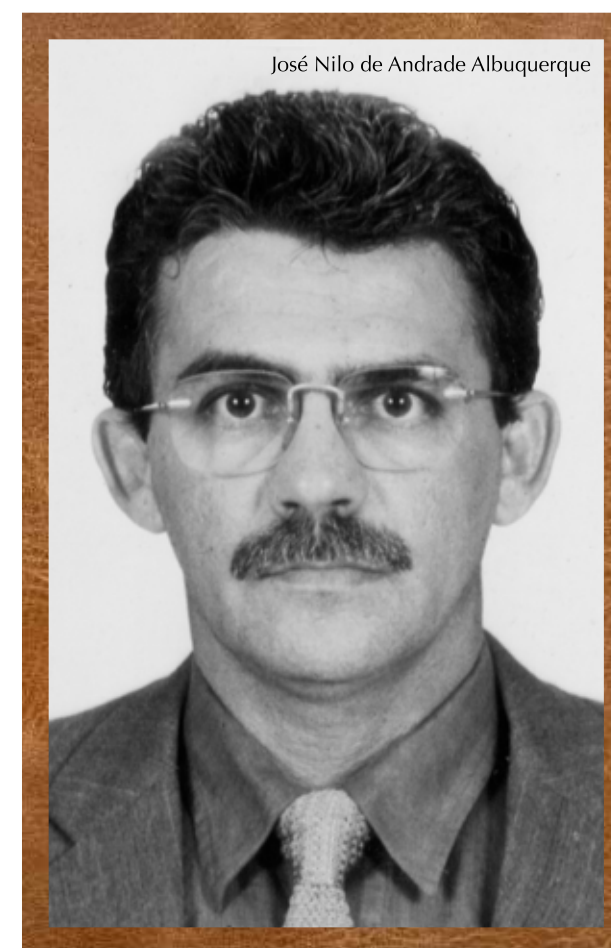
10



GRENDENE CHEGA AO CEARÁ

O piauiense **José Nilo de Andrade Albuquerque** tomou posse como Presidente do Sindcalf no dia 17 de novembro de 1989¹, em chapa formada por **Francisco Flávio Mendes Lacerda** (Vice-Presidente), **Márcia Oliveira Pinheiro** (Secretária), **Edailson Nobre de Lima** (Tesoureiro) e **Mauro Aguiar Mazza** (Diretor de Promoções), tendo como suplentes **Edielson Nobre de Lima**, **Francisco Homero Guedes da Silveira**, **David Lima de Carvalho Rocha**, **Felipe Augusto de Castro Fialho** e **Roseane Oliveira de Medeiros**.

No Conselho Fiscal eram efetivos **Cipriano Collares Capelo**, **Francisco José Melo Tavares** e **Emanuel Góis Santiago**, e suplentes **Nélson José Andrezza**, **João Arruda Neto** e **José dos Santos Cacaú**. **Nilo** e **Emanuel** representavam o Sindicato junto à FIEC, tendo **Cipriano** e **Flávio Lacerda** na suplência. Votaram 14 dos 20 associados que podiam votar. O mandato do novo quadro iria até 17 de novembro de 1992.



José Nilo de Andrade Albuquerque

Entre 1980 e 1990, o número de firmas calçadistas cearenses devidamente regulamentadas saltou de 87 para 269, a maioria delas empresas individuais ou constituídas sob a forma de sociedade por cotas. No setor informal, cerca de 800 empresas operavam no Ceará em 1990. O couro constituía a matéria-prima mais usada na fabricação de calçados, representando o maior

peso no custo final do produto - aproximadamente 42% do valor total dos insumos utilizados na produção - complementado por materiais plásticos (22,3%) e borrachas (24,5%)².

No tópico reservado aos acontecimentos locais, durante o mês de maio de 1990, o tradicional *Anuário do Ceará*, ainda sob o comando do jornalista, dentista e político **Dorian Sampaio**, registrou o seguinte panorama da indústria de calçados da terra: “*Não se enquadra entre as*

primeiras no ranking nacional, mas classifica-se como principal polo produtor da região Norte/Nordeste, gerando 8 mil empregos diretos. A produção de calçados atinge no Ceará a 80 mil pares diários”. **Dorian** justificava os números: “*Atualmente, as fábricas cearenses trabalham com 47% da capacidade produtiva, em decorrência dos problemas econômicos que o país viveu nos últimos anos do governo Sarney*”.

Os problemas eram de Fortaleza, do Ceará e do

Brasil. O maranhense **José Sarney** assumira inesperadamente a presidência da nação, em caráter interino, com o falecimento de **Tancredo Neves**, em 1985. A criação de planos econômicos era uma das poucas saídas disponíveis ao descontrole inflacionário. O Plano Cruzado imposto por ele cortou zeros no cruzeiro, mudou o nome da

1 - José Nilo de Andrade Albuquerque foi eleito em 29 de setembro de 1989.

2 - SILVA, Paulo Roberto; ROSA, Antônio Lisboa T. da. *A indústria de calçados tradicional do Ceará: diagnóstico de competitividade*. Fortaleza: UFC/FCPS/SEBRAE-CE/SINDCALF, 1998.



moeda para cruzado, inovou com o gatilho salarial e fez surgirem os “fiscais do **Sarney**”, após um inédito congelamento de salários e preços.

O sucesso inicial foi imenso e imediato, derrotado, porém, com a mesma rapidez pela dura realidade do ágio, da retração, da moratória, da hiperinflação. **Sarney** e sua equipe econômica lançaram uma segunda edição do Plano Cruzado, que levou à disparada dos preços e justificou mais um plano, dessa vez denominado **Bresser**³, na tentativa de conter uma inflação que atingiu 366% no ano de 1987. A derradeira esperança foi depositada na implantação do Plano Verão, em 1989, trazendo nova mudança na moeda, que em curtíssimo prazo passara de cruzeiro a cruzado, e daí para cruzado novo, fadado a trilhar igual fracasso.

A seu sucessor, o alagoano **Fernando Collor, José Sarney** transferiu a faixa presidencial embrulhada em uma recessão econômica fervente, que demandaria tempo até ser reduzida a fogo brando, minimizada pela ação da moeda ainda não criada, que se chamaria real, sobre a qual não se sonhava naquele ano de 1990, em que **José Nilo de Andrade Albuquerque** assumia a presidência do Sindicato calçadista da Capital cearense, e a indústria Grendene desembarcava em Fortaleza.

Nilo crescera vendo de perto o trabalho do pai, **Sebastião Lino Albuquerque**, em uma pequena fábrica de sapatos no município de Piriipiri, interior do Piauí. De lá a família mudou-se para Campo Maior, onde o padrinho de crisma de **Nilo** era dono de uma loja de calçados. A aproximação da família com a atividade calçadista aumentou. A fábrica era uma extensão da casa,

³ - Luiz Carlos Bresser Pereira foi Ministro da Fazenda em 1987.

As máquinas eram importadas, das marcas Pfaff, Adler, Singer.

uma casa de esquina, comprida, com entrada independente e área suficiente para abrigar as máquinas, a matéria-prima, e as duas dezenas de funcionários que chegou a ter. Acolhia ainda a meninada que brincava por perto, aspirando o cheiro do couro e absorvendo no sangue o amor à produção.

Da fábrica de **Sebastião Lino** saíam calçados femininos, basicamente em couro, pois “naquele tempo não havia sintético”, como recorda o filho. Ou pelo menos não em Campo Maior, Piauí, onde “tudo era de couro”. Os calçados eram vendidos na própria fábrica. “Não tinha placa, não tinha nada”, ele lembra, “mas as vendas eram boas”.

Quando se mudou para Fortaleza, na busca pelo diploma em Agronomia, **Nilo** conseguiu emprego com **Seu Zizi**, que fornecia sola para a fábrica de **Sebastião**, e em seguida passou a trabalhar na S.A. Curtume Carioca, onde permaneceu por cinco anos. “Aí já não fui mais estudar Agronomia, e virei sapateiro”, resume ele, que se diz “não saudosista”.

As máquinas eram importadas, das marcas Pfaff, Adler, Singer. Fazia-se uma fábrica com uma máquina de costura, uma máquina de chanfrar, uma de prensar, e com a lixadeira “sete-instrumentos”: um eixo com uma escova, uma lixa mais larga, uma mais estreita, uma mais áspera,

um esmeril para amolar faca, sete rebolos com funções diferentes.

Entre 1977 e 1979, **Nilo** ainda chegou a ser representante comercial na área de materiais para indústria de calçados, ocupou-se na fabricação de bolsas, mas ao confirmar que sapatos vendiam muito mais do que bolsas mudou o foco de produção e abriu a empresa Calf⁴, na Rua Tereza Cristina, nº 253, em Fortaleza.

Sem que houvesse qualquer intenção prévia, a denominação da fábrica coincidia com parte do nome do Sindicato do qual viria a ser Presidente por apenas um mandato, não aceitando convite para reeleição em 1992.

No cenário de novas firmas calçadistas desse período enquadrava-se o negócio de **José Bueranes da Silva**, iniciado em 1990 no Parque Araxá, Rua Tiradentes, nº 191. O endereço da loja, de pronta entrega, era o mesmo do pai dele, mas tão logo ganhou fôlego **Bueranes** mudou-se para local mais adequado, estabelecendo-se na Rua Delmiro de Farias, nº 781 - justamente onde estava fechando as portas a Fábrica de Calçados Kennedy, de **José dos Santos Cacau**.

O novo calçadista da praça tinha começado a trabalhar bem jovem, auxiliando as irmãs

4 - Bezerro, em inglês.

nas entregas de serviços de Contabilidade. O espírito sociável o levou a estabelecer amizade com muitos calçadistas, entre eles o paraibano **José Alfeu de Castro**, do Mercado dos Couros, e **Nilo Albuquerque**. Antes de ingressar na área **Bueranes** chegou a trabalhar no setor comercial da Loja Ocapana, um trabalho burocrático que não satisfazia sua natureza inquieta.



Edmar Vieira Filho

Aceitou o convite de **Nilo** e passou gerenciar a Calf, chegando a ser "tipo um sócio", como diz - e descobriu que gostava do negócio. Ao sair da fábrica montou a sua Bumerang Calçados. "As pessoas não acertavam dizer meu nome, diziam *bumerangue*, então eu aproveitei isso", explica. Fabricava sandálias femininas para sacoleiras, o que foi para ele "um canal muito legal": o que fabricava era vendido. Apesar de ter o amigo **Nilo** na presidência do Sindcalf, **Bueranes** demorou a se interessar.

"Me chamavam e eu dizia: vou não, eu vou é jogar minha bola!". Apesar da insistência dos amigos **Nilo Albuquerque** e **Haroldo Coelho**, a participação sindical ainda iria esperar.

Edmar Vieira Filho, que trabalhara no Curtume Cearense e alugara um outro, em Sobral,

sucedeu **Nilo** no cargo, elegendo-se em 16 de outubro de 1992. Os sócios em condições de votar eram 31, dos quais 21 se dirigiram à Casa da Indústria, para o seguinte resultado: Presidente **Edmar**, Vice-Presidente **Emanuel Góis Santiago**, Secretário **Nelson José Andreazza**, Tesoureira **Márcia Oliveira Pinheiro**, e Diretor de Promoções **Océlio Frota Sá Nogueira**.

No Conselho Fiscal: **Raimundo Nonato Paiva Recamonde**, **Francisco Homero Guedes da Silveira**, **José Nilo Andrade Albuquerque** (Efetivos), e **Francisco José Melo Tavares**, **Raul Socorro**



José Bueranes da Silva

Gonzalez e **Francisco das Chagas Leite** (Suplentes). Delegados representantes junto à Federação das Indústrias: **Edmar** e **José Nilo**. Suplentes, **Raimundo Recamonde** e **Emanuel Santiago**.

A Diretoria tomou posse em 17 de novembro, em mesa de honra composta pelo Presidente da FIEC, **Fernando Cirino Gurgel**, e pelo Secretário da Indústria e Comércio **Antônio Balhmann Filho**, entre outras autoridades. O manda-

to de **Edmar Vieira Filho** teria vigência até 17 de novembro de 1995, porém não chegou ao até o final.

Em Farroupilha, Rio Grande do Sul, a 110 km de Porto Alegre, a Grendene era conhecida como empresa familiar, dos gêmeos **Pedro** e **Alexandre**, que a partir de 1971 começaram a trabalhar no fabrico de garrações plásticas para as vinícolas. Entre uma estação de colheita e outra os irmãos perceberam que poderia ser mais lucrativo expandir atividades fabricando componentes para calçados (principalmente solas), passando daí para os calçados em plástico.

A Plásticos Grendene Ltda. lançou, em 1978, seu primeiro produto, as sandálias femininas Nuar, e no ano seguinte a Melissa, que chegou com data e hora de-

vidamente registradas: 20 de dezembro de 1979. Melissa fez sucesso desde os primeiros dias, e até atingir a maturidade mudaria de endereço somente uma vez: aos 11 anos de existência trocava o clima temperado de seu berço pelo calor tropical do Ceará.

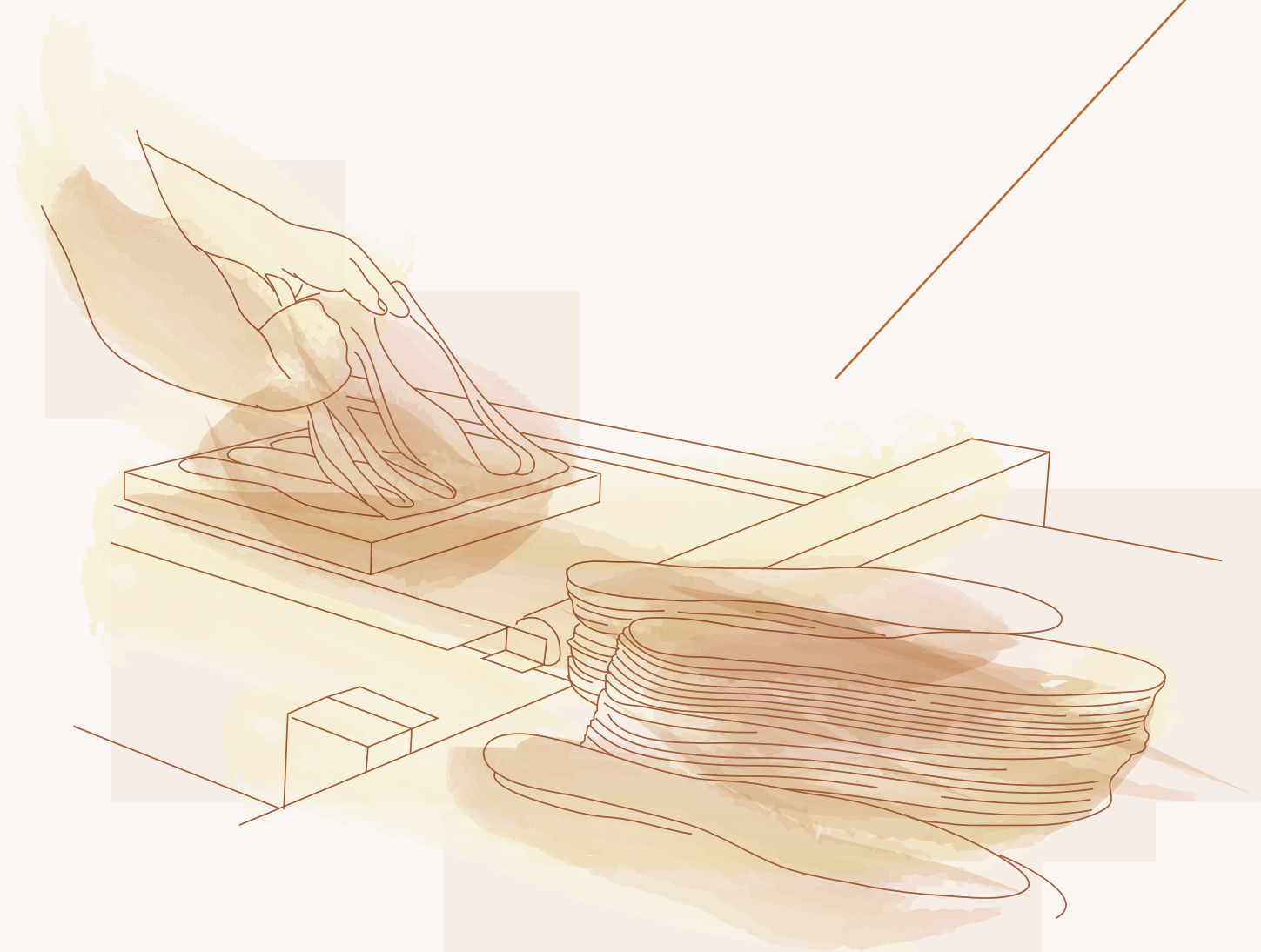
A distância superior a 4 mil km que separa Farroupilha de Fortaleza não foi obstáculo para o deslocamento da primeira unidade produtiva da Grendene. Atraída pelos incentivos acenados pelo governo estadual, a empresa pisou na Barra do Ceará, o local onde haviam desembarcado os primeiros colonizadores do Estado.

A close-up photograph of a pair of brown leather boots with laces. The laces are made of a thick, braided material and are tied in a knot. The leather shows signs of wear and texture. The image is split diagonally, with the top-left portion being white and the bottom-right portion being the photograph.

11

TEMPOS DIFÍCEIS

11



TEMPOS DIFÍCEIS

A Ata Eleitoral registra nova eleição somente em 16 de outubro de 1995, com **Edailson Nobre de Lima** assumindo a presidência. No intervalo temporal entre 1993 e 1995, conforme as Atas de Assembleias Ordinárias, o associado **Emanuel Góis Santiago** presidiu o Sindcalf¹.

A empresa dele, Emanuel Indústria de Bolsas Ltda., começou no bairro Jardim América, de onde passou para o bairro Carlito Pamplona, Rua Cônsul Gouveia. Diferentemente de seus antecessores, não trazia vivência familiar na área. Havia começado em 1971, movido pelo próprio espírito empreendedor, montando com recursos próprios uma pequena empresa “no fundo do quintal”, na expressão do filho **Carlos Henrique Mota Santiago**, “praticamente sozinho, anexo à residência onde morava”.

Carlos Henrique conheceu bem o setor. “Meu pai iniciou nesse ramo produzindo bolsas e carteiras, a maioria feminina. Passou depois a fabricar as Sandálias Nordeste, chinelão, sandálias e sapatos masculinos”, expõe. “Mais adiante iniciou uma linha feminina, com os Calçados Peruanas, chegando a produzir 10 mil pares por mês. Tudo 100% couro”. Por fim criou uma linha de bolsas, com a marca Santiago Assessori. **Emanuel** vendia seus produ-

tos para São Paulo, Norte, Nordeste, e exportava para Porto Rico. Mantinha escritórios de representação em estados do Norte e Nordeste, Minas Gerais e São Paulo.

Raul, nascido nas Ilhas Canárias, em 1940, colocava-se também como um profissional respeitado entre todos os que compunham a entidade. Trazia na bagagem ter sido protagonista involuntário de uma dramática história familiar, envolvendo o ditador **Francisco Franco**², um campo de concentração, um fuzilamento e uma fuga da ilha, em barco a vela, com a permanência de um ano no Senegal. Ao deixarem a África no mesmo barco, dessa vez com destino à Venezuela, “encalhámos no Ceará”.

“Cheguei aqui ainda ‘de menor’,” recorda **Raul**, que foi trabalhar na loja Esquisita, de Wilson Araújo, onde conheceu **Nelson Andreazza**, comprador da loja e casado com **Neuza**, irmã de **Araújo**. Observando o rigor e a qualidade de acabamento exigidos

pelo patrão, a quem ainda hoje considera como “a pessoa que mais entendia de sapatos no Brasil”, **Raul** aprendeu a amar calçados. “A história começou por aí”, afirma. Tão logo conseguiu os recursos abriu “uma fabriquetinha de bolsas e uma fábrica de sandálias”, e chamou **Andreazza** para trabalhar com ele na fábrica Dicouro, na Barra do Ceará. “Esse povo todo passou por minha



Emanuel Góis Santiago

¹ - Cf. SINDCALF, 16 out.1992. p.42-43
Ibidem, 11 out. 1995. O livro de Atas eleitorais registra a posse de **Edmar Vieira Filho** e a chapa da nova Diretoria, tendo **Edilson Nobre de Lima** como candidato à Presidência. Ou seja, não há registro de eleição ou posse de **Emanuel Góis Santiago**, embora as Atas de Assembleia tragam informações sobre o período dele

² - **Francisco Franco** - * 1892/ + 1975. Comandou a Espanha de 01 outubro de 1936 até falecer.

mão”, informa, com uma ponta de saudade, incluindo na lista de presentes e ausentes o nome do amigo **Emanuel Santiago**.

“**Emanuel** tinha a contabilidade da empresa toda na cabeça”, garante o colega **José Bueranes da Silva**, sendo complementado por **Célio Lima**: “Ele entendia tudo de sapato. Só andava muito bem vestido e bem calçado, parecia até um gerente de Banco”, compara.

Da Rua Tereza Cristina, o endereço mais duradouro da fábrica, **Emanuel** vendia seus produtos para São Paulo, Norte, Nordeste, e exportava para Porto Rico. Mantinha escritórios de representação em estados do Norte e Nordeste, em Minas Gerais e em São Paulo. Chegou a ter uma centena de funcionários ocupados na produção, gente da Barra do Ceará, do Jardim Iracema, oferecendo emprego na região geográfica onde ficava o “polo forte dos calçados”, como diz o filho **Carlos Henrique**. Morava com a família no bairro Dionísio Torres, não muito distante da sede do Sindcalf, cuja presidência assumiu em momento economicamente delicado.

Com o fracasso do cruzado a moeda voltara a ser cruzeiro. Apesar das tentativas de seguidos governos, a inflação fugira ao controle, chegando em agosto de 1993 a atingir os 33,53%. Ao mês. E continuava em franca ascendência, com um acumula-

do anual ultrapassando 400%. Como se fosse pouco, os industriais de calçados enfrentavam elevada carga tributária e trabalhista, e começavam a sentir o impacto da concorrência da China, que desde a abertura de mercado, iniciada em 1990, pisava em terras brasileiras com inteira desenvoltura “Dentro de um mercado saudável”, declarava reportagem do jornal *Folha de São Paulo*, “é impossível estabelecer concorrência com os chineses”³.



O quadro era de instabilidade. Entre 1988 e 1994 o Ceará cresceu 31,5% no PIB e a participação do estado passou de 1,50%, em 1987, para 1,80% em 1994. Avanço pequeno dentro de um cenário de estagnação e hiperinflação, de crise fiscal da União e de desordem financeira. No noticiário da imprensa, os problemas haviam começado com a edição do Plano Real, quando houve uma variação cambial associada à restrição de crédito, levando as indústrias de calçados a bater o recorde em falências e concordatas entre 1994 e 1996⁴.

Os reflexos do descontrole se espalhavam pelo País e era inevitável que atingissem o Ceará e Fortaleza. “Os preços dos calçados chineses eram muito baixos. As dificuldades eram muitas. Muitas empresas fecharam”, reflete **Carlos Henrique**, que trabalhava na fábrica do pai e acompanhou boa

3 - JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo, 1997. A competitividade era quase impossível. Enquanto a hora de trabalho paga aos operários calçadistas na Itália equivalia a US\$ 14,99, e nos Estados Unidos a US\$ 9,41 - na China o valor do serviço não superava os US\$ 0,50 (cinquenta centavos de dólar...).

4 - JORNAL DIÁRIO DO NORDESTE. Fortaleza, 20 mai.1996.

parte dessa história, ocupado em produção, almoçarifado, office boy e, após anos de aprendizado, chegando à gerência administrativa com a experiência de chão de fábrica, como queria **Emanuel**.

Apesar de tudo, as atividades no Sindicato precisavam continuar. Apoiado pelos amigos **Nilo Albuquerque**, de quem era vizinho, e **Edailson Nobre**, que seria seu sucessor, **Emanuel** mantinha “uma dedicação enorme ao Sindicato e à FIEC”, na expressão do filho. Organizou comitiva de fabricantes do Ceará para conhecer o que se fazia nos grandes centros calçadistas europeus, e para participar anualmente de feiras nacionais de renome, como Couro Moda e Francal. Implantou no Sindicato o Programa de Desenvolvimento do Setor Calçadista, para “dar a largada na corrida em favor da melhoria da qualidade do produto cearense”, conforme documento interno, “estabelecendo as políticas para o novo milênio”.

A partida súbita de **Emanuel Góis Santiago**, em 1995, colocou em destaque o vice-presidente **Nelson Andreazza**, da Dicouro, localizada na Av. Francisco Sá. O gaúcho era antigo associado, integrante de inúmeras Diretorias do Sindicato, e sócio do espanhol **Raul Socorro Gonzáles**, que delas participou uma única vez.

Andreazza acompanhou a organização de nova chapa e a realização da eleição. Presidiu também a reunião de posse de **Edailson Nobre de Lima**, escolhido em 16 de outubro de 1995 para ocupar o cargo maior do Sindicato, até 17 de novembro de 1998, conforme previsão estatutária⁵. **Andreazza** era gaúcho de Farroupilha, ligado à uma fábrica forte, bem visto entre os colegas industriais e assumiu o cargo por dever estatutário, permanecendo o tempo suficiente para cumprir o que lhe era imposto.

5 - SINDCALF. Atas de Assembleias Ordinárias. (Documentos manuscritos).

Edailson foi eleito em 16 de outubro de 1995⁶, com o voto de 19 dos 34 associados em condições de participar do pleito. **Márcia Oliveira Pinheiro** (C.V. Peles e Couros) era a Vice-Presidente, Secretário **Antônio Elizário de Castro e Silva** (Calçados Adamus), Tesoureiro **Walter Hoff Junior** (Albuquerque Hoff), e **Brenno Lima Câmara** (Orpa) como Diretor de Promoções. Eram suplentes **Hiran Porto Câmara**, Juiz Classista patronal; **Argemiro Ayres do Nascimento Neto**, **Gérson Diniz Soares**, **Tatiana Santiago Machado** e **Francisco Carlos Melo Cunha**, da Grendene.

A chapa contava ainda, como membros efetivos do Conselho Fiscal, com **José Nilo Albuquerque**; **Francisco Homero Guedes da Silveira**, da fábrica Kind; e **Raimundo Nonato Recamonde**, da Recamonde Calçados, tendo **Nelson José Andreazza** (Dicouro); **João Célio Lima**; e **Águida Penna** na suplência. Para Delegados efetivos juntos à FIEC foram escolhidos **Edailson** e **José Nilo**, com os suplentes **Antônio Elizário de Castro e Silva** e **Edilson Nobre de Lima**, irmão de **Edailson** e igualmente um dos diretores da empresa Beluzzi.

Os contratemplos financeiros do período dificultavam, mas não impediam a entrada daqueles que se dispunham a enfrentar desafios, como bem exemplificou o maranhense **Ribamar Cardoso** ao abrir em Fortaleza, em 1995, sua fábrica de componentes de calçados, FortCouros, funcionando na Av. do Imperador, nº 301.

Ribamar trazia na bagagem uma década de experiência como distribuidor de calçados, no município de Juazeiro do Norte. Juntamente com a esposa passou a fabricar solado de PVC

6 - Edailson Nobre de Lima tomou posse em 17 de novembro de 1995. Mandato até 17 de novembro de 1998. É o último registro do livro de Atas Eleitorais iniciado em 1968.

injetado, já com a FortPlast, na Rua 20 de Janeiro, Barra do Ceará, atendendo ao mercado cearense e a uma clientela distribuída entre Recife e Manaus. Por achar que precisava “dar uma contribuição ao setor” filiou-se ao Sindicato na presidência de **Edailson Nobre**.

O Presidente era graduado em Administração de Empresas e em Direito, com pós-graduação em Administração Financeira e em Direito Empresarial, e Diretor da Beluzzi Calçados e Acessórios, criada pelo pai, **Edilson Alves de Lima**, com quatro décadas de experiência no mercado, funcionando na Rua João Sorongo, nº 66, bairro do Jardim América⁷.

Em nome do Sindicato **Edailson** propôs estabelecer parceria com a Federação das Indústrias do Estado do Ceará - FIEC, realizar imediato diagnóstico do setor, e de posse dos dados programar uma orientação aos calçadistas, a começar em 1996.

O ambiente para a indústria calçadista estava longe de ser um dos melhores em 1995.

O setor havia sido duramente afetado pelo Plano Real, oficialmente iniciado em julho de 1994. Dados do Iplance – Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará, hoje substituído pelo Ipece – indicavam que Fortaleza contava com 110 empresas calçadistas. A crise fizera um bom número delas fechar o ano “no vermelho”. O número constatado de falências e autofalências, em 1995, havia sido de 40, contra as onze registradas em 1994⁸.

7 - SINDCALF. Documento interno. 12 de maio de 1998.
8 - Cf. JORNAL O POVO, 27 set.1996.

Até agosto de 1995, dizia o presidente **Edailson** ao jornal *Diário do Nordeste*⁹, que o entrevistara nas vésperas do Natal, “a maioria das grandes fábricas cearenses operava com apenas 69% da capacidade instalada. As pequenas, com 47%”. O Governo acenava com a redução das taxas de juros, mas o empresariado não via perspectivas positivas para o ano seguinte.

Ao jornal, o assessor do Sindicato, **Roberto Galvão**, justificava em parte o acontecido: “Essas empresas funcionam sazonalmente. Aumentam produção após a Francal e praticamente paralisam atividades de novembro a março”. Somente a partir de abril ocorreria a reposição de estoque, visando ao Dia das Mães.

As folhas de votação sindicais contavam com as assinaturas de 23 empresários, representantes das empresas associadas, em condições de voto. Eram elas: Albuquerque Hoff, Beluzzi Calçados e Acessórios, C.V. Couros e Peles Ltda., Calçados Dicouro, Etiquetec, Fargo Ind. e Com., Grendene Nordeste

S.A., Incanorte, Ind. e Com. de Calçados Adamus, Ind. e Com. David, Ind. e Com. de Calçados Dólmén, Forplast Plásticos, J. Alberto Lima, Lutrel Artefatos de Couro, M.C. Caldas, M.M. Tavares & Filhos, N.A. Ind. de Couros, Orpa, Recamonde Artefatos de Couro, Silveira e Sousa, Última Via e ZAAP Ind. de Calçados.

Logo em janeiro de 1998 o Sindcalf disponibilizou documento trazendo recomendações aos pequenos e médios empresários locais, pressio-

9 - Cf. AZEVEDO, 2001. 24/12/1995.



Carlos Henrique Mota Santiago



Célio Lima

nados pelas elevadas taxas de juros, pela redução no nível de atividade da economia, e pelo aumento da competição no mercado calçadista. Tratava-se de um inusitado *Manual de Sobre-vivência na Crise*, preparado pela Confederação Nacional da Indústria e FIEC/DAMPI.

Em um ano de Copa do Mundo, realizada na França, quatro recomendações eram listadas no Manual, todas elas aplicáveis aos calçadistas fortalezenses: priorizar a gestão financeira; aumentar a produtividade, com redução de custos; aperfeiçoar política de vendas e marketing; e investir em qualidade e tecnologia.

“O importante é o empresário não se deixar vencer pela pressão e tomar decisões apressadas, ou baseadas em poucas informações”, recomendava. “O momento pode ser forte estímulo para modificar práticas inadequadas e incluir novos procedimentos que tornem a empresa mais eficiente e competitiva”.

Sobre a competitividade o Sindcalf ia ao encontro do que concluíra o diagnóstico solicitado em parceria com o Sebrae-CE. As características indispensáveis para enfrentar a concorrência eram: “capacitação tecnológica, para ofertar bens e serviços de baixo custo e alta qualidade; flexibilização, para atender demandas emergenciais e/ou de longo prazo; e articulação com os consumidores e fornecedores”¹⁰. As exigências eram muitas, e complexas.

Intensas pressões internas e externas levaram o Presidente a pedir licença da Diretoria, “por

10 - Cf. SILVA, 1998.

tempo indeterminado, para tratar de assuntos particulares e inadiáveis”. Em documento datado de 12 de maio de 1998, convocou os diretores a participarem de reunião agendada para o próximo dia 19, na qual trataria do assunto.

Durante esse período houve nova alteração no estatuto social¹¹, dessa vez determinando, no art.40, que “o mandato da atual Diretoria, do Conselho Fiscal e dos Delegados Representantes, e dos respectivos Suplentes, em caráter excepcional e para coincidir com aquele da FIEC, terminará no dia 17 de novembro de 1999” - dia e mês previstos desde 1995.

Um documento analítico do Sindcalf foi produzido em 1999, mostrando o quadro de localização das indústrias calçadistas cearenses formalmente registradas. Fortaleza contava com 199 indústrias em 1997, demonstrando crescimento em comparação a 1996, quando possuía 181 empresas.

Naquele mesmo ano o Sindicato ofereceu aos associados um Seminário Técnico

sobre calçados, de temática voltada à formação do preço de venda na micro e pequena indústria, e um curso de estilismo em calçados, ministrado por **Luthero Flores Búcker**¹². A essa época era consultor jurídico do Sindcalf o advogado **Mauro Moreira de O. Freitas**, de Serra, Serra & Serra Advogados.

Edailson permaneceria como Presidente até 1999.

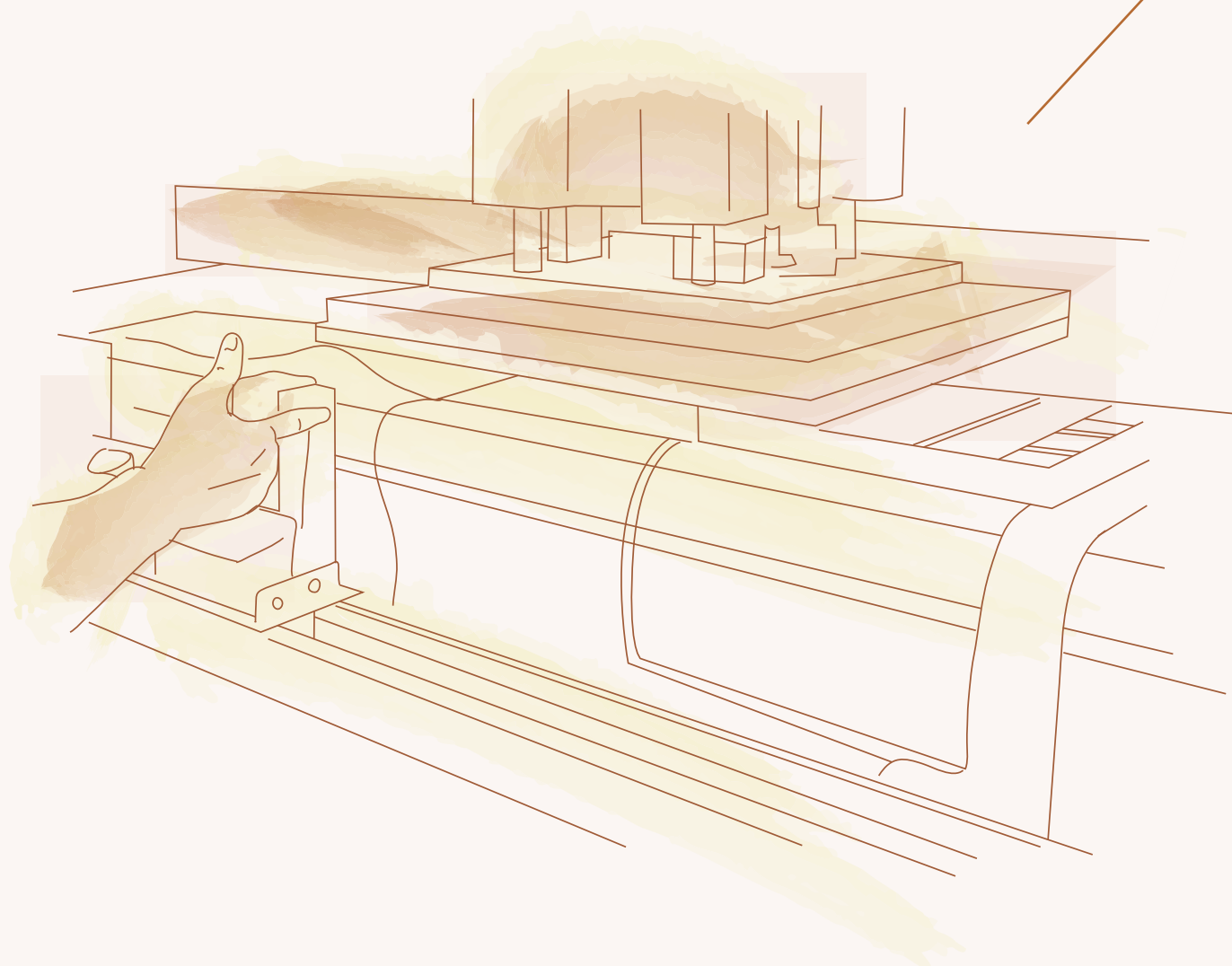
11 - DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO CEARÁ. Fortaleza, 20 out. 1998. Publicou a Assembleia Geral Extraordinária de 18 de agosto de 1998, com a certificação da Secretaria de Relações do Trabalho concedendo o registro de alteração estatutária ao Sindicato.
12 - SINDCALF. Ofício interno. 16 mar.1999.



12

UM GAÚCHO NA
PRESIDÊNCIA

12



UM GAÚCHO NA PRESIDÊNCIA

O jornal *Tribuna do Ceará*¹ tornou público o registro da chapa do Sindicato para o triênio que teria início em 1999, com eleições acontecendo no dia 10 de outubro. Para a Diretoria constavam os nomes de **Jaime Bellicanta, Francisco Homero Guedes da Silveira, Nilo Albuquerque, Hercílio Helton e Silva e José Ribamar Cardoso**. Suplentes, **Estevam Santiago Machado, Iêlida Araújo Lima, Marilene Lima Rodrigues, Francisco de Assis Bezerra e Tatiana Santiago Machado**.

Compondo o Conselho Fiscal, como efetivos e suplentes, respectivamente, **Raimundo Recamonde, João Célio Araújo Lima e José Alberto Lima; Luiz Hélder Sobreira Mota, Maria Águida Freitas da Silva Pena e Zilseide Ribeiro Bezerra**. Os representantes junto à FIEC eram **Jaime Bellicanta e Edailson Lima**, com os suplentes **Nilo Albuquerque e José Ribamar Cardoso**.

Edailson havia relatado a **Jaime** as dificuldades de toda ordem que enfrentava para desempenhar a contento seu papel no Sindcalf. **Jaime**, experiente executivo da Grendene, ouvia. Estava disposto a participar de uma das diretorias, e assegurava apoio no que fosse preciso. Mas naquele começo de 1999, ao perguntar a **Edailson** quem ele indicaria à presidência para a próxima eleição ouviu a pronta resposta, do outro lado da linha: “Você”.

Jaime havia chegado em Fortaleza no ano anterior, como Gerente de Recursos Humanos do grupo corporativo Grendene, função que ocupa até hoje. É verdade que desde o tempo da presidência de **Emanuel Góis Santiago**, cinco ou seis anos antes, vinha se dividindo entre o Ceará e o Rio Grande do Sul. É verdade que estava familiarizado com a cultura local, e que já havia atuado em diversas frentes no negócio calçadista fortalezense. Com tudo isso, só recentemente

viera de mudança, programado para permanecer por um tempo maior.

“Eu disse a **Edailson** que não tinha dúvidas que eu poderia fazer um bom trabalho, porque acompanho isso desde o começo da minha carreira. Mas que eu não devia ser a pessoa indicada naquele momento, porque o pessoal aqui ainda não me conhecia. É um cargo delicado. Se as pessoas não me conhecem, não tem confiança em mim, como é que eu vou assumir?” Tudo isso **Jaime** questionou ao Presidente do Sindicato, sem conseguir demovê-lo da ideia inicial.

Edailson mostrou a **Jaime** a relação dos 27 associados do Sindicato da Indústria de Calçados de Fortaleza. O gaúcho pediu tempo para pensar. Duas semanas depois deu-se uma reunião na sala do Sindicato, com a conversa assumindo tons mais definitivos. “Comecei então a me aproximar mais daqueles que estavam aqui, no dia a dia”, detalha **Jaime**. “Ouvi deles o que eu já sabia: que não me conheciam, que eu vinha de uma grande empresa, mas que, se eu aceitasse, iriam me receber. E eu acabei aceitando”.

As eleições foram realizadas. A chapa única incluía ex-presidentes, os sócios mais assíduos e uma significativa representação feminina. Recebeu a unanimidade dos votos. **Edailson** participou das primeiras reuniões, apresentando **Jaime** aos associados que desejavam conhecê-lo. O questionamento de **Jaime** quanto a seu conhecimento por parte da categoria mostrou-se premonitório. As primeiras reuniões realizadas por ele na sala do terceiro andar do edifício da FIEC foram desertas, ou quase isso. O único a se aproximar era **Célio Lima**, o filho dos fundadores da Dólmen Calçados.

Formado em Filosofia pela Universidade Vale do Acaraú, e antes disso funcionário de Banco,

¹ - Cf. AZEVEDO, 2001. 01/10/1999.

Célio se considera um técnico em calçados - com ressalvas: “Na mesa de bar eu sempre me coloco como sapateiro”, informa descontraído. “Quando o **Jaime** chegou na presidência, teve reunião que fizemos só eu e ele”, afirma **Célio**, que nunca duvidou das vantagens de ser sindicalizado e que considerava, e ainda considera, o Sindcalf como “um celeiro de informações”.

Assim é que chegava sem pressa na sala do Sindicato, conversava com o Presidente, trocava ideias, e ia preparando terreno para a aproximação de um maior número de interessados em se informar sobre as propostas da nova Diretoria.

Reflete o Presidente: “Lembro que na época eu disse: **Célio**, tu tens que me ajudar. O **Célio** era o porta-voz das pessoas. Meu, e dos outros sócios também. Ele vinha aqui, ouvia o que eu tinha para dizer, e depois ouvia os demais. Eu trazia os assuntos, levava para ele, fazia uma pequena Ata, meia hora de reunião, e depois de seis meses começou a vir mais um, começou a vir mais outro, e o quadro mudou. Eu sempre digo que o **Célio** me ajudou a trazer o pessoal para cá”.

Com ou sem quórum, a primeira medida da Diretoria que assumia se mantinha na pauta: reunir a equipe e estruturar a melhor forma de profissionalizar o Sindicato. “Precisava fazer isso”, explica



Jaime Bellicanta

Jaime. “Havia uma cultura mais informal, vinda das gestões anteriores, e achamos que o Sindicato precisava ser profissionalizado, precisava se impor perante a FIEC. Feito isso é que passaríamos a buscar mais benefícios para os associados.”

Profissionalizar era conceito amplo. Significava desde a contratação de uma secretária exclusiva para o Sindicato - o que até então ainda não dispunha - até a realização de pesquisa para saber quem era, e onde estava, o público a ser buscado. Com essa meta em vista a Diretoria contratou empresa especializada para mapear todas as empresas do setor calçadista de Fortaleza. Na sequência, seus proprietários seriam contatados e convidados a integrar o Sindicato, esperançosamente multiplicando os 27 nomes que **Edailson** passara a **Jaime**.

A incumbência foi atribuída à Focvs Consultoria, empresa com trabalho diferenciado na área de recursos humanos e relações trabalhistas, tendo à frente o santista **Ramon Esteves**, já familiarizado com outros Sindicatos componentes da FIEC. A missão era simples: o Sindcalf queria saber quantas empresas calçadistas havia na Capital, e qual a situação delas.

A pesquisa identificou que inúmeras empresas pequenas haviam crescido ou conseguido

se reerguer das crises quando passaram a produzir artigos de primeira qualidade. **Ramon** é pragmático na análise: “Temos que entender que a tecnologia evolui e você não vai ficar usando sandália de rabicho o tempo todo. O investimento em P&D [Pesquisa e Desenvolvimento] fez parte desse processo”.

Além disso, em 1999 a pesquisa da Focvs encontrou mais de 200 empresas registradas na Junta Comercial do Ceará. Dessas, cerca de 50 se encontravam em funcionamento. Muitas delas, devidamente visitadas, não viam vantagem em se sindicalizar.

“Foi quando nós começamos a criar o que temos hoje”, detalha o Presidente. “Oferecemos um advogado, fizemos um trabalho para fortalecer a presença nas feiras, nos direcionamos a conseguir apoio junto aos órgãos governamentais”. De forma calculada foi elaborado e proposto um calendário de reuniões mensais, com previsão para os seis meses seguintes, insistindo na importância da participação de todos e não apenas de **Célio Lima**, o filósofo sapateiro. **Jaime** resume o caminho para as conquistas: “Eu fui persistente”.



Ramon Esteves



Paulo Serra

Profissionalização do Sindicato. Esta foi a marca do primeiro mandato da Diretoria comandada por **Jaime Bellicanta**. O Estatuto foi reformado, para atender às mudanças na legislação pertinente. A contabilidade foi reformulada, o que traria benefícios aos associados no contato com a FIEC e com parceiros institucionais: “Eu diria que no segundo ou terceiro ano nós conseguimos fazer um Sindicato profissional”, analisa **Jaime**, com o cuidado de acrescentar: “Isso dito por todos que estavam aí, não só por mim”.

A assistência jurídica era prestada por **Paulo Serra**, do Escritório de Advocacia Serra, Serra & Serra, sediado em Porto Alegre sob o registro nº 12 na OAB/RS.

Paulo Serra se orgulha dos 50 anos de profissão, em um escritório de advocacia que conta com 75 anos de experiência. Aos 74 anos de idade, continua trabalhando em Porto Alegre, embora recentes problemas de saúde tenham imposto um certo distanciamento da atividade, o que fez com a segurança dada pelos filhos, ambos advogados.

Sobre o Sindicato calçadista de Fortaleza ele afirma, após alguma ponderação e o anúncio de uma ressalva: “Sem dúvida

alguma, nós tínhamos antes um Sindicato nos moldes antigos, sem uma organização, sem arquivos completos, a tesouraria era uma coisa meio empírica – enfim. Isso não é uma crítica. É uma constatação. Hoje nós temos um Sindicato que está absolutamente regularizado, em termos administrativos. Eu diria que está não apenas compatível, mas bem melhor do que a maioria dos sindicatos nacionais”.

A responsabilidade pelo ajuste é personalizada: “Isso se deve ao **Jaime**, sem dúvida nenhuma. Ele é daqui, gaúcho. Arrumou Farroupilha, foi a Fortaleza, arrumou Fortaleza foi a Sobral, criou Sobral, Crato, tudo isso aí foi criado por ele”. **Paulo Serra** não pretende dar ares de onipotência ao conterrâneo, mas também não pode deixar de reconhecer as qualidades dele: “É uma pessoa que é uma liderança destacada, sem dúvida alguma”.



Francisco Paiva das Neves

Ramon Esteves, da Focvs Consultoria, realizadora do mapeamento das empresas locais não diverge: “Nós temos uma relação muito tranquila com o **Jaime**. Sempre que precisa ele nos chama”. Concluído o trabalho de pesquisa **Ramon** voltou às negociações trabalhistas e às convenções coletivas, sempre representando sindicatos patronais. Veio daí o contato com **Francisco Paiva das Neves**, então Coordenador Geral do Sindicato dos Trabalhadores, entidade que não tem um Presidente, mas sim uma direção colegiada, eleita a cada três anos. Desde 1998, **Paiva** atuava como representante da categoria, unida sob o quilométrico título de Sindicato dos Trabalha-

dores da Indústria de Calçados, Bolsas, Luvas e Material de Segurança do Estado do Ceará².

“Popularmente a gente chama de Sindicato dos Sapateiros”, simplifica o sindicalista, que pondera a relação entre os dois sindicatos: “Não poderia deixar de ser uma relação conflituosa, no bom sentido. Ninguém briga, ninguém troca palavras pesadas, mas é conflituosa porque são categorias diferentes. Nós representamos os trabalhadores, que têm os interesses salariais da categoria. O Sindcalf representa os donos. São interesses antagônicos, aqui como em qualquer parte do mundo, mas mantemos uma relação de respeito”.

Paiva reconhece que a profissionalização das negociações resultou em vantagens para ambas as partes. “O advogado é um profissional, o chefe do RH é outro profissional, nós temos assessoria econômica do DIEESE, um assessor jurídico nos acompanha, jornalistas que nos assessoram, toda uma equipe em volta da mesa, cada um fazendo a sua parte. Nós encaramos a discussão como uma questão de antagonismo normal. No final chegamos a um acordo, a um meio termo que não é o que queremos, mas também não é o que eles querem”.

O mergulho no sindicalismo não tirou de **Paiva** a poesia. Antes de ser o cordelista que é hoje escreveu e publicou poesias como “Manhã Operária”, dedicada à esposa **Fátima**, a quem conheceu como operária de fábrica de calçados:

² - O nome original, na Carta Sindical de 1942 era Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Calçados, Bolsas, Pentes, Cintos, Bengalas e Chapéus para Senhoras.

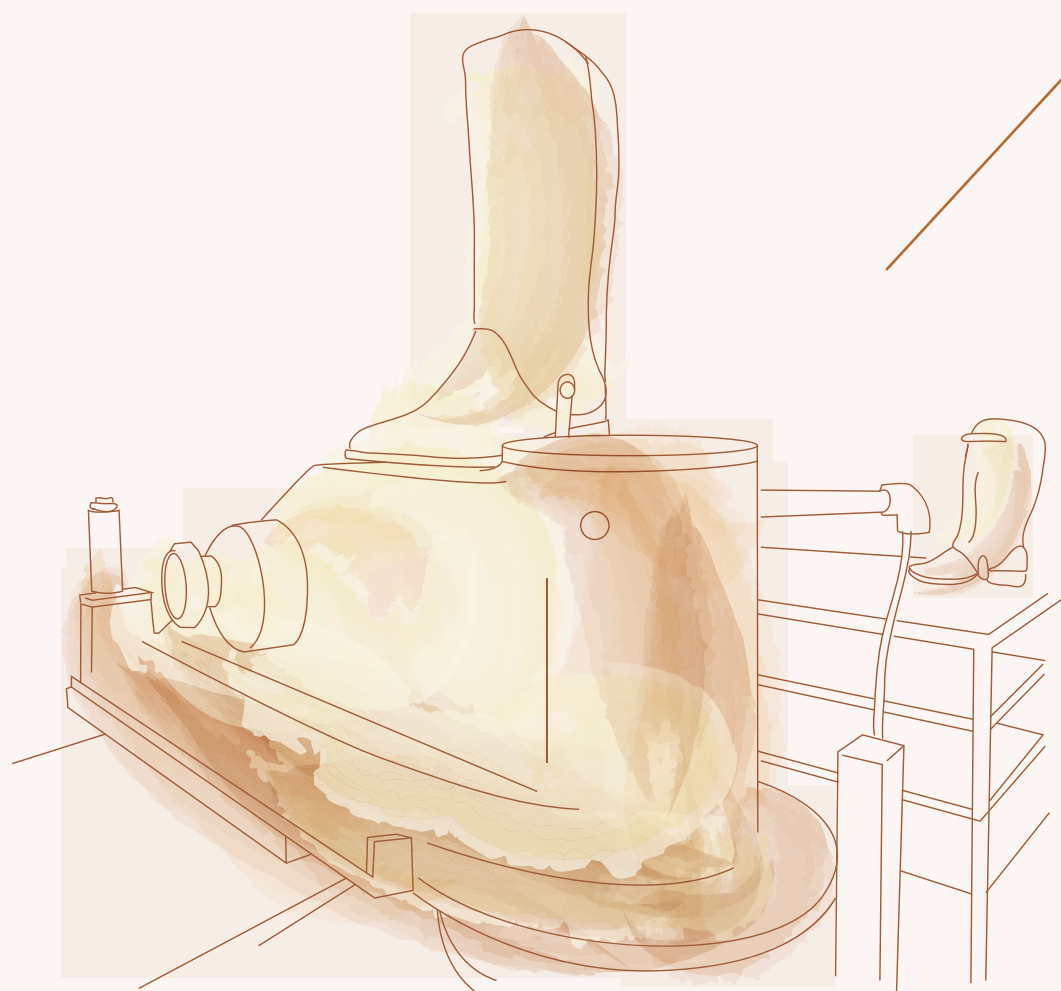
“Sempre com pressa, veste a farda,
Toma apressados goles de café
Com leite
E pedalando sua bicicleta azul
Projeta-se de rua afora
Para ser engolida pela fábrica.
Tão menina,
Tão mulher,
Tão bela
A trafegar pela manhã
Na sua bicicleta de ferro e sonhos
De cabelos ainda úmidos
Caindo por sobre os ombros.
A fábrica tem pressa
Que suas máquinas funcionem,
E seus trabalhadores gerem lucros.
Por isso seu apito estridente desperta a cidade
E chama a moça de sorriso largo
Que sonha com a felicidade.”

13

PROFISSIONALIZAÇÃO
DO SINDICATO



13



PROFISSIONALIZAÇÃO DO SINDICATO

O primeiro mandato da Diretoria presidida por **Jaime Bellicanta** teve a duração de três anos, como mandava o estatuto vigente. Com a casa sendo arrumada nos novos moldes era hora de mostrar serviço para os potenciais associados.

Em outubro de 2002 o Jornal da FIEC noticiava o fortalecimento do setor calçadista no Ceará como um todo, a partir de Fortaleza. Em parceria com o SENAI-CE - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, o Sindcalf oferecia produtos, treinamentos e serviços. Segundo o Presidente, estava em desenvolvimento um esforço deliberado “visando atrair mais empresas para o órgão, a fim de fortalecer o setor”.

Com tal objetivo em vista o Sindicato promovera recentemente a I Convenção Estadual da Indústria de Calçados de Fortaleza, encontro realizado no Núcleo de Negócios do SENAI da Barra do Ceará, reunindo mais de 30 empresários do setor calçadista e indústrias afins, como as de couro e plástico.

Durante a Convenção, **Jaime** encarregou-se de apresentar aos presentes “as vantagens de se contar com um sindicato forte e atuante”. Disse a eles o que precisava ser dito: “Com mais associados, podemos pleitear um apoio maior dos órgãos de fomento às micro e pequenas empresas, como o Sebrae”. Na sequência, os representantes do SENAI e do Sebrae apresentaram as ações dos dois órgãos destinadas à indústria calçadista, e informaram como as empresas locais poderiam se beneficiar delas.

O presidente do Sindicato destacou ainda a participação de sete empresas de Fortaleza na V Feira de Tecnologia e Calçados do Cariri – FETECC, acontecida três meses antes, conso-

lidada como “uma vitrine para divulgação da produção das indústrias do Cariri para atrair empresários de todo o país”.

O informativo da FIEC prosseguia: em agosto o SENAI havia firmado parceria com o Sebrae e com a agência alemã GTZ, de cooperação técnica, para atender o setor de calçados em nível estadual. “Trata-se do projeto Competir”, esclarecia o jornal, “que visa elevar a competitividade das empresas por meio de modernas técnicas de gestão e tecnologia”.

Os trabalhos seriam desenvolvidos em parceria com o Sindcalf, que no mês de novembro realizaria um workshop “para identificar os principais elos e gargalos da cadeia produtiva”, ficando para o ano seguinte, 2003, assegurar atendimento às necessidades identificadas no workshop, “propiciando uma atuação orientada pela demanda, permitindo o alcance dos melhores resultados possíveis”.

Aproximava-se mais um período de eleições para o Sindicato fortalezense da indústria de calçados, que escolheria seus diretores para o período 2002-2005. Dessa vez, a chapa única tinha a seguinte composição: Diretor presidente: **Jaime Bellicanta**; Diretor secretário: **José**

O jornal da FIEC anunciava o fortalecimento do setor calçadista como um todo.

Ribamar Cardoso; Diretor tesoureiro: **Hercílio Helton e Silva**. Eram suplentes da Diretoria: **Mário Oliveira da Silva Penna**, **Francisco Homero Guedes da Silveira** e **Ismar Seragi Cunha**.

No Conselho Fiscal, membros efetivos: **Raimundo Nonato Paiva Recamonde**, **Emílio Fernandes de Moraes Neto** e **Marcos Aurélio Strada**. Suplente, apenas um: **Estevan São Tiago Machado**. Como Delegados representantes junto à entidade de grau superior constavam, efetivos, **Jaime Bellicanta** (Primeiro efetivo) e **Hercílio Helton e Silva** (Segundo efetivo). Suplente, **José Ribamar Cardoso**.

Jaime Bellicanta foi reconduzido à presidência. A solenidade de posse aconteceu no dia 5 de novembro de 2002, na cobertura da Casa da Indústria, com a presença do Diretor Administrativo da FIEC, **Hermano Frank Júnior**, de associados e de componentes da Diretoria recém-eleita. Em breve discurso o Diretor Administrativo da FIEC “destacou a importância do setor para o Ceará, desejando que a nova diretoria do Sindicato tenha êxito em suas propostas. Ressaltou ainda que a FIEC envidará todos os esforços para que o segmento possa continuar tendo sucesso, e contribuindo para o desenvolvimento do Estado”¹.

O Presidente reeleito também fez uso da palavra. Apresentou um balanço das ações de sua primeira gestão, incluindo participação em feiras especializadas e treinamento da mão de

obra para atender o setor. Adiantou ainda as metas da próxima gestão: “Queremos preparar o setor para exportar”.

Esse esforço para aumentar ainda mais a participação no mercado externo do calçado produzido nas indústrias de Fortaleza incluiria a criação de um site para divulgar os produtos cearenses, além da consultoria de um técnico do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial do Ceará (SENAI-CE), pronto para auxiliar as empresas a se organizarem para exportar. “Queremos buscar alternativas para que o setor cresça”, afirmou **Bellicanta**².

O quadro no momento era simples: 54 empresas em Fortaleza atuando no segmento de calçados, 28 delas associadas ao Sindicato. O setor gerava, na Capital e Região Metropolitana, cerca de 4.300 empregos diretos. O faturamento girava em torno de R\$ 60 milhões por ano. E o Ceará se posicionava como o primeiro centro produtor de calçados do Nordeste.

“Só no ano passado”, registrava a matéria do *Jornal da FIEC* referindo-se ao ano de 2001, “o setor calçadista cearense que, em 1996, representava aproximadamente 2% de suas exportações, consolidou-se como o principal exportador do Estado, com um percentual de 33%, o que equivale a aproximadamente US\$ 174 milhões dos 527 milhões exportados pelo Estado”. Muitos números para uma verdade: em seu todo, o setor apresentava crescimento.



Hermano Frank Júnior

1 - AGÊNCIA CNI. São Paulo, 25 nov.2002.

2 - JORNAL DA FIEC. Fortaleza, nov.2002.

Uma mudança no Estatuto se fez inadiável em 2003. Os jornais *Diário do Nordeste* e *Diário Oficial do Ceará* veicularam convocação aos associados, e no dia 10 de dezembro reuniram-se 17 dos 21 regularmente registrados para deliberar sobre o que foi posto em pauta pelo Presidente na ordem do dia: a alteração dos Estatutos Sociais do Sindcalf, atendendo assim ao ofício enviado pela Federação das Indústrias do Estado do Ceará, que alertava para a necessidade de adequação das entidades sindicais de primeiro grau ao novo Código Civil brasileiro, em vigor a partir de 2002.

Incluía-se nas alterações a “modernização da entidade” e as “adequações para sincronia de mandato com a FIEC”, ou seja, o mandato passaria a se estender por quatro anos, seguindo os passos da Federação hospedeira. Após aprovação, a Ata da Assembleia foi assinada por **Jaime Bellicanta**, Presidente, **José Ribamar Cardoso**, Secretário, e **Adenauer Moreira**, assessor jurídico representando o Escritório de Advocacia Serra, Serra & Serra. Findo aquele mandato, os seguintes passariam a durar um quadriênio.

Aproximava-se o Natal. A Diretoria do Sindcalf fez questão de mostrar que não olhava apenas para os próprios pés. Foi organizada a primeira Caravana da Solidariedade, que teria mais uma edição no ano seguinte. Três entidades localizadas em Fortaleza – Lar Torres de Melo, voltado ao acolhimento de idosos; Casa do Menino Jesus, de apoio a crianças com câncer; e Iprede, atuante no combate à desnutrição infantil e foco no desenvolvi-

mento da primeira infância - foram escolhidas por uma comissão do Sindicato, e beneficiadas com a doação de 150 kg de leite em pó.

A ideia surgira, na explicação de **Jaime** ao *Jornal da FIEC*³, como uma forma de colaborar com o Natal de instituições prestadoras de serviços assistenciais a pessoas para quem a data não existia. “Passamos um ano que ficará marcado pelas iniciativas de todos aqueles à frente do Sindcalf, quer pela coragem no enfrentamento de novos desafios, quer pela ousadia na adoção de deliberações”, afirmava ao jornal.

A Diretoria da entidade entendeu que o espírito de solidariedade deveria falar mais alto, e ir além da tradicional confraternização de final de ano. Em comum acordo com os associados, a verba reservada à festa foi destinada à compra de mantimentos a serem doados às entidades mencionadas.

A primeira Caravana da Solidariedade recebeu o apoio das empresas fortalezenses Alta, Atalaia, Bienal, Billfold, Carfab, Catanhede, Courocel, Courofino, Currulepo, Fortplast, Grendene, Ha-

mish, H & S, Ianel, Karina, Kind, Luna, Nelvil, Palmflex, Recamonde, Scarpa, SSS e Special Bags, que contribuíram para a iniciativa. Além do presidente **Bellicanta**, do vice-presidente **José Ribamar Cardoso**, do tesoureiro **Hercílio Helton e Silva** e do advogado **Adenauer Moreira**, participaram da entrega os associados **José Edmundo de Vasconcelos Filho**, **Marconi Tomé da Silva** e **Alfredo Xenofonte Cardoso**.

3 - Cf. JORNAL DA FIEC, dez. 2003.



Hercílio Helton e Silva

A festa de confraternização dos associados do Sindcalf voltou a ser realizada, no final de 2004, com um jantar oferecido no salão nobre do Ideal Clube de Fortaleza, sem prejuízo para a Caravana da Solidariedade.

O ano de 2004 era promissor a uma retomada do crescimento econômico nacional, a partir do ajuste fiscal, da estabilidade cambial e do recuo na inflação. No caso do Ceará, havia a expectativa de aproximadamente 4% de aumento do PIB. A indústria de transformação era a impulsionadora do crescimento com variação de 8,7%, influenciado principalmente pelos segmentos alimento e bebidas, têxtil, e calçados⁴. Os calçados tinham dado um passo largo, alcançando o primeiro lugar na pauta de exportação, superando a tradicional castanha de caju (segundo lugar) e o setor têxtil (em terceiro).



Adenauer Moreira

O ambiente se mostrava animador para os calçadistas fortalezenses, ainda que não voltados à exportação, e a agenda do Sindcalf mostrava o empenho em oferecer mais a seus associados.

Logo em janeiro foi promovido, no quinto andar da FIEC, treinamento sobre “O Papel do Preposto na Empresa”, realizado pelo advogado do Sindicato, o paraibano **Adenauer Moreira**, experimentado negociador, registrado como mediador junto ao Ministério do Traba-

lho e Emprego, atuando há mais de 18 anos em Negociações Coletivas na representação de empresas e sindicatos, além de contencioso judicial e administrativo, e que desde 1997 presta serviços ao Sindcalf, em especial no que se refere a assuntos relacionados a negociação coletiva de trabalho.

Outro treinamento veio a ser oferecido em novembro e **Adenauer** foi novamente um dos instrutores, contando com a colega **Carolina Serra**. “Rotinas Trabalhistas” era o tema debatido com

empresários e funcionários do setor de RH das empresas, objetivando esclarecer dúvidas no que se referia ao assunto.

Ainda com a preocupação de abrir os horizontes e expandir o potencial dos sócios, o Sindcalf proporcionou um treinamento original em Guaramiranga, realizado pela SERH Consultoria - Serviço Especializado em Recursos Humanos. O contato com a natureza e a integração entre os participantes fo-

ram as ferramentas principais “para gerar reflexões e para promover transformações no nível racional, emocional e físico”, como informava o material de divulgação.

Sob o disfarce de atividade física, envolvendo os participantes em trilhas, rapel, tirolesa e ponte de três cordas, foi possível a cada um “avaliar vários pontos durante o percurso nas trilhas, com ênfase para: trabalho em equipe, tomada de decisões, gerenciamento de tempo e risco, autogestão, e resolução de conflitos”.

Uma parceria do Sindicato com o SESI-CE, estabelecida em abril, foi importante para esclarecer empresários, profissionais de recursos humanos, de saúde e de segurança do trabalho em Juazeiro do Norte sobre o documento Perfil Profissiográfico Previdenciário - PPP, que reunia “dados administrativos, registros ambientais e resultados de monitoração biológica durante todo o período em que o trabalhador exerceu suas atividades”⁵.

O Grupo de Ação de Relações Trabalhistas e Sindicais da FIEC organizou o evento, do qual **Jaime Bellicanta** foi um dos palestrantes, na condição de Coordenador do referido Grupo e representante do Sindcalf.

Mais uma palestra motivacional foi oferecida, em 2005, com abordagem desafiante: “Morra e Mude: para novos resultados, esqueça os velhos caminhos”. Ministrada pelo consultor e palestrante **Paulo Angelim**, o evento reuniu empresários e funcionários de empresas do setor calçadista, convidados a “repensar atitudes do dia a dia, de forma descontraída, leve e alegre, oferecendo uma injeção de ânimo e uma carga de autovalorização aos presentes”⁶.

Embora houvesse ênfase evidente no aperfeiçoamento profissional, o cuidado com a memória se impunha. Em março daquele ano o Sindicato se preparava para comemorar seis décadas de existência com uma iniciativa inédita em sua história: a coleta de informações e fotografias para resgatar as origens do Sindcalf, e compor uma galeria fotográfica em homenagem aos antigos dirigentes.

Hercílio Helton e Silva envolveu-se diretamente no projeto. O parentesco com o historiador

5 - Cf. AGENCIA CNI, 20 abr. 2004.
6 - Cf. JORNAL DA FIEC, 30 mai. 2005.

Geraldo Nobre facilitou o acesso a arquivos antigos. Com o auxílio do ex-secretário, **Antônio Elisiário da Costa e Silva**, atas dos primeiros tempos foram recuperadas. O passado do Sindicato ganhava vida.

A busca por informações foi levada a sério. Um anúncio foi veiculado nos principais jornais da cidade e nos veículos institucionais procurando estabelecer contato telefônico com familiares daqueles presidentes sobre os quais pouco se sabia. **Carlos Ferreira Gomes**, filho de **Francisco Pinto Ferreira Gomes**, o segundo Presidente, contribuiu com fotos do pai e de outros dirigentes. Os parentes de **Carlos César Mendonça de Oliveira** (1954-1955) e de **Exedito Pereira de Oliveira** (1955-1956) foram especialmente demandados.

A iniciativa foi bem-sucedida. As fotos dos 14 ex-Presidentes foram expostas em evento comemorativo, acontecido no dia 23 de junho de 2004, contando com a participação também dos familiares. **José Nunes Passos**, filho de **Carlos Passos**, foi com toda a família e muito orgulho. **Lília Quinderé** também esteve presente, representando a família de **Edmilson Quinderé** (1950-1954). “Fiquei muito emocionada quando fui receber a homenagem ao meu avô”, registra ela.

Ao longo do período as feiras locais, nacionais e internacionais mobilizaram os calçadistas fortalezenses e o Sindicato se colocou na vanguarda. Na visão da Diretoria era estratégico manter a participação em feiras, principalmente naquelas de alta visibilidade, como a Couromoda - Feira Internacional de Calçados, Artigos Esportivos e Artefatos de Couro, habitualmente realizada no começo do ano, e a Francal - Feira

4 - MENSAGEM DO GOVERNO DO ESTADO À ASSEMBLEIA LEGISLATIVA. Fortaleza: SEPLAN, fev.2005.



Internacional de Calçados, Acessórios de Moda, Máquinas e Componentes, mobilizando o meio do ano com lançamentos para Primavera/Verão.

As edições número 31 e 32 da consagrada Couromoda, realizadas no Parque de Exposições do Anhembi, São Paulo, em 2004 e 2005⁷, contaram com a participação de fabricantes cearenses, apoiados pelo Sindcalf, Governo do Estado e SEBRAE-CE. O setor produtivo de Fortaleza foi representado por empresas de renome, que expuseram sapatos, bolsas, sandálias e acessórios em couro e material sintético. Todos os expositores integravam o Projeto Setorial Integrado de Calçados - PSI⁸.

Em relação à presença na Francal, tida como principal feira para geração de negócios, aquecimento e aumento de volume de vendas do mercado, das 12 empresas cearenses que viajaram em 2004 para expor seus produtos seis eram de Fortaleza: Alzira's Bolsas, Billfold Bolsas e Acessórios, Courocel - Comércio de Couro Cearense Ltda., Dicouro Acessórios de Couro Ltda, C&L Indústria de Plástico Ltda. e Elite Shoes.

O Sindcalf entrou com o pé direito na feira, ocupando um stand de 240m² repartido com os parceiros Governo do Estado, Sebrae, FIEC e Sindicato das Indústrias de Calçados de Juazeiro do Norte. O jornal *O Povo* divulgou a participação "do segmento industrial que mais gera empregos e exporta no Ceará," nessa que era "uma vitrine da moda brasileira reconhecida pelo talento de seus designers, que estão construindo o conceito e a imagem do calçado do Brasil"⁹.

O balanço da Francal foi registrado pelo *Jornal da FIEC*. A avaliação dos empresários foi positiva, consolidando relacionamentos além das

negociações. "Outro fator considerado positivo foi a presença de visitantes oriundos de diversos países, todos interessados em conhecer os produtos cearenses", relatava a matéria. "Com isso, podemos garantir que a qualidade e o design dos nossos produtos estão em linha com as tendências mundiais".

O sucesso foi constatado na edição de 2005 da Francal¹⁰, quando 23 empresas cearenses participaram - quase o dobro do ano anterior. O presidente **Jaime Bellicanta** acompanhou o grupo de Fortaleza, no qual se encontrava **Edmundo Vasconcelos**, proprietário da Billfold. O fabricante de bolsas femininas traduziu a expectativa do setor: "Estamos apostando todas as fichas nessa feira"¹¹.

Muitos dos que participavam da Francal mantinham-se fieis a uma participação continuada. "Quem vai uma vez, não deixa mais de ir", assegurava **Bellicanta** em entrevista¹². "O espaço [do Ceará] é nobre, bem localizado, próximo às grandes empresas calçadistas do País, boa oportunidade de prospectar bons negócios para o mercado cearense", que na edição de 2006 agregou 14 empresas calçadistas de pequeno porte, 40% a mais que no ano anterior.

Mais uma feira nesse período teve por cenário o interior do Estado. Tratava-se novamente da FETECC - Feira de Tecnologia e Calçados do Ceará, em sua sétima edição¹³, realizada em Juazeiro do Norte, tradicional polo calçadista cearense. "A diversidade de produtos no stand foi o que mais atraiu visitantes, deixando os expositores muito satisfeitos com a realização de negócios, e novos contatos", anotou o balanço do evento. Nos 72m² do stand coletivo, o Sindcalf e seus associados Bienal, Billfold, Courocel, Dicouro, Forplast, Hamish, Kind, Palmiflex e Recamonde mostraram o que sabiam fazer.

7 - COUROMODA edição 31. São Paulo, 11-14 jan. 2004.
8 - Cf. JORNAL O POVO, 11 jan. 2005.
9 - Cf. JORNAL O POVO, 12 jul. 2004.

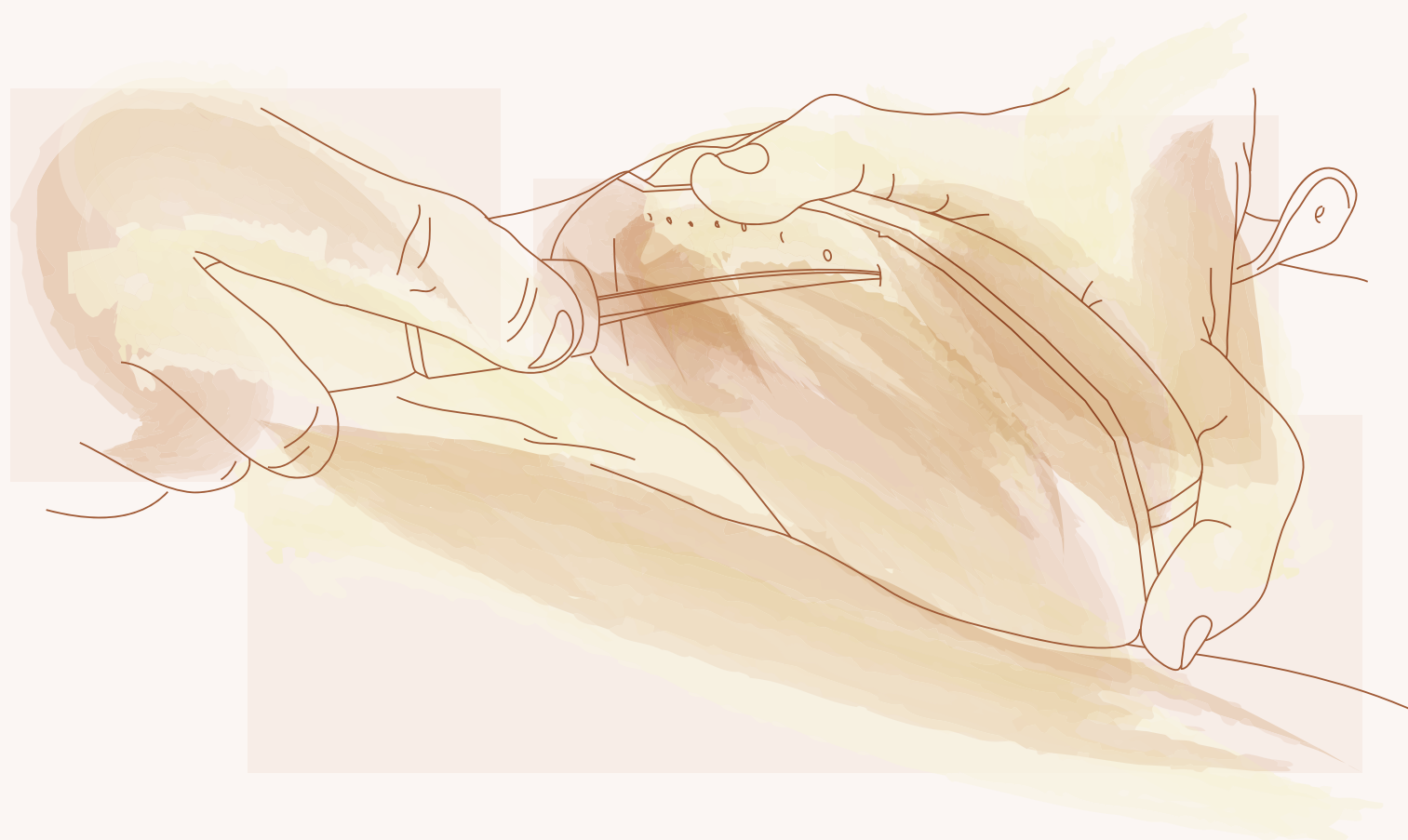
10 - COUROMODA edição 32. São Paulo, 19-22 jul. 2005.
11 - Cf. JORNAL DIÁRIO DO NORDESTE, 15 jul. 2005.
12 - Cf. JORNAL DIÁRIO DO NORDESTE, 03 jul. 2006.
13 - FETECC 7ª edição. Feira realizada em Juazeiro do Norte em setembro de 2004.



14

SINDCALF A
PASSOS LARGOS

14



SINDCALF A PASSOS LARGOS

Não podia ser outro o resultado da eleição do Sindicato calçadista em 2005. Os associados não mexeram no time que estava ganhando e elegeram **Jaime Bellicanta**, pela terceira vez, para a direção da entidade representativa, agora com um mandato de quatro anos. A chapa única foi completada por **José Ribamar Cardoso**, Secretário, e **Hercílio Helton e Silva**, Tesoureiro. Os suplentes eleitos foram **Francisco Homero Guedes da Silveira**, **Vilmar Hauschild** e **Ismar Seragi Cunha**. Para o Conselho Fiscal os associados elegeram **Raimundo Nonato Paiva Recamonde**, **José Alberto de Castro** e **Francibel Pinheiro de Almeida**, tendo **Emílio Fernandes de Moraes Neto** na suplência. Os Delegados representantes junto à entidade de grau superior foram o próprio **Jaime Bellicanta** (Primeiro Titular), **Hercílio Helton e Silva** (Segundo Titular) e **José Ribamar Cardoso** (Suplente).

Um importante acontecimento apoiado pela Diretoria do Sindcalf e promovido conjuntamente pela Assintecal - Associação Brasileira de Empresas de Componentes para Couro, Calçados e Artefatos; Sebrae; e Apex-Brasil, Agência de Promoção de Exportações e Investimentos, atraiu a atenção dos empresários do setor e da mídia econômica local. O 12º Fórum de Design e Tecnologia de Materiais para Calçados e Acessórios, que percorreria os 15 polos calçadistas brasileiros mais atuantes, colocou o Ceará em seu roteiro, dando ao Estado o privilégio de ser o único do Nordeste enquadrado no programa¹.

O Fórum era reconhecido como um dos mais importantes eventos do design de calçados, apresentando as novidades na área. Havia sido realizado em São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, e chegava a Fortaleza para apresentar palestras informativas e workshops sobre inspiração, cores e formas, tendências de moda, comportamento, análise de público-alvo e diagnóstico empresarial.

1 - Cf. REVISTA DA FIEC, 30 set. 2009.

Jaime Bellicanta se posicionava, em nome do Sindicato, afirmando que “a busca de inovações e novas performances é fundamental para o setor calçadista cearense tornar-se mais competitivo no mercado interno e externo”².

O encontro realizou-se na FIEC. As apresentações do consultor **Luis Augusto Amaro**, e do estilista **Walter Rodrigues**, coordenador do Núcleo e do Fórum de Design, responsável pela palestra “Transformando Inspirações em Produtos”, ganharam o acompanhamento dos mais de 300 profissionais do Estado que ocuparam o Auditório Waldyr Diogo³ buscando justamente ouvir especialistas nesse momento em que se configurava “um novo cenário para a moda brasileira no segmento de calçados e acessórios”, e em que se “consolidava o design autoral como estratégia de inovação e competitividade no setor de componentes de calçados e acessórios”⁴.

O workshop discutiu busca de identidade própria, agregação de valor ao produto, uso do artesanato e de detalhes inusitados como caminhos para o novo comportamento do segmento, facilitando a abertura de novos mercados e a valorização da produção nacional e local. Efetuava-se um dos deveres estatutários

2 - Cf. JORNAL DIÁRIO DO NORDESTE, 13 mar. 2007.
3 - Cf. JORNAL DA FIEC, 31 mar. 2007.
4 - Cf. JORNAL DIÁRIO DO NORDESTE, 13 mar. 2007.

“A busca de inovações e novas performances é fundamental para o setor calçadista cearense”.

Jaime Bellicanta

O Sindcalf organizou missão empresarial para participar de feiras calçadistas na Alemanha, França e Itália.

do Sindicato: “Promover o estudo de problemas econômicos, jurídicos, fiscais e quaisquer outros que digam respeito ao interesse da categoria econômica e, nesses assuntos, dar assistência aos associados”⁵.

A FIEC sediou em outubro a palestra “Inspirações Inverno 2008”, ministrada por **Ilana Azeneth**, consultora de moda do Núcleo de Design da Assintecal, antecipando as tendências do ano seguinte. A palestra compunha o 13º Fórum de Design e Tecnologia de Materiais para Calçados e Acessórios, promovido pelo Sindicato da Indústria de Calçados de Fortaleza para o setor. Mais de 120 empresas receberam o Catálogo de Componentes⁶.

O passo seguinte levou à Europa. O Sindcalf mobilizou os associados e organizou missão empresarial para participar de três importantes feiras calçadistas, realizadas na Alemanha (Dusseldorf), França (Paris) e Itália (Milão). A programação da comitiva, composta pelos representantes de sete empresas associadas, incluiu visita às feiras GDS (14 a 16 de setembro), Lecuir a Paris (18 a 21 de setembro) e Micam (20 a 23 de setembro de 2007)⁷.

Além dos contatos comerciais, a iniciativa buscou informações sobre novas tecnologias e design de calçados. Para os que não foram às feiras o Sindicato adquiriu material de consulta e pesquisa – catálogos e revistas de moda – na área de calçados e componentes, postos à disposição dos associados.

Nazareno Albuquerque, titular da coluna “De olho no Dinheiro”, do jornal *O Povo*⁸, ouviu o presidente **Bellicanta**, “que não faz o coro dos chorões do setor”, nas palavras do jornalista. “Na opinião de **Jaime**, a indústria cearense deve fechar o ano com um crescimento de mais de 10% devido à maneira como se preparou para enfrentar os desafios ao longo deste ano”.

Disse ao jornalista o representante maior do Sindicato: “Com a paciência dos orientais o setor organizou-se, e participou de missões de conhecimento e negócios em grandes feiras internacionais, em busca da produção de produtos diferenciados, com melhor design e modelagem, e preços competitivos”. Graças a esse trabalho, empresas como Dakota, Fortplast, Grendene, HB, Kind Calçados e Recamonde “despontaram em 2007 com belo desempenho em exportações e vitórias no mercado interno”.

A matéria encerrava o mês de dezembro e o jornalista cobrou um balanço do setor, formulando a pergunta que não queria calar: O que falta agora para deslanchar? Orientalmente paciente, **Bellicanta** deu a resposta: “Associativismo, para poder atender às grandes encomendas internacionais e obter economia de escala em toda a cadeia produtiva. Esta deve ser a meta do setor cearense para 2008, com um planejamento consistente, consultorias e qualificação profissional”.

A empresa da qual o Presidente era Gerente de Divisão, reportando-se diretamente ao Presiden-

te, dava o bom exemplo. A Grendene fechou 2007 com um faturamento de R\$ 144 milhões, dos quais 95% registrados no Ceará. “A empresa vestiu o *matulão* e gostou da nossa paçoca”, brincou o jornalista **Nazareno**. “Emprega hoje 4.500 cearenses nas suas unidades do Cariri e Barra do Ceará, e 17 mil em Sobral, um mundão de gente que mudou a história econômica da Princesa do Norte”⁹.

O sucesso da realização do Fórum de Inspirações para Calçados e Artefatos levou o evento a se repetir em 2008 e 2009¹⁰. Profissionais “que fazem a diferença no mercado”¹¹ reuniram-se, ano após ano, para apresentar as tendências que iriam influenciar a moda do inverno seguinte, preparando a indústria calçadista para a demanda dos consumidores. O evento facilitou acesso a todos os interessados - empresários, profissionais e estudantes ligados ao setor coureiro calçadista - levando a parte de design e de desenvolvimento de produto para fornecedores e para os ditos calçadistas.

A promoção se deveu ao Sindcalf em parceria com a Assintecal e outras entidades, sob a coordenação de **Walter Rodrigues**. Além do seminário os participantes conferiram “uma exposição de protótipos de calçados e acessórios, conheceram o showroom com empresas de vários estados,¹²” e participaram da Oficina de Criação, recebendo orientações “sobre a decodificação das inspirações apresentadas na pesquisa do Fórum e sobre a melhor forma de aplicar essas informações na fase de desenvolvimento de novas coleções e materiais.”¹³

9 - Cf. ANUÁRIO DO CEARÁ 2013. Refere-se ao município de Sobral, Norte do Estado, 250km de Fortaleza.

10 - FÓRUM DE INSPIRAÇÕES PARA CALÇADOS E ARTEFATOS. Fortaleza, 2009. Realizado no dia 25 agosto.

11 - Cf. JORNAL DIÁRIO DO NORDESTE, 16 set. 2008.

12 - JORNAL O ESTADO. Fortaleza, 17 set. 2008.

13 - INVEST NE. Fortaleza, 25 ago. 2009.

Os eventos corporificavam as ações estratégicas do Sindcalf para fortalecimento do setor, e a participação em feiras e cursos de capacitação se apresentava como “prioridade” para o Sindicato no biênio 2009/2010¹⁴.

Desde o primeiro mandato **Bellicanta** e sua equipe haviam posto os pés na rua em visita a empresas da área, visando conhecer de perto anseios e objetivos dos empresários. Em março de 2009, encaminhando-se para findar seu terceiro mandato, conduziu uma reunião interna direcionada a definir o planejamento estratégico da entidade para aquele ano e 2010.

Das reuniões chegou-se a um consenso, concretizado em cinco ações voltadas ao fortalecimento do segmento calçadista na Capital cearense. Participação em feira e capacitação de gestores eram os temas gerais, que a *Revista da FIEC* apresentou em detalhes¹⁵. Sobre as feiras **Jaime** justificou: “A interação em eventos de tal porte, nos quais estão presentes os principais produtores e comerciantes brasileiros e de outros países, é fundamental para manter os produtos cearenses sempre atualizados em relação às principais tendências, contribuindo para que permaneçamos no meio dos principais polos calçadistas do Brasil”.

Daí ter sido listada como primeira ação a participação de calçadistas fortalezenses na Francal 2009. Parceria entre o Sindcalf, Sebrae-CE e FIEC facilitou o financiamento para montagem de estandes cearenses e o deslocamento dos empresários locais para São Paulo.

A segunda ação fixou-se no processo permanente de capacitar os administradores das empresas em gestão financeira, e o Presidente explicou a razão dessa prioridade: “Aos nossos associados interessam questões práticas, como saber cal-

14 - Cf. REVISTA DA FIEC, 30 set. 2009.

15 - Ibidem, 2009.

5 - SINDCALF. Estatutos, Art.3º, II.

6 - Cf. JORNAL DIÁRIO DO NORDESTE, 14 out. 2007.

7 - Cf. REVISTA DA FIEC, 30 nov. 2007.

8 - ALBUQUERQUE, Nazareno. De olho no dinheiro. In: Jornal o Povo. Fortaleza, 30 dez. 2007.



cular com precisão o preço das suas mercadorias, ou comunicar, com eficiência, informações para seus colaboradores”.

As ações seguintes voltaram atenção à desenvoltura pessoal em inevitáveis apresentações públicas, e à implantação nas empresas dos programas *D’Olho na Qualidade - 5S* e *Sistema de Gestão da Qualidade ISO-9001*. Quanto aos programas de qualidade, a relevância se devia ao fato de muitas empresas ainda desconhecerem as vantagens de seguir um padrão de reconhecimento mundial, requisito básico para o acesso ao mercado internacional. “A melhoria de produtos e processos é o alvo principal de nossos empresários”, reforçava o Presidente. “E é exatamente isso que os programas de qualidade proporcionam”.

O Sebrae-CE mostrou-se o parceiro ideal para a implantação das ações, devido à experiência do órgão no apoio a micro e pequenas empresas, que representam mais de 95% das unidades fabris de Fortaleza, incluindo as calçadistas. **Jaime Bellicanta** e seus Diretores entraram em contato com **Jorge Parente**, Presidente e Conselho da entidade, valendo-se da proximidade estabelecida nos dois períodos sucessivos em que **Jorge** presidiu a FIEC¹⁶, iniciados justamente em 1999 - o mesmo ano em que **Jaime** assumia a direção do Sindcalf. Foram bem recebidos, sendo possível montar uma agenda de cursos para 2009 e 2010 com recursos do Sebrae-CE e a devida contrapartida das empresas e do próprio Sindicato.

¹⁶ - Jorge Parente presidiu a FIEC de 1999 a 2007.

Hoje à frente de uma empresa de Consultoria, **Jorge Parente** demonstra respeito pelo Presidente do Sindcalf, a quem atribui “ter dado força ao setor profissionalizando o Sindicato”. Na visão do ex-Presidente da FIEC, os bons resultados se sustentam em fundamentos básicos para o empresário, quais sejam, a busca pela mão de obra qualificada, a atenção à matéria-prima e o conhecimento do mercado.

Dentro da agenda, o primeiro curso oferecido, de Gestão Financeira, contou com a participação de 20 empresários, teve início ainda em outubro de 2009 e disponibilizou as

ferramentas necessárias ao aperfeiçoamento da gestão dos negócios. A primazia de implantação da ISO 9001, por meio da parceria Sindcalf/Sebrae-CE, coube à empresa Recamonde, fabricante de calçados de segurança.

A empresa comemorava. O então vice-Presidente **Homero Guedes da Silveira** aproveitava o ensejo para repetir o convite aos demais empresários: “Juntando-se ao Sindicato o empresário só terá benefícios. Estamos

trabalhando para proporcionar o máximo de ações visando fortalecer o setor calçadista de Fortaleza”. **Jaime Bellicanta** externava a posição institucional quanto ao desdobramento das ações empreendidas: “O Sindcalf se sente recompensado por contribuir, articulando a participação de empresas e estudantes, para manter o Ceará entre os principais polos calçadistas do país”.





15

UM NOVO MOMENTO

15



UM NOVO MOMENTO

A permanência de **Jaime Bellicanta** na presidência repetiu-se pela quarta vez em 2010, levando-o mais perto de alcançar a marca de duas décadas estabelecida pelo oitavo Presidente, **Edgard Damasceno**. Não que esse fato tenha maiores significados para **Jaime**, que não tem a perpetuação em seus planos. A aceitação sequencial se dá pelos mesmos motivos que levaram os presidentes anteriores a repetir os mandatos: o desejo dos demais associados pela manutenção da continuidade.

Sabe também que a administração compartilhada é a chave dos resultados positivos, tanto que ao assumir, em 2010, definiu como objetivo do Sindicato “fazer uma administração participativa e atuante, na qual seus associados frequentem a casa com ideias e opiniões. Com isso teremos um Sindicato fortalecido com muita energia, inteligência e sabedoria, para juntos enfrentarmos os desafios que teremos pela frente”.

A chapa que conquistou os votos para a condução do Sindicato no período 2010-2014 é composta pelos seguintes empresários, além do já referido Presidente: **Homero Guedes da Silveira** (Diretor Secretário), **Hercílio Helton e Silva** (Diretor Tesoureiro), **Vilmar Hauschild**, e **Ismar Seragi Cunha** (Suplentes da Diretoria), **Raimundo Nonato Paiva Recamonde**, **José Alberto de Castro**, e **Francibel Pinheiro Almeida** (membros efetivos do Conselho Fiscal) e **Emílio Fernandes de Moraes Neto** (Suplente). **Jaime** e **Hercílio** são os delegados representantes junto à FIEC.

Jaime revela ter uma estima muito especial pela atual Diretoria, que tem demonstrado um sentido pleno de parceria e contribuição, honrando os cargos a eles atribuídos pelo voto dos associados. En-

tre eles está **Emílio de Moraes**, gaúcho de Caxias do Sul. Residente em Fortaleza desde primeiro de outubro de 1995, tendo vindo a serviço da Gren-dene, **Emílio** trazia pequena experiência sindical. A experiência maior tem sido mesmo na Capital cearense, ao longo do tempo em que vem exercendo suas funções em uma entidade que vê “com muita transparência, e com muita participação de todos os associados, que trabalha em benefício da classe patronal de calçados, e que agrega os profissionais dessa área proporcionando missões empresariais, participação em Feiras, cursos e treinamentos”.

Na avaliação de **Emílio**, o Sindicato tem se mostrado combativo e inovador. No Conselho Fiscal acompanha de perto as decisões da entidade quanto à aplicação correta dos recursos que administra, vê o cuidado com a Tesouraria, com a manutenção dos pagamentos em dia e a representação leal das empresas que participam. “Os objetivos são sérios”, afirma **Emílio**, destacando a transparência total, “fonte de grande segurança para as empresas sindicalizadas”.

Para ele, muitas das características do Sindcalf de hoje provém, de certa forma, de características próprias do Presidente, que conduz as atividades “de maneira correta e no tempo certo, preparando as reuniões com o cuidado de sempre revisar os assuntos anteriores e projetar os assuntos atuais, em conjunto com os demais associados”. **Emílio** conclui: “O objetivo é sempre agregar, optando pelas melhores decisões”.

Desde aquela primeira eleição de **Jaime Bellicanta**, beirando a virada do século, deu-se a partida em “uma nova página na história do Sindicato da Indústria de Calçados de Forta-

Adair Flores - Gerente Industrial da Fabrica Melissa, Grendene-Fortaleza;
Jaime Bellicanta - Presidente Sindcalf; e Hercílio Helton e Silva - Tesoureiro do Sindcalf.



leza”, na qualificação do portal oficial, determinadamente “identificado com os anseios da categoria e os desafios do mundo do trabalho”. A partir de então vem o Sindicato “aprimorando sua capacidade, direcionando esforços para uma melhor colocação do setor, contando com uma infraestrutura para melhor atender aos seus associados”, cujo número vem crescendo. O trabalho é realizado “de maneira a aproximar a entidade dos empresários da categoria e, assim, conhecer a realidade do setor.”

A promoção de Seminários passou a ser adotada como parte das ações permanentes, incluindo temas não diretamente relacionados com calçados. Um bom exemplo foi o seminário “Assédio Moral nas Relações de Trabalho”¹, acontecido na Casa da Indústria, visando oferecer a gerentes e profissionais da área de recursos humanos informações sobre o tema².

A apresentação coube ao advogado **Adenauer Moreira**, para quem o Sindcalf tem mostrado na última década “um brilhante trabalho em prol

de seus associados, com intervenção junto aos poderes públicos ou privados na busca de soluções que possam beneficiá-los, além de promover integração da categoria e participação em feiras nacionais e internacionais.” Experimentado na área trabalhista e sindical, o advogado indica, ainda, como inegáveis vantagens oferecidas pelo Sindicato, a disponibilização de consultoria jurídica e os subsídios para os que desejam participar de feiras e cursos.

A presença em feiras tornou-se parte do calendário. Depois das visitas à Europa era tempo de conhecer o outro lado do mundo. A estreia no Oriente se deu em outubro e novembro de 2010, quando 17 empresários da indústria calçadista embarcaram para a China, sob a liderança dos Sindicatos de Juazeiro do Norte e de Fortaleza, apoiados pelo Centro Internacional de Negócios - CIN da Federação. O propósito da viagem era duplo: prospectar a aquisição de máquinas, oferecidas a preços competitivos, e “conhecer de perto os concorrentes asiáticos”³.

Entre a comitiva estava o diretor **Homero**, que formou opinião própria sobre uma concorrên-

3 - Cf. JORNAL DIÁRIO DO NORDESTE, 23 out. 2010.

cia tida como desleal: “Na missão à China vi de perto como é. Eles são muito antenados mas o produto não tem qualidade. Em alguns polos mais emergentes estão flexibilizando a legislação, buscando direitos trabalhistas, mas nas regiões mais afastadas de Pequim ainda continua quase trabalho escravo. Não temos capital suficiente para fazer frente a essa concorrência”.

Três feiras integraram o roteiro: Shoetec, China Shoes e Canton Fair, as duas primeiras voltadas a máquinas e insumos para produção de calçados e acessórios, a última dedicada à importação e exportação, todas elas de grande representatividade nos negócios do setor. Era vital continuar empenhado no tripé sustentabilidade, inovação e design.

A China não arrefecera o ímpeto com que invadira o mundo, e que continuaria por tempo indeterminado. Embora de qualidade questionável, seus produtos, embalados em subsídios governamentais e salários irrisórios, atendiam à fome pelo consumo de baixo custo. As empresas fortalezenses Kind e Recamonde representavam o sentimento do mercado local, como fazia **Raimundo Recamonde** ao considerar ruim o ano de 2011 e o cenário futuro “nebuloso”, e como fazia **Homero Guedes**, para quem a produção registrara significativa queda percentual, e a expectativa para 2012 era de “um ano difícil”.⁴

4 - VALOR ECONÔMICO. São Paulo, 08 dez. 2011.

Desenhava-se, porém, um certo alento, na avaliação do presidente **Bellicanta**, com o setor calçadista de Fortaleza prevendo, para o segundo semestre de 2012, “uma pequena melhora em relação ao mesmo período do ano passado, o que deve impactar também na reposição de postos de trabalho perdidos no primeiro semestre”⁵.

Jaime falava com a autoridade de quem fora considerado há pouco como um dos 50 RHs mais admirados do Brasil, e um dos dez do Nordeste, merecendo o certificado “Destaque Regional – Região

Nordeste – Estado do Ceará”, conforme pesquisa realizada pela revista *Gestão & RH*, baseada na análise de outras três listas de publicações periódicas nacionais: revistas *Exame* (1000 Maiores e Melhores), *Você S/A* e *Época* (Melhores Empresas para se Trabalhar no Brasil). Além das listas foram ouvidos também profissionais de RH de quase 11 mil organizações nacionais.

Como Gerente de Divisão da Grendene, **Jaime Bellicanta** justificava a honraria enume-

rando as ações desenvolvidas pela empresa: a Academia Grendene, o Programa de Educação Corporativa para o desenvolvimento de gestores da organização, o Crescer+, modelo de gestão de pessoas e outras iniciativas⁶. Essa era parte da vivência que levava para a Diretoria do Sindcalf, e que via reconhecida pelos associados e por profissionais de fora do setor.

5 - Cf. REVISTA DA FIEC, 31 jul. 2012.
6 - Ibidem, 31 jul. 2011.



Ismar Seragi Cunha

1 - SINDCALF. Seminário. Fortaleza, 12 dez. 2012.

2 - Assédio moral: “Exposição dos trabalhadores a situações humilhantes e constrangedoras, repetitivas e prolongadas, durante a jornada de trabalho e no exercício de suas funções, sendo mais comuns em relações hierárquicas autoritárias e assimétricas, em que predominam condutas negativas e relações desumanas de longa duração, de um ou mais chefes dirigidas a um ou mais subordinados, desestabilizando a relação da vítima com o ambiente de trabalho e a organização”.

“O Sindicato, da maneira como está agora, está muito bem, todo informatizado, com um respaldo muito grande junto ao Governo do Estado”, constata **Célio Lima**, o filho do sapateiro **João Batista** e de **Valquíria**, de Tianguá. “Qualquer informação técnica que o setor venha a precisar o Sindicato tem. Seja jurídica, tecnológica ou financeira. Só resta o pessoal se reunir”. Com veia de filósofo vindo à tona **Célio** arrisca: “O que falta é a união dos fabricantes. É frequentarem o Sindicato, e por meio do Sindicato irem buscar apoio. As pessoas dizem que família não precisa estar reunida, precisa estar unida. Já com o Sindicato é diferente: nós temos que estar reunidos. Todos estamos precisando das mesmas coisas - informação, tecnologia, como conseguir recursos com mais facilidade - e o Sindicato tem como buscar isso”.

Homero Guedes da Silveira avalia bem o Sindcalf. No negócio de calçados desde 1984, quando abandonou as atividades na Engenharia Civil (graduado pela UFC), e na Economia (diploma da Unifor), para seguir os passos do pai dele - **Geraldo Ricardo da Silveira**, o quixadaense da Sapataria Popular que abriu uma das primeiras fábricas de calçados do Pirambu - **Homero** é ardoroso defensor das vantagens da sindicalização: “Eu acho de uma importância significativa. Ali nós debatemos questões de salários, temos amparo legal em questões trabalhista, temos assessoria... Acho de suma importância que as pessoas partici-



José Alfeu de Castro Neto

pem do Sindicato. Com o **Jaime** visitamos muitas fábricas, para ver se mais gente se aproxima, mas há ainda uma resistência”.

Na véspera o Diretor Secretário escutara de um fabricante a provocação: “Rapaz, eu não participo do Sindicato, aquilo serve para quê? Eu vou gastar meu tempo e meu dinheiro?” E eu respondi a ele: “Você não sabe a importância de estar dentro do Sindicato. As viagens internacionais para feiras, os eventos de atualização, as missões empresariais, o trabalho em grupo - você quer dizer que nada disso serve?” E cortou a conversa: “Desculpe, mas isso é desconhecimento total.”

Os que atuam na área mais especializada de componentes têm também o que dizer. Um deles é **Ismar Seragi Cunha**, nascido em Franca, neto de italianos, Suplente da Diretoria do Sindcalf até 2014. “O Sindicato não era muito ativo”, considera, com a experiência de quem está em Fortaleza desde 1980, de

início como representante de uma empresa de Franca e, mais tarde, como dono da Palmiflex, fabricante de solados, palmilhas e saltos femininos. “Hoje o Sindicato é atuante, totalmente diferente de antes».

Outro empresário da área de componentes, igualmente na suplência da Diretoria, é **José Alberto de Castro**, apelidado de Bode. “Não tem Carneiro? Não tem Bezerra? Por que não pode ter Bode?”, argumenta com bom humor.

Retoma a seriedade para falar sobre sua primeira empresa, Courocel, e sobre a atual, Hectoplast, em sociedade com o filho **José Alfeu de Castro Neto**. “Meu pai tinha uma loja de componentes de calçados, no Mercado dos Couros, na Rua Senador Alencar, nº 272. A maioria dos associados mais antigos conhece. Fui sócio dele por uns dez anos, montei minha empresa, me aposentei e hoje trabalho como representante do meu filho”.

Quanto ao Sindicato, **Castro** é incisivo: “O Sindcalf passou muito tempo praticamente desativado. Era um reflexo da desorganização do setor como um todo. Agora, com uma direção inteligente, estudiosa, um pessoal que conhece o assunto, mudou completamente a figura do Sindicato e do sindicalismo”. O filho dele, representante da terceira geração familiar, concorda. “O movimento é de grande ajuda, congregando em prol do interesse comum. Tem sido muito útil”.

Raimundo Fernandes da Silva, que começara com bolsas em 1979, entrou no Sindicato já durante a presidência de **Jaime** a convite do colega **Ozanan**, ‘bolseiro’ como ele, na linguagem própria do

setor. Participou de reuniões, porém sem assiduidade. “Os horários não eram convenientes para o trabalho dele”, justifica a filha **Sammya**

Fernandes Alves, que passou a ser incumbida de representar a empresa nas reuniões sindicais.

A missão não foi fácil para ela. “No início eu tive receio de enfrentar minhas barreiras. Eu estava resistindo”, confessa. “Não sabia como ia ser nas reuniões, discutindo com homens acima de 40 anos, e eu a única mulher, e a mais jovem...”



Haroldo Bessa



João Fontenelle

Em 2006, graduada em Administração de Empresas pela FA7, tinha ouvido do pai: “Você é filha única, o negócio é seu. Eu vou me aposentar um dia. Se você quiser que a fábrica seja sua, você tem que vir para aprender”. **Sammya** saíra da Faculdade com a cabeça “cheia de ideias”. Foi para o setor administrativo da empresa familiar e, observando o pai, em pouco tempo familiarizou-se com a produção, com o setor

de vendas, com todo o processo que reconhece como duro, e que exige “sangue no olho”, nas palavras dela.

“Eu tomei a decisão de vir para a fábrica”, assume. “Uma época me arrependi, mas hoje não”. Hoje **Sammya** conhece de perto as dificuldades da área, que lista prontamente: “Carência de mão de obra qualificada, bitributação, falta de apoio governamental e ausência de incentivos fiscais” - ao mesmo tempo em que dá seu testemunho das vantagens da participação no Sindcalf. “Comecei a descobrir materiais alternativos através do Sindicato, por exemplo. Isso deu um impulso muito grande, influenciando na nossa linha de produção”.

A participação em feiras é outra vantagem que aponta, sem deixar de louvar a postura do Presidente. “Ele pergunta: ‘**Sammya**, o que você acha?’ Ele não menospreza, e sim valoriza. Isso fez com que eu continuasse indo às reuniões, onde me sinto acolhida”.

O maranhense **Ribamar Cardoso**, que participou de duas Diretorias sob o comando de **Jaime Bellicanta**, e que hoje fabrica componentes para calçados em Juazeiro do Norte, concorda com a importância do Sindicato e com o papel que o Presidente vem desempenhando. Admiração, respeito e agradecimento são termos que utiliza quando se refere à fase da vida em que enfrentou dificuldades financeiras e de saúde, e encontrou no Sindicato uma fonte de apoio.



Alexandre Pereira

“O Sindcalf estava esquecido, a frequência era pequena, e **Jaime** levantou e deu credibilidade. Ele e os colegas dele”. **Ribamar** chegou a empregar 160 pessoas em sua empresa no município de Maracanaú, que trocou por Juazeiro do Norte, onde chefia a ECC Plásticos.

José Bueranes da Silva é mais uma voz com observações positivas sobre o Sindicato, nas quais inclui como qualidades atuação permanente, transparência nos procedimentos, e “um lugar onde a gente pode botar o papo em dia, com quem sente as mesmas dores”. Para ele, o advogado **Adenauer Moreira** dá um bom exemplo de como deve ser conduzida a orientação aos profissionais do mercado.

Aquele calçadista que preferia jogar bola e não frequentar as reuniões sindicais pensa atualmente de outra forma. “Eu achava que não precisava de Sindicato. Depois de muito tempo foi que acordei”, revela. Isso porque viu “um profissionalismo de primeira, um grande interesse em ajudar, e sozinho a gente sabe que não dá para levar nada. É preciso a união de todos para brigar pelo que queremos.” A continuidade do pensamento é natural: “Acho até que eu deveria ter entrado antes no Sindicato...”

Na Bumerang ele faz “de tudo” - compra, vende, negocia - o que casa sob medida com sua disposição inquieta. Sua única filha, **Ana Ca-**

rolina, formou-se em Fisioterapia na Unifor e trabalha com representação farmacêutica. “Ela gosta muito de vendas”, complementa, quem sabe esperançoso de uma continuidade.

O carioca **Haroldo Bessa** tem também sua história com o Sindicato. É dono da empresa Couro & Cia, a primeira marca cearense a abrir franquia, que detém 18 lojas no Nordeste e no Centro-Oeste, com selo de excelência e o honroso título de Melhor Franquia, concedido pela Associação Brasileira de Franquias. Embora more em Fortaleza desde 1993, apenas em 2013 associou-se ao Sindcalf. “Fui vizinho do **Jaime**”, ele diz. “É um contato muito bom, dispõe de informações muito boas, é uma pessoa que sabe guiar muito bem o Sindicato”. Com a esposa, os filhos e o genro assumindo o comando da empresa, **Haroldo** considera que o Sindicato está sendo bem conduzido perante a Secretaria da Fazenda, e que é importante profissionalizar. Como resume, “a gente está na briga, e o Sindicato está ajudando”.

O Sindicato tem seus observadores externos, que não são diretamente ligados à atividade calçadista, porém estabeleceram uma certa aproximação. É o caso do ex-Presidente do Sindicato das Indústrias Químicas e Farmacêuticas do Ceará - Sindquímica, **João Fontenelle**, para quem o Sindcalf “passou por um período de transformação para melhor, com a atual administração, beneficiando muito as indústrias e trazendo um desenvolvimento inigualável para a nossa indústria de

calçados, provando a importância de uma boa administração sindical”.

Ao lado de **Bellicanta**, **Fontenelle** participou de algumas Diretorias dentro da Federação e do Conselho da FIEC, sendo **Jaime** o Presidente do Conselho Temático da Federação, o que deu ensejo a uma relação fortalecida de companheirismo e amizade entre ambos.

“Sempre foi muito importante a contribuição que o Sindcalf deu [à Federação], inclusive

através do próprio **Jaime Bellicanta**, que é um homem de visão, muito bem preparado, sempre atualizado com toda a legislação, com todo o meio sindical, e que é respeitado pela opinião que ele dá”. Para **Fontenelle**, “o Sindcalf tem contribuído muito para elevar a qualidade dos Sindicatos, de forma geral, dentro da Federação das Indústrias”.

O Secretário de Estado e Presidente do Conselho Estadual de Desenvolvimento

Econômico - CEDE do Governo do Ceará, o empresário **Alexandre Pereira**, só tem o que louvar no setor calçadista local, que qualifica como “um dos ícones da economia do Ceará. Além de empregar dezenas de milhares de pessoas, é a atividade com maior participação nas exportações cearenses, e representa um grande percentual no PIB do estado”. Para ele, “A indústria de calçados é fundamental para a economia local, e vem apresentando ótimos resultados ao longo dos anos”.



Roberto Macêdo



As reuniões da Diretoria acontecem às terças-feiras.

Há um modelo democrático na atividade, expõe o Secretário: “O setor abriga tanto pequenos fabricantes, as micro e pequenas empresas, quanto os grandes produtores, gerando emprego e renda para a população”. E não vê dificuldades em perceber que o Sindicato calçadista “tem desempenhado com plenitude seu papel de indutor e agregador das atividades na área, e sob o comando experiente de **Jaime Bellicanta** vem contribuindo intensamente para manter a categoria envolvida nos avanços técnicos e criativos do setor”.

Na condição de observador externo, **Alexandre Pereira** percebe “a união existente entre os que compõem o Sindcalf, focados em um mesmo objetivo, o que sem dúvida vem contribuindo para o quadro positivo que apresenta”.

A palavra do Presidente da Federação das Indústrias do Estado do Ceará, **Roberto Proença de Macêdo**, se une à dos anteriores em considerações sobre o longo tempo de existência do Sindcalf, anterior mesmo ao da própria Federação: “O Sindcalf tem uma importância histórica que se entrelaça com os primeiros passos do processo de industrialização do Brasil”, analisa. “Ele foi a expressão organizacional do desejo de associação

de empresários que aproveitaram a nossa tradição exportadora de peles de animais para criar, em Fortaleza, um parque industrial de grande relevância para a cadeia produtiva do couro no Ceará”.

O Presidente prossegue: “Dada a importância do setor calçadista na nossa cidade, o espírito associativo dos empresários daquela época, incorporando o valor da união como meio de expressar força, reconheceu no Sindcalf um dos elementos essenciais para a fundação da nossa FIEC”. Na Presidência até setembro de 2014, **Macêdo** contextualiza as atividades do Sindicato calçadista: “Uma das atenções maiores da gestão da nossa diretoria na FIEC tem sido a busca de fortalecimento do associativismo, no qual os sindicatos são considerados os componentes básicos do nosso sistema representativo”, situa. Nesse sentido é que tem acompanhado os esforços do Sindcalf, “estimulando a verticalização do setor, complementando as linhas de componentes na produção de calçados e incentivando o aumento do valor agregado dos produtos”.

O momento atual do Sindicato é observado de perto: “Durante esse período em que o Sindcalf vem sendo presidido pelo **Jaime Bellicanta**, destaco o seu empenho no apoio técnico, operacio-

nal e na evolução do *design* às micro e pequenas empresas, visando ao aumento da produtividade e da competitividade”. Embora reconheça que Fortaleza, “o berço da indústria de calçados no Ceará”, vem tendo freada a expansão de seu setor calçadista, “por conta da necessidade de descentralização industrial, determinada por políticas voltadas para a melhoria da renda das populações do interior e para a contenção do inchaço das metrópoles”, **Roberto Macêdo** reconhece que o setor, mesmo assim, “continua sendo relevante para a economia da cidade, gerando mais de quatro mil empregos diretos”.

Ao Sindicato da Indústria de Calçados de Fortaleza, na comemoração dos 70 anos, ele dirige seus parabéns e deseja que “o exemplo de longevidade e liderança sirva de estímulo a sindicatos de outros setores”.

Jaime Bellicanta vai quase diariamente ao Sindcalf, e conduz as reuniões na noite das terças-feiras. Seu modo de administrar é bem próprio, delegando e repartindo. Desde o ano 2000, o Sindcalf conta com uma Assessora Sindical, **Regina Caetano**, com papel de importância na estrutura interna, tecnicamente comprometida com os objetivos da entidade para melhor atender as empresas, em especial no tocante à organização e logística das feiras, treinamentos, elaboração de pauta das reuniões com a Diretoria e redação das atas, além de contribuir na elaboração do planejamento estratégico anual do Sindicato.

Grande parte do dia de **Jaime** é dedicado à Grendene, onde ocupa uma sala no prédio de tijolinhos vermelhos, construído por **Edgard Damasceno**. As mudanças empreendidas no prédio, a

partir de 1991, não alteraram o desenho original do módulo executivo, exceto para ampliar o entorno com novos blocos onde funcionam as fábricas, a portaria, o almoxarifado, o vestiário, o restaurante com cozinha industrial capaz de atender os 3.200 funcionários, e a “ponte” que interliga o final da esteira de produção com o setor de expedição, de onde os caminhões são carregados e despachados para todo o Brasil.

São sapatos injetados, moldados por máquinas que fabricam, em menos de um minuto, um par de sandálias, sapatos, ou botas. A matéria-prima é outra, os tempos são outros. **Jaime** tem visão lúcida do salto tecnológico que, em apenas uma geração, distanciou o modelo de trabalho da Grendene daquele formato tradicional, que fabricava calçados de couro, feitos à mão, deixando transparecer em cada par a marca da dedicação pessoal. Sabe, como sabem todos os calçadistas, que para atender ao mercado de massa são exigidos produtos fabricados massivamente, e que é possível estabelecer uma coexistência pacífica entre as duas culturas operacionais.

Sabe que o Sindicato enfrentou e enfrentará percalços, decorrentes de crises externas ou não, exclusivas ou não, repercutindo inevitavelmente em todos os setores de um mundo que se conecta e se interliga, em promessas e desafios.

Mas isso não o preocupa agora, caminhando entre as pilhas de caixas de Melissa, indiferente ao doce perfume de morango, característico da marca, acompanhando o ritmo da produção, ouvindo o bater do coração da indústria, admirando do segundo piso o movimento das esteiras, a azáfama dos trabalhadores de uniforme azul sob os gigantescos ventiladores de teto, que amenizam o calor cearense. É um homem com os pés no chão, satisfeito com o que faz.



As pessoas são transitórias, novos nomes vêm,
no ciclo natural ao qual todos nós obedecemos.

Mas as instituições, essas se perpetuam.

E permanecem muito mais sólidas se
soubermos garantir sua sustentabilidade, se
conseguirmos erguer seus padrões de qualidade e
profissionalismo, para buscarmos os instrumentos
que fortaleçam a confiança nelas depositada.

Este é, hoje e sempre, o projeto de futuro do
Sindicato da Indústria de Calçados de Fortaleza.

FONTES DE CONSULTA



FONTES DE CONSULTA

AGÊNCIA CNI. São Paulo, 25 nov.2002.
---. São Paulo, 20 abr.2004.

ANUÁRIO DO CEARÁ 1948. Fortaleza, 1947.
--- 1952. Fortaleza, 1951.
--- 1972. Fortaleza, 1972.
--- 1979/80. Fortaleza, 1978.
--- 2013. Fortaleza, 2012.

AZEVEDO, Miguel Ângelo de (Nirez). *Cronologia ilustrada de Fortaleza: roteiro para um turismo histórico e cultural.* Fortaleza: Banco do Nordeste, 2001.

CEARÁ: os caminhos do desenvolvimento. *Revista Manchete.* Rio de Janeiro, n.1057, 1972. Suplemento.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO CEARÁ. Fortaleza, 20 out.1998.

FEITOSA, Cid Olival. *Os impactos do sistema de incentivos fiscais (34/18 – FINOR) para a economia sergipana.* Disponível em: <http://www.eumed.net/.../impactos-sistem-incentivos-fiscais-economia-sergipana.html> Acesso: em: 13 fev. 14.

FROTA, Luciara Silveira de Aragão. *Políticos e empresários na industrialização do Nordeste.* Fortaleza: SECULT, 1989. Anexo 3.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *Centro de Documentação. O Brasil na guerra: Coordenação da Mobilização Econômica.* Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/produção/dossiers/AEraVargas1/anos37-45>. Acesso em: 08 fev.14.

GUIA DA CIDADE DE FORTALEZA 1939. Fortaleza, 1938.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Indicadores sociais municipais: uma análise dos resultados do universo do censo demográfico 2010.* Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

INVEST NE. Fortaleza, 25 ago.2009.

JORNAL DA FIEC. Fortaleza, nov.2002.
---. Fortaleza, dez.2003.
---. Fortaleza, 30 mai.2005.
---. Fortaleza, 31 mar.2007.

JORNAL DIÁRIO DO NORDESTE. Fortaleza, 24 dez.1995
---. Fortaleza, 20 mai.1996.
---. Fortaleza, 15 jul.2005.
---. Fortaleza, 03 jul.2006.
---. Fortaleza, 13 mar.2007.
---. Fortaleza, 14 out.2007.
---. Fortaleza, 16 set.2008.
---. Fortaleza, 23 out.2010.

JORNAL EXCLUSIVO. Novo Hamburgo, 1973.

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo, 1997.

JORNAL GAZETA DE NOTÍCIAS. Fortaleza, 21 jul.1944.

JORNAL O ESTADO. Fortaleza, 17 set. 2008.

JORNAL O NORDESTE. Fortaleza, 10 jul.1944.

JORNAL O POVO. Fortaleza, 29 mar.1978.
---. Fortaleza, 04 abr.1981.
---. Fortaleza, 29 ago.1981.
---. Fortaleza, 27 set.1996.
---. Fortaleza, 12 jul.2004.
---. Fortaleza, 11 jan.2005.
---. Fortaleza, 30 dez.2007.

JORNAL TRIBUNA DO CEARÁ. Fortaleza, 12 jun.1981.
---. Fortaleza, 01 out.1999.

MENSAGEM DO GOVERNO DO ESTADO À ASSEMBLEIA LEGISLATIVA. Fortaleza: SEPLAN, 2005.

MOTA, Leonardo. *Datas e fatos para a história do Ceará.* *Revista do Instituto do Ceará.* Fortaleza, t. LXXVI, 1962.

NOBRE, Geraldo da Silva. *O Processo histórico de industrialização do Ceará.* Fortaleza: SENAI, 1989.

REVISTA DA FIEC. Fortaleza, 30 nov.2007.
---. Fortaleza, 30 set.2009.
---. Fortaleza, 31 jul.2011.
---. Fortaleza, 31 jul.2012.

REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ. Fortaleza, 15 dez.1943.
---. Fortaleza, 12 jul.1943.
---. Fortaleza, 15 mar.1943.

SILVA, Paulo Roberto; ROSA, Antonio Lisboa T. da . *A Indústria de calçados tradicional do Ceará: diagnóstico e competitividade.* Fortaleza: UFC/FCPC/SEBRAE-CE/SINDCALF, 1998.

SINDCALF. *Atas de 1942 – 1999.* Documentos não impressos.

VALOR ECONÔMICO. São Paulo, 08 dez. 2011.

DIRETORIA





DIRETORIA

Diretor Presidente

Jaime Bellicanta

Diretor Secretário

Francisco Homero Guedes da Silveira

Diretor Tesoureiro

Hercílio Helton e Silva

Suplentes da Diretoria

Ismar Seragi Cunha

Vilmar Haushild

Conselho Fiscal /Membros Efetivos

Raimundo Nonato Paiva Recamonde

José Alfeu de Castro Neto

Francibel Pinheiro Almeida

Suplente

Emílio Fernandes de Moraes Neto

Delegados representantes junto
à entidade de grau superior.

Efetivos

Primeiro Efetivo

Jaime Bellicanta

Segundo Efetivo

Hercílio Helton e Silva



Sindcalf

Sindicato da Indústria de Calçados de Fortaleza

Sindicato da Indústria de Calçados de Fortaleza - Sindcalf
Av. Barão de Studart, 1980, 3º Andar, Aldeota, Fortaleza-CE
fone/fax: +55 (85) 3261-2250
sindcalf@sfiec.org.br | www.sindcalf.org.br